

GISLANE FERREIRA DE MELO

**PERFIL PSICOLÓGICO DE ATLETAS BRASILEIROS BASEADO NA TEORIA DO
INDIVIDUALISMO-COLETIVISMO E NA METODOLOGIA DO MODELO
INTERATIVO**

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação Stricto Sensu em Educação Física da Universidade Católica de Brasília, como requisito parcial para obtenção do Título de Doutora em Educação Física.

Orientadora: Dr^a. Adriana Giavoni

**Brasília
2008**

Livros Grátis

<http://www.livrosgratis.com.br>

Milhares de livros grátis para download.

Tese de autoria de Gislane Ferreira de Melo, intitulada “**PERFIL PSICOLÓGICO DE ATLETAS BRASILEIROS BASEADO NA TEORIA DO INDIVIDUALISMO-COLETIVISMO E NA METODOLOGIA DO MODELO INTERATIVO**”, apresentada como requisito parcial para obtenção do grau de Doutor em Educação Física da Universidade Católica de Brasília, em 01 de dezembro de 2008, defendida e aprovada pela banca examinadora abaixo assinada:

Prof^ª. Dra. Adriana Giavoni
Orientadora
Pós-Graduação Strito Sensu em Educação Física - UCB

Prof^ª. Dra. Claudia Cristina Fukuda
Pós-Graduação Strito Sensu em Psicologia - UCB

Prof^ª. Dra. Tânia Mara Sampaio
Pós-Graduação Strito Sensu em Educação Física - UCB

Prof. Dr. Mauricio Gattai Barra Filho
Pós-Graduação Strito Sensu em Educação Física - UFJF

Prof^ª. Dra. Maria Fátima Glaner
Pós-Graduação Strito Sensu em Educação Física - UCB

Brasília
2008

Dedico este trabalho a meu pai. Sei o quanto deve estar orgulhoso por este momento. Que você esteja alegrando o céu como nos alegrava aqui.

AGRADECIMENTOS

Aproveito as palavras do meu amigo Flávio Vasconcelos que escreveu que agradecer não é uma tarefa fácil, pois sempre nos esquecemos de algo, de alguém, de uma situação..... Se porventura me esquecer de alguém, peço-lhes desculpas.

A Deus por ser tão amigo e por me fazer acreditar que nunca estou só;

A Profa. Dra. Adriana Giavoni, pela dedicação, amizade e carinho. Tenho a honra e o orgulho de ser sua orientanda e aprendiz. Não só pela sua competência intelectual, mas pela capacidade de entender e ajudar nos momentos mais difíceis;

A minha mãe, por estar sempre do meu lado nos momentos bons e ruins, sem questionamentos e julgamentos e, também, por ser exemplo de dedicação;

Aos meus irmãos, cunhadas, sobrinhos e sobrinhas, por compreenderem minhas ausências e minhas angústias;

A prima e amiga Elita Melo, sou mais feliz por ter você ao meu lado;

As amigas: Claudia Dias, Sandra Bessa e Vânia Nunes por estarem sempre por perto quando eu não conseguia realizar tudo que precisava;

Aos amigos Isabel Miranda, Cláudio e Sérgio (Minas Tênis Clube), obrigada por acreditarem neste trabalho;

Aos Prof. Dr. Francisco Martins e ao Prof. Dr. Jorge Hamilton por me apoiarem e confiarem no meu trabalho;

Aos atletas, técnicos e funcionários do SEDESPORTE que compreenderam minha correria e minha ausência em momentos decisivos;

Aos atletas e técnicos, os quais foram e sempre serão a fonte de todas as idéias;

Aos secretários do Curso de Graduação e Pós-Graduação Eliton, Sabrina e Wesley por se mostrarem dispostos a amenizar minhas angústias;

A Universidade Católica de Brasília por me proporcionar a alegria de ser uma professora universitária e por me ajudar a completar mais uma fase do meu aprendizado.

Todos nós possuímos dois pólos, porém, após este trabalho tenho a certeza de que a felicidade do ser humano se encontra no equilíbrio destes pólos, como no equilíbrio dos esquemas, dos constructos, dos sentimentos, ou seja, na síntese dos opostos.

RESUMO

Referência: MELO, Gislane Ferreira de. **Perfil psicológico de atletas brasileiros baseado na teoria do Individualismo-Coletivismo e na metodologia do Modelo Interativo**. 2008. 119 páginas. Pós-Graduação Stricto Sensu em Educação Física – Universidade Católica de Brasília, Brasília, 2008.

O objetivo deste trabalho foi avaliar o perfil psicológico de atletas classificados em grupos tipológicos baseados na teoria do Individualismo-Coletivismo. O Modelo Interativo foi utilizado como metodologia para a classificação dos atletas em grupos (Heteroidiocêntrico, Isocêntrico e Heteroalocêntrico) e o Inventário de Perfil Idiocêntrico-Alocêntrico de Atletas (Perfil I-A) foi elaborado e validado para inserir os atletas nos campos do modelo. Este instrumento é composto por 27 itens que avaliam comportamentos e atitudes de atletas em relação a si mesmos e em relação à equipe e foi formulado a partir de um modelo teórico. Foram utilizados 271 atletas de ambos os sexos, praticantes de desportos individuais e coletivos. Para a avaliação do perfil psicológico foram utilizados: a) o Perfil I-A, b) o Inventário de Personalidade dos Cinco Grandes Fatores (Big Five), c) o Inventário Feminino dos Esquemas de Gênero do Autoconceito (IFECA) e d) o Inventário Masculino dos Esquemas de Gênero do Autoconceito (IMEGA). Para a validação do Perfil I-A foram utilizadas Análises Fatoriais e o Alfa de Cronbach. Para a análise do perfil psicológico dos grupos tipológicos foram utilizadas análises descritivas e análises inferenciais – Múltiplas Análises de Variância (MANOVA) do tipo One Way e Two Way. Os resultados demonstraram que os perfis dos atletas diferem quanto aos grupos tipológicos. O grupo Heteroidiocêntrico é orientado para metas pessoais, necessita de maior distância emocional da equipe e visa à auto-realização, o poder e a fama. Traços como objetividade, racionalidade, hedonismo, busca de sensações, competitividade e sensualidade compõem o seu perfil psicológico. Os Heteroalocêntricos tendem a ser mais sensíveis ao contexto social e prestam mais atenção às necessidades dos outros. Eles ajustam suas metas pessoais às metas do grupo. Submissão, preocupações a respeito do time, hierarquia, harmonia, lealdade, fidelidade e responsabilidade são traços que compõem o seu perfil. Apresentam, ainda, alta necessidade de afiliação social e suas metas pessoais são condizentes com as metas da equipe. O equilíbrio entre os constructos Idiocêntrico e Alocêntrico resulta em atitudes mais igualitárias apresentadas pelo grupo Isocêntrico. Este grupo permanece entre os outros dois e está composto pelos traços dos Heteroalocêntricos e dos Heteroidiocêntricos. Pode-se concluir que não existe um perfil psicológico ideal para os atletas. Todos os grupos apresentam perfis ideais que podem se adequar melhor para determinados esportes, em situações específicas do jogo e em diferentes posições em quadra.

Palavras-chaves: Grupos tipológicos. Idiocentrismo-Alocentrismo. Personalidade. Atletas.

RESUMO EM LÍNGUA ESTRANGEIRA

The purpose of this study was evaluating the athlete's psychological profile classified in typological groups based on Individualism-Collectivism theory. The methodology of the Interactive Model was used to classify the athletes in typological groups (Heteroidiocentric, Isocentric, Heteroalocentric) and the Athletes Idiocentric-Alocentric Profile Inventory (I-A Profile) was elaborated and validated to insert the athletes in model's field. This instrument was composed by 27 items that evaluated athlete's attitudes and behaviors with respect to their own selves and about their team and this scale was constructed based on a theoretical model. The sample was composed by 271 athletes, male and female, that played individual and collective sports modalities. Psychological profile was measured by: a) I-A Profile, b) Big Five Personality Factors Model, c) Feminine Inventory of the Self-Concept's Gender Schemas (IFEFGA) and d) Masculine Inventory of the Self-Concept's Gender Schemas (IMEGA). To I-A Profile validation was used factorial analysis and Cronbach's Alpha. Descriptive analysis and Multiple Analysis of Variance (One Way and Two Way) were used to evaluate differences in typological groups. The results showed that the psychological profile differs among groups. Heteroidiocentric group is self-oriented, needs more team emotional distance and looking for self-realization, power and fame. Objectivity, rationality, hedonism, sensation seeking, competitiveness and sensuality are some traits that compose this group profile. The Heteroalocentric group tends to be more sensitive to social context and pay more attention to the needs of others. They fit their personal goals to the team goals. Submission, worries about the team, hierarchy, harmony, loyalty, fidelity and responsibility are some traits that compose this group profile. The need for high social affiliation and their personal goals as the same as the team goals. The balance in Idiocentric and Alocentric constructs results in more egalitarian attitudes in Isocentric group. This group stays between the others and was composed by Heteroidiocentric and Heteroalocentric traits. In conclusion, there was not an ideal psychological profile for athletes. All groups have ideal profiles that can be better adjusted in specific sports, in specific situations during the game and in to different play positions.

Key Words: Typological Groups. Idiocentrism-Alocentrism. Personality. Athletes.

LISTA DE FIGURAS

Figura 2.1 - Campos do Idiocentrismo (C_1) e do Allocentrismo (C_2) formados no plano vertical.....	39
Figura 2.2 - Desproporção entre os constructos, representado pelo ângulo \hat{a}	39
Figura 2.3 - Campos formados no plano vetorial a partir da variável ângulo.....	40
Figura 2.4 - Distância do par ordenado (3,2) ao ponto da síntese máxima (4,4).....	41
Figura 2.5 - Avaliação da Síntese a partir da projeção de vetor v sobre a bissetriz.....	42
Figura 2.6 - Grupos tipológicos resultantes do cruzamento das variáveis ângulo e distância do Modelo Interativo.....	42
Figura 3.1 - Modelo Teórico elaborado para avaliar o perfil Idiocêntrico-Allocêntrico de atletas.....	49
Figura 4.1 – Distribuição da amostra total nos campos finais do Modelo Interativo	67
Figura 4.2 – Distribuição dos grupos tipológicos nos campos do Modelo Interativo.....	68

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 4.1 - Interação entre os grupos tipológicos e sexo para o fator Auto-Realização & Competitividade.....	75
Gráfico 4.2 - Interação entre os grupos tipológicos e sexo para o fator Distância Emocional da Equipe.....	75
Gráfico 4.3 - Interação entre os grupos tipológicos e sexo para o fator Nível de Idiocentrismo.....	76
Gráfico 4.4 - Interação entre os grupos tipológicos e sexo para o fator Nível de Alocentrismo.....	76
Gráfico 4.5 - Médias dos fatores do IFEGA por grupo tipológico.....	79
Gráfico 4.6 - Médias dos fatores do IMEGA por grupo tipológico.....	82

LISTA DE TABELAS

Tabela 3.1 – Itens, percentual de concordância, disposição no modelo teórico e pelos juízes e procedimentos adotados – Idiocentrismo.....	54
Tabela 3.2 - Itens, percentual de concordância, disposição no modelo teórico e pelos juízes e procedimentos adotados – Alocentrismo.....	56
Tabela 4.1 - Itens e Cargas Fatoriais obtidos para a escala de Idiocentrismo.....	61
Tabela 4.2 - Itens e Cargas Fatoriais obtidos para a escala de Alocentrismo.....	62
Tabela 4.3 - Itens e Cargas fatoriais que compõem os fatores da Escala de Idiocentrismo do Perfil I-A.....	64
Tabela 4.4 - Itens e cargas fatoriais que compõem os fatores da Escala de Alocentrismo do Perfil.....	64
Tabela 4.5 - Classificação dos sujeitos amostrais em grupos tipológicos.....	68
Tabela 4.6 - Médias e desvios-padrões obtidos para os grupos tipológicos em relação aos fatores do Perfil I-A.....	70
Tabela 4.7 - Efeito da interação entre os grupos tipológicos e sexo.....	74
Tabela 4.8 - Escores F e níveis de significância encontrados para os fatores do IFEGA.....	78
Tabela 4.9 - Escores F e níveis de significância encontrados para os fatores do IMEGA.....	81

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	13
Objetivo Geral.....	17
Objetivos Específicos.....	17
CAPÍTULO 1 - INDIVIDUALISMO E COLETIVISMO	18
1.1 Instrumentos Psicométricos de Avaliação do Individualismo e Coletivismo..	25
CAPÍTULO 2 – AUTOCONCEITO	32
2.1 Modelo Interativo.....	38
2.1 Personalidade e Esporte.....	43
2.1.1 Instrumentos Psicométricos para avaliar a Personalidade de Atletas	45
CAPÍTULO 3 – MATERIAIS E MÉTODOS	49
3.1 Elaboração e pré-validação do Perfil I-A.....	49
3.2 Metodologia para a pré-validação do Perfil I-A.....	57
3.3 Metodologia para a validação do Perfil I-A.....	57
3.4 Metodologia para avaliação do perfil psicológico dos grupos tipológicos.....	58
CAPÍTULO 4 – RESULTADOS E DISCUSSÃO	61
4.1 Pré-validação do Perfil I-A de atletas.....	61
4.2 Validação do Perfil I-A de atletas.....	63
4.3 Perfil de psicológico dos grupos tipológicos.....	67
4.3.1 Classificação dos atletas nos grupos tipológicos.....	67
4.3.2 Avaliação geral dos atletas em relação ao tipo de modalidade e o sexo.....	69
4.3.3 Avaliação do perfil psicológico dos grupos tipológicos.....	70
4.3.4 Avaliação do perfil psicológico dos grupos tipológicos em função do sexo...	74
4.3.5 Grupos tipológicos e os esquemas de gênero do autoconceito de mulheres atletas.....	78
4.3.6 Grupos tipológicos e os esquemas de gênero do autoconceito de homens atletas.....	81
CAPÍTULO 5 – CONCLUSÃO	84
CAPÍTULO 6 – REFERÊNCIAS	89
Apêndices.....	106

INTRODUÇÃO

Os estudos na área da Psicologia do Esporte relacionados à personalidade de atletas de alto nível, sempre foram foco de grande interesse entre dirigentes, treinadores, preparadores físicos e dos próprios atletas. Isto se deve ao fato de se buscar uma personalidade ideal para estes sujeitos, visando relacioná-la ao alto rendimento esportivo e ao sucesso atlético. Como as diferenças fisiológicas, técnicas e táticas estão tendendo a uma menor variabilidade no âmbito esportivo, o diferencial está em voltar-se para o processamento psicológico do atleta, para a sua capacidade de enfrentamento, tanto das circunstâncias de treino quanto aquelas relacionadas às competições.

Observa-se, entretanto, que apesar das tentativas de se encontrar um perfil de personalidade ideal para os campeões, autores como Vanek et al. (1975) afirmam que a personalidade do atleta constitui-se de uma abstração; pois o que se apresenta são atletas, cada qual com sua personalidade, sendo impossível se chegar a uma generalização.

Erros metodológicos, interpretativos e a falta de fundamentação, produziram inferências e interpretações errôneas, problemas ressaltados por pesquisadores nesta área (MORGAN, 1972; SILVA, 1984; CASAL, 1998). Segundo Casal (1998, p. 90), o uso de instrumentos da área clínica, por exemplo, foi um grande influenciador dos erros interpretativos obtidos nas análises da personalidade do atleta, uma vez que “quando se questiona características de personalidade no contexto desportivo, as qualidades descritas se comportam diferente de quando se questionam os mesmos desportistas no contexto social em geral”.

Mesmo reconhecendo as dificuldades encontradas, ao se trabalhar no âmbito da personalidade de atletas, autores realizaram seus estudos comparando atletas com não atletas (BARA FILHO, RIBEIRO, GARCÍA, 2005a), homens e mulheres esportistas (O’SULLIVAN, ZUCKERMAN, KRAFT, 1998; PEDERSEN, 1997; BARA FILHO, RIBEIRO, GARCÍA, 2005b), atletas de modalidade individual versus atletas de modalidade coletiva (SANTOS, PEREIRA, 1997), níveis de performance (KITSANTAS, ZIMMERMAN, 2002; BARA FILHO, RIBEIRO, GARCÍA, 2005b; SCOPEL, ANDRADE, LEVANDOWSKI, 2006), a fim de detectar o melhor perfil psicológico vinculado ao rendimento e ao sucesso atlético. Os resultados são muito controversos, não sendo possível inferir ou estabelecer um perfil comum aos atletas.

Em função de tantas controvérsias, o propósito deste estudo foi avaliar possíveis diferenças no perfil psicológico de atletas, estando estes subdivididos em grupos tipológicos baseados na teoria do Individualismo e do Coletivismo.

Esta teoria foi inicialmente formulada por Hofstede (1980), o qual realizou um estudo transcultural procurando avaliar valores de funcionários de uma empresa multinacional e constatou a existência de quatro fatores principais, denominados de: Distância Hierárquica, Individualismo-Coletivismo, Masculinidade-Feminilidade e Evitação de Incerteza. A partir deste estudo, uma série de pesquisas transculturais foi realizada procurando focar, prioritariamente, os padrões culturais Individualistas e Coletivistas e avaliando a repercussão destes padrões em questões sociais, econômicas e políticas.

Para Triandis (1989, 1993, 2001), o individualismo é característico de culturas complexas e/ou em ascensão e que apresentam mobilidade social e geográfica, onde a experiência social se organiza em torno de indivíduos autônomos. Já o Coletivismo caracteriza-se por fortes laços associativos do indivíduo com os seus grupos de pertença, valorizando a tradição familiar, o clã, a tribo, a religião e visando à cooperação e o compromisso entre os membros do grupo (GOUVEIA, 2006).

Estudos posteriores demonstraram que culturas Individualistas como os Estados Unidos, Canadá, Austrália valorizavam a independência, a competitividade e as relações contratuais (EARLEY, 1989; TRIANDIS, 1994; MARSHALL, 1997; CARTER, DINNEL, 1997; FERREIRA, ASSMAR, SOUTO, 2002). Países caracterizados como Coletivistas (America do Sul, Japão, China, Hong-Kong, Índia) valorizam a relação com o grupo, a interdependência e a hierarquia (EARLEY, 1989; EARLEY, 1993; KITAYAMA et al., 1997; MATSUMOTO, 1998; TAKANO, OSAKA, 1999; SINHA, SINHA, VERMA, SINHA, 2001).

A relação entre padrões de conduta cultural e a formação da personalidade, permitiu definir quatro aspectos básicos que embasam o conceito de Individualismo-Coletivismo, que são: a) definição do *self*: independente versus interdependente; b) orientações as metas: metas pessoais versus metas grupais; c) tipo de relacionamento: contratual versus compartilhados; d) atitudes e normas: sociedades individualistas valorizam atitudes, enquanto as coletivistas valorizam as normas.

Kagitçibasi (1994) descreve que culturas individualistas tendem a produzir indivíduos individualistas, enquanto culturas coletivistas produzem indivíduos coletivistas. Triandis (1989, 1995), entretanto, detectou que ambas as culturas podem formar tanto indivíduos individualistas quanto coletivistas.

Buscando, portanto, diferir os termos Individualismo-Coletivismo quando aplicados à cultura daquele observado no nível individual, Triandis (1989) designou de Idiocêntrico, os indivíduos com traços individualistas e de Allocêntrico, aos indivíduos com traços coletivistas. Além disso, o autor detectou que culturas aparentemente com um mesmo perfil diferiam entre si, ou seja, cultura individualista, por exemplo, variavam quanto à intensidade de individualismo, o mesmo ocorrendo para as culturas coletivistas.

Algumas escalas foram elaboradas procurando avaliar estes constructos (SINGELIS, et al., 1995; TRIANDIS, GELFAND, 1998; GOUVEIA, ANDRADE, MEIRA, 2002). Estas escalas enfocam atitudes gerais dos indivíduos ou apresentam cenários que direcionam o comportamento e as atitudes individuais para determinados contextos sociais.

As primeiras escalas foram concebidas a partir de uma concepção unidimensional, na qual altos escores no índice de Individualismo (HOFSTEDE, 1984) definiam culturas individualistas e baixos escores neste índice, definiam culturas coletivistas. Posteriormente, estes conceitos foram tratados como bidimensionais (TRIANDIS, GELFAND, 1998), indicando que uma mesma cultura/indivíduo poderia obter escores em ambas as dimensões.

Finalmente, a partir das estruturas fatoriais obtidas para as escalas elaboradas, observou-se que estes constructos apresentavam estruturas multidimensionais (GOUVEIA et al., 2002). Entretanto, segundo Giavoni e Tamayo (no prelo), estruturas multidimensionais podem ser resumidas a estruturas bidimensionais, sendo que o inverso não pode ocorrer.

A possibilidade de avaliar ambos os constructos em uma mesma pessoa, somada a natureza dual. Destes constructos, permitiu a sua aplicação no Modelo Interativo. Concebido, inicialmente para avaliar os esquemas masculino e feminino do autoconceito, o Modelo Interativo se propõe a avaliar a interação existente entre pares de opostos, interação esta que representa a síntese dialética ou, em outros termos, a síntese psicológica. Segundo Giavoni e Tamayo (no prelo) “embora, possa se detectar a existência dos opostos nos mais diversos campos do saber, pouca relevância tem sido dada ao processo de síntese dos mesmos”.

Procurando expressar matematicamente este processo de síntese psicológica resultante da interação que se estabelece entre os pares de opostos, o modelo prevê duas variáveis principais, denominadas de variável ângulo e variável distância. Do cruzamento destas duas variáveis surge a variável Síntese Psicológica. Devido à complexidade do modelo, neste estudo utilizou-se a variável ângulo para classificar os indivíduos em grupos tipológicos. Em termos matemáticos, esta variável descreve se os constructos são proporcionais ou não, enquanto a variável distância define o nível de desenvolvimento dos mesmos.

Em termos psicológicos, a variável ângulo determina que indivíduos com predomínio de um constructo sobre o outro tenderão a: a) memorizar atributos relativos ao constructo dominante, b) engajar em comportamentos consistentes ao constructo dominante e evitar comportamentos consistentes ao domínio do constructo rudimentar e c) ter a percepção dos eventos regida pelo constructo dominante, dentre outros aspectos. Já indivíduos que apresentam simetria entre os constructos tenderão a memorizar, engajar e perceber os eventos, utilizando-se tanto dos elementos que formam um constructo quanto do outro. Assim, por não apresentarem predomínio de um dos constructos, tenderão a apresentar respostas mais flexíveis quando comparados aos demais grupos.

Assim, aplicado à teoria do Individualismo-Coletivismo e através dos domínios da variável ângulo, o Modelo Interativo define três campos principais, denominados neste estudo de: Heterometria Idiocêntrica: o qual determina o predomínio do constructo Idiocêntrico sobre o Alocêntrico, resultando no grupo tipológico denominado de **Heteroidiocêntrico**; Isometria: o qual determina simetria entre constructos Idiocêntrico e Alocêntrico, determinando o grupo **Isocêntrico** e a Heterometria Alocêntrica: o qual determina o predomínio do constructo Alocêntrico sobre o Idiocêntrico, classificando os indivíduos em **Heteroalocêntricos**.

Com base na metodologia do Modelo Interativo mencionada e observando-se que não existe em Psicologia do Esporte um modelo capaz de mensurar, convenientemente, o perfil psicológico de atletas, as propostas deste estudo são: a) apresentar um modelo que, relacionado com a Teoria do Individualismo-Coletivismo, seja capaz de mensurar e classificar os atletas em grupos tipológicos; b) avaliar o perfil psicológico dos grupos tipológicos, e; c) avaliar se os grupos tipológicos diferem em função do sexo.

Desta forma, os capítulos a seguir apresentarão os seguintes tópicos: Capítulo 1 apresentará a Teoria do Individualismo e Coletivismo e os principais instrumentos elaborados; Capítulo 2 fará uma introdução ao tema Autoconceito, apresentando suas dimensões e complexidade, além de apresentar o Modelo Interativo e estudos realizados em Psicologia do Esporte buscando avaliar a personalidade de atletas. O Capítulo 3 tratará da metodologia utilizada para elaborar, pré-validar e validar o Inventário do Perfil Idiocêntrico-Alocêntrico de atletas (Perfil I-A), bem como, da metodologia para avaliar o perfil psicológico dos mesmos. O Capítulo 4 tratará dos resultados e discussões e, por fim, o Capítulo 5 apresentará as principais conclusões deste estudo.

OBJETIVO GERAL

Avaliar o perfil psicológico de atletas brasileiros baseado na teoria do Individualismo-Coletivismo e na metodologia do Modelo Interativo.

OBJETIVOS ESPECÍFICOS

- a) Elaborar e validar uma escala que permita avaliar o perfil Idiocêntrico-Alocêntrico de atletas;
- b) Apresentar um modelo que relacionado com a teoria do Individualismo-Coletivismo, seja capaz de mensurar e classificar os atletas em grupos tipológicos;
- c) Avaliar se os atletas diferem em função do sexo e do tipo de modalidade (individual e coletiva) quanto ao Perfil I-A e ao Big Five;
- d) Avaliar o perfil psicológico dos grupos tipológicos da amostra total em relação ao Perfil I-A;
- e) Avaliar diferenças entre os sexos nos grupos tipológicos da amostra total em relação ao Perfil I-A;
- f) Avaliar o perfil psicológico dos grupos tipológicos em relação aos esquemas de gênero do autoconceito de mulheres e homens; e,
- g) Avaliar o perfil psicológico dos grupos tipológicos em relação ao Inventário de Personalidade dos Cinco Grandes Fatores (Big Five).

CAPÍTULO 1

INDIVIDUALISMO-COLETIVISMO

Na busca de um padrão de respostas universais para explicar as relações que se estabelecem entre os indivíduos e a cultura, surgiram os estudos transculturais. Sua importância está fundamentada na possibilidade de comparar a equivalência entre um sistema cultural e os demais sistemas. Contudo, deve-se ponderar que, ao realizar estes estudos, procurando afirmar a existência de processos psicológicos universais considerando, simplesmente, a cultura como um processo de variação de comportamento, pode-se estar incorrendo em uma percepção reducionista e um tanto quanto simplista (ANDRADE, BONFIM, CHAVES, 2006).

Apesar dos julgamentos positivos e negativos em relação a estes estudos, os mesmos continuam sendo realizados, pois visam uma explicação plausível para diferenças em cognições, afetos, comportamentos, preferências e valores detectados tanto intra-culturalmente como inter-culturalmente. Dentre estes estudos, observou-se a predominância de pesquisas avaliando os constructos de Individualismo e Coletivismo (HUI, 1988; HUI, VILLAREAL, 1989; SCHUWARTZ, 1990a; TRIANDIS et al, 1988; TRIANDIS, 1989, 1993, 1995, 1999, 2002; SINGELIS, 1994; TRIANDIS, GELFAND, 1998; OYSERMAN, COON, KEMMELMEIER, 2002; FERREIRA, ASSAMAR, SOUTO, 2002; GOUVEIA et al., 2003; PALMIERI, BRANCO, 2004; SCHIMMACK, OISHI, DIENER, 2005; GOUVEIA, 2006; MORLING, LAMOREAUX, 2008). Estes termos foram inicialmente utilizados para avaliar o continuum independência-dependência emocional de coletividades, tais como grupos, organizações, equipes, etc.

Entretanto, o estudo desta dicotomia não é recente. Na Sociologia, Durkheim (1893/1984) já os tratava como solidariedade mecânica, similar ao coletivismo, “indicando que a sociedade, no seu estado inicial, seria construída em função das semelhanças dos membros no coletivo” (GOUVEIA et al., 2002, p. 203) e, solidariedade orgânica, similar ao individualismo, indicando que com o passar do tempo, seria como um organismo biológico com seus membros mais autônomos e ao mesmo tempo interdependentes (TRIANDIS, 2002; GOUVEIA et al., 2003).

Pode-se considerar que o início dos estudos desta dicotomia em Psicologia Social ocorreu em 1980, quando Hofstede realizou uma pesquisa avaliando os valores pessoais de mais de 117.000 sujeitos de 39 países (Hofstede, 1980). O autor pôde inferir que existem quatro dimensões básicas que influenciam os valores humanos, quais sejam: a) Distância Hierárquica ou do Poder; b) Individualismo versus Coletivismo; c) Masculinidade versus Feminilidade e, d) Evitação de Incerteza. Estas dimensões foram assim definidas:

a) Distância Hierárquica ou do Poder: compreende a percepção da autoridade, ou seja, como os indivíduos ou grupos concordam ou aceitam a distribuição desigual do poder;

b) Individualismo-Coletivismo: refere-se à relação que o indivíduo possui com o grupo.

Em termos conceituais, esta dimensão compreende uma preferência por contextos sociais pouco fechados, onde se supõe que são os indivíduos que têm que cuidar de si mesmos e apenas de sua família nuclear, frente a uma dependência aos grupos do quais os indivíduos fazem parte (GOUVEIA et al., 2002, p. 204).

O Índice de Individualismo, resultante desta dicotomia, define como individualistas os países com pontuações alta neste índice e de coletivistas, os países com baixas pontuações;

c) Masculinidade-Feminilidade: reporta-se a um maior endosso das características masculinas como competitividade, poder, assertividade, ou um maior endosso das características femininas como delicadeza, sensibilidade e preocupação com o outro;

d) Evitação da Incerteza: refere-se ao grau de ameaça que membros de diferentes grupos sentem quando estão diante de situações desconhecidas ou ambíguas (HOFSTEDE, 1990; FERREIRA, ASSMAR, SOUTO, 2002).

A partir deste estudo, o Individualismo-Coletivismo assumiu grande enfoque, uma vez que passaram a expressar síndromes culturais, revelando os padrões valorativos, cognitivos, afetivos e comportamentais das mais diversas culturas.

De uma forma geral, os estudos demonstram que o Individualismo valoriza: a) a autonomia individual sobre a grupal em todos os aspectos, incluindo o cognitivo, afetivo e comportamental; b) a distância emocional dos grupos, implicando em distância de familiares e grupos ancestrais; c) a busca da auto-realização e do êxito; d) as metas pessoais sobre as grupais, o que lhes assegura relacionamentos do tipo contratual (TRIANDIS et al., 1988; TRIANDIS, 1989, 1993, 1999, 2001, 2002; SINGELIS, 1994; GOUVEIA et al, 2002, 2003).

Já no Coletivismo se observa: a) a valorização das metas grupais sobre as individuais, na qual os indivíduos são parte indispensável à sobrevivência dos grupos; b) apresentam fortes relações com membros do endogrupo, compartilhando dos mesmos interesses. Esta convivência grupal lhes assegura uma forte tendência à cooperação e ao cumprimento das

obrigações (TRIANDIS et al., 1988; TRIANDIS, 1989, 1993, 1999, 2001, 2002; SINGELIS, 1994; GOUVEIA et al, 2002, 2003).

Estudos posteriores revelaram que países ocidentais como Europa Ocidental, América do Norte, Austrália e Nova Zelândia (EARLEY, 1989; TRIANDIS, 1994; MARSHALL, 1997; CARTER, DINNEL, 1997; FERREIRA, ASSMAR, SOUTO, 2002) apresentam tendência ao Individualismo, enquanto países como a África, América do Sul, China, Japão, Hong-Kong e Índia (EARLEY, 1989; EARLEY, 1993; MA, SCHOENNEMAN, 1997; MATSUMOTO, 1998; SINHA, SINHA, VERMA, SINHA, 2001) possuem tendências ao Coletivismo.

Segundo Kagitçibasi (1994), ao avaliar as culturas a partir destes constructos foi possível diferenciar padrões de conduta, estabelecendo as relações entre os padrões culturais e a formação da subjetividade individual. Neste sentido, em culturas individualistas, os indivíduos tendem a condutas individualistas, enquanto em culturas coletivistas, os indivíduos tendem a condutas coletivistas (TRIANDIS, 1989, 1994). Além disso, os estudos demonstram que existem diferenças intra-culturais entre os grupos, permitindo uma melhor explicação das suas diferenças psicológicas (LEVENSON, 1974; GUDYKUNST et al., 1996; MARSHALL, 1997, OISHI et al., 1998; PARKES, BOCHNER, SCHNEIDER, 1999, SINHA et al., 2001) e, por fim, através destes estudos, busca-se averiguar as semelhanças entre os países, visando detectar a existência de padrões transculturais universais de conduta.

Ao estabelecer esta relação entre padrões de conduta cultural e a formação da subjetividade individual, foi possível definir quatro aspectos básicos que compõem os conceitos de Individualismo-Coletivismo. São eles: a) Definição do *Self*: no qual são enfatizados aspectos pessoais - independência ou coletivos - interdependência (MARKUS, KITAYAMA, 1991); b) Orientação às metas: enfatizam as metas pessoais - individualismo ou as metas grupais - coletivismo (TRIANDIS et al., 1990); c) Definição do tipo de relacionamento: relacionamentos contratuais, baseados no autobenefício (individualismo) versus relacionamentos compartilhados (coletivismo) (CLARK, MILLS, 1979); d) Atitudes e normas como determinantes do comportamento social: “Nas sociedades individualistas, as atitudes são mais importantes do que as normas, enquanto nas coletivistas, as normas recebem maior peso do que as atitudes” (TRIANDIS, GELFAND, 1998, p. 118).

Estes quatro aspectos básicos aplicam-se tanto no nível cultural quanto no nível individual. Oyserman, Coon e Kimmelmeier (2002) afirmam que as definições do Individualismo e Coletivismo terão implicações claras sobre o autoconceito, o bem-estar, o estilo de atribuição e os relacionamentos.

As implicações do Individualismo sobre o autoconceito são:

- a) criação e manutenção de um senso positivo como condição humana básica; b) tendência a características como: bons sentimentos com relação a si mesmo, sucesso pessoal e atitudes e opiniões únicas; c) autodefinição centrada em traços abstratos” (OYSERMAN, COON E KEMMELMEIER, 2002, p. 5).

Quanto ao bem-estar, observa-se que a expressão emocional aberta e a aquisição de objetivos pessoais são importantes para a satisfação pessoal. E para o estilo de atribuição, o julgamento, a racionalização e a inferência causal tomam orientações pessoais no contexto social, “conseqüentemente, o individualismo causa uma descontextualização, um estilo racional onde não há uma relação com o social” (OYSERMAN, COON E KEMMELMEIER, 2002, p. 5).

Já no Coletivismo, as implicações sobre o autoconceito estão: a) no sentido de identidade, pois fazer parte de um grupo é um aspecto central; b) no reconhecimento de que traços pessoais refletem objetivos coletivos e que os sacrifícios são necessários para o bem comum e para manter a harmonia do grupo. Com relação ao bem-estar, encontra-se que: a) a satisfação pessoal é derivada do cuidado com as regras sociais e obrigações, evitando ser reprovado pelos membros dominantes; b) limitação na expressão pessoal, especialmente com relação à abertura e expressão dos sentimentos pessoais e preservação da harmonia do grupo. No estilo de atribuições: a) o contexto social, situações constrangedoras e regras sociais figuram, prioritariamente, na percepção pessoal e razão causal; b) o pensamento e a memória são contextualizados, ricos e embasados em detalhes. Nos relacionamentos, observa-se: a) que o grau de importância dos membros do grupo é atribuído e fixado; b) os vínculos entre os que estão dentro do grupo e fora do grupo são estáveis, relativamente impermeáveis e importantes e; c) os relacionamentos intra-grupo são baseados na igualdade e em princípios generosos (OYSERMAN, COON, KEMMERMEIER, 2002, p. 5).

Estudos confirmam as inferências descritas acima feitas por Oyserman, Coon, Kemmermeier (2002), os quais apresentam as relações existentes entre os constructos de Individualismo-Coletivismo e os aspectos mais latentes do autoconceito (BOCHNER, 1994; MA, SCHOENNEMAN, 1997; KITAYAMA, et al. 1997; SATO, CAMERON, 1999; JACKSON, SMITH, 1999), traços de personalidade (HUI, VILLAREAL, 1989; YAMAGUCHI, KUHLMAN, SUGIMORI, 1995), auto-estima (CARTER, DINNEL, 1997; KITAYAMA, et al. 1997; SATO, CAMERON, 1999), bem-estar (DINNEL, KLEINKNECHT, 1999; OKAZAKI, 2000) e estilos de atribuição (KRULL et al., 1999).

Muito embora, Kagitçibasi (1994) descreva que culturas individualistas tendem a produzir indivíduos individualistas, enquanto culturas coletivistas produzem indivíduos

coletivistas, Triandis (1989, 1995) detectou que em ambas as culturas existem indivíduos individualistas e coletivistas. Gouveia et al.(2002, p. 204) descrevem que:

como são atualmente concebidos, o individualismo e o coletivismo podem coexistir em uma mesma pessoa ou cultura [...] É possível encontrar pessoas individualistas em culturas coletivistas e vice-versa, ou simplesmente culturas em que se evidencia uma mistura destes dois tipos de orientação, como ocorre na Índia.

Devido às incongruências entre os padrões culturais e a estrutura de personalidade dos indivíduos, ou seja, culturas individualistas versus indivíduos coletivistas e vice-versa, estes acabam por apresentar dissonâncias cognitivas e afetivas, além de disfunções comportamentais em relação às normas e padrões culturais. Enquanto indivíduos coletivistas, em culturas coletivistas, aceitam as normas do grupo sem questioná-las, os individualistas vivem discrepâncias entre o componente comportamental e o cognitivo-afetivo. Estes indivíduos são induzidos a se comportar de acordo com as normas sócio-culturais, embora as contestem.

De forma semelhante, em culturas individualistas, indivíduos individualistas estão adaptados às normas sócio-culturais, descartando as necessidades da comunidade, família, grupo de trabalho etc, enquanto os indivíduos coletivistas preocupam-se com os grupos. Apesar de estarem adaptados à cultura, o comportamento destes indivíduos é governado pelas normas dos grupos.

Uma vez que as culturas apresentam tanto indivíduos individualistas quanto coletivistas, Triandis et al. (1985) sugeriu uma nova nomenclatura para diferenciar o Individualismo e o Coletivismo nos planos cultural e pessoal. No plano cultural, os termos permaneceram os mesmos, enquanto no plano pessoal, foi designado o termo Idiocêntricos para os indivíduos com predomínio de traços individualistas e Alocêntricos para os indivíduos com predomínio de traços coletivistas. Além disso, os estudos que avaliam traços individualistas e coletivistas na cultura devem focar normas, papéis e valores, enquanto no plano pessoal devem ser avaliadas as crenças, atitudes e o autoconceito.

Desta forma, os indivíduos Idiocêntricos apresentam autoconceito independente de seus grupos de pertença e caracterizam-se pelo distanciamento emocional, cujos objetivos pessoais estão acima daqueles determinados pelo grupo, favorecendo para que suas relações sejam contratuais, ou seja, de interesse unilateral. Já os Alocêntricos apresentam um autoconceito interdependente, valorizando a integridade da família e os laços de solidariedade com o grupo de pertença, condicionam seus autoconceitos e comportamentos a esses grupos e os percebem como: harmoniosos, hierárquicos e homogêneos, dando ênfase à segurança, às boas relações

interpessoais e a harmonia endogrupal (TRIANDIS et al., 1985; TRIANDIS, 1989, 2001; BONTEMPO, LOBEL, TRIANDIS, 1990; TRIANDIS, CHAN, 1995; VIJVER, WATKINS, 2006; CHEN, WASTI, TRIANDIS, 2007).

Segundo Triandis (1989, p. 508),

os indivíduos Alocêntricos buscam a realização do eu público e coletivo, preocupando-se com a percepção que os outros têm sobre eles, principalmente os indivíduos do próprio grupo, apresentando, portanto, uma autopercepção vinculada ao grupo com o qual possui identidade social. Já os Idiocêntricos buscam a realização do eu privado, avaliando-se através de seus traços e comportamentos, ou seja, de sua identidade pessoal.

Estudos comprovaram o perfil psicológico dos Idiocêntricos-Alocêntricos com relação ao bem-estar (ZHANG, NORVILITIS, INGERSOLL, 2007), relacionamentos familiares (CARPENTER, RADHAKRISNAN, 2000), consumismo (YANG, 2004), ética (LEE, WARD, 1998), percepção grupal (CHEN, WASTI, TRIANDIS, 2007) dentre outros.

A constatação de que as culturas são formadas por indivíduos Idiocêntricos e Alocêntricos, somadas à percepção de que um mesmo perfil cultural, por exemplo, culturas individualistas diferiam entre si, levou Triandis (1995) a distinguir as culturas em função de uma dimensão, denominada de Distância de Poder, retirada do estudo de Hofstede. Segundo Hofstede (1984), esta variável mensura o quanto os indivíduos aceitam como legítimo que o poder esteja distribuído de maneira desigual.

A partir desta variável, foi elaborado o Modelo do Individualismo-Coletivismo: Horizontal e Vertical para diferenciar culturas que a priori são classificadas como Individualistas (ou Coletivistas), mas que apresentam diferenças intrínsecas. Segundo o autor, o domínio Horizontal está baseado na igualdade, “sublinha que as pessoas são similares na maioria dos aspectos, especialmente no status” (GOUVEIA et al., 2002, p. 205) e o domínio Vertical está baseado na hierarquia, na qual o *self* individual é diferente dos demais *selves*.

O cruzamento dos conceitos de Individualismo-Coletivismo com os domínios Horizontal e Vertical permitiu a classificação das culturas em quatro grupos principais denominados de: Individualismo Vertical (IV), Individualismo Horizontal (IH), Coletivismo Horizontal (CH) e Coletivismo Vertical (CV). Para o **Individualismo Horizontal (IH)**, a cultura estabelece que os indivíduos sejam distintos do grupo e que busquem suas próprias metas sem, entretanto, terem a necessidade de se distinguir do grupo ou ter alto status. Como característica geral deste grupo poder-se-ia designar o termo ser único.

No **Individualismo Vertical (IV)**, a cultura prioriza as necessidades de se destacar do grupo e de adquirir status social, favorecendo a busca do poder e a competição. A característica que melhor descreve este grupo seria o ser orientado para o êxito.

Observa-se, assim, que enquanto, no contexto horizontal, a igualdade é um elemento importante, no contexto vertical, prioriza-se a hierarquia. Desta forma, enquanto o Individualismo Horizontal (IH) prioriza a igualdade e a liberdade, o Individualismo Vertical (IV) prioriza a hierarquia.

Para as culturas baseadas no **Coletivismo Horizontal (CH)**, os indivíduos se percebem como sendo similares aos demais indivíduos do grupo (igualdade), enfatizam metas comuns, a interdependência e sociabilidade, mas não se submetem à autoridade (liberdade). Como característica geral do grupo poder-se-ia definir o termo ser cooperativo. Já em culturas **Coletivistas Verticais (CV)**, os indivíduos preocupam-se com a integridade de seus grupos de pertença, estão prontos para sacrificar suas metas pessoais em benefício das metas grupais e auxiliam nas competições do seu grupo em relação aos demais grupos. Priorizam, portanto, a igualdade e a hierarquia, esta última caminhando para o sentido de submissão. Ser servidor poderia ser definido como a característica geral deste grupo. “Se as autoridades de seu grupo desejam que estes indivíduos hajam de uma determinada forma, mesmo que esta forma seja extremamente desagradável, eles se submetem à vontade de seus superiores” (TRIANDIS, GELFAND, 1998, p. 119, grifo nosso).

Para Triandis (1999, p. 130), entretanto, “todo indivíduo possui uma combinação dos domínios vertical e horizontal, utilizando-se, para tanto, de elementos cognitivos individualistas ou coletivistas, dependendo da situação social”, embora não havendo rigidez nas atitudes individuais, há uma tendência a comportamentos específicos de um determinado domínio e dimensão.

Estudos recentes (ALAVI, McCORMICK, 2004, 2007) propõem um modelo similar para avaliar o Idiocentrismo-Alocentrismo àquele adotado ao nível cultural. Segundo Alavi, McCormick (2004), no âmbito do trabalho, os *selves* interdependentes dos Alocêntricos Verticais estão subordinados às equipes de trabalho, enquanto os Idiocêntricos Verticais apresentam percepção de si independente da equipe e, ainda, superior à mesma.

No plano Horizontal, indivíduos Alocêntricos apresentam interdependência com relação ao grupo, ao mesmo tempo em que se sentem similares à equipe de trabalho. Já os Idiocêntricos apresentam *self* independente do grupo, mas sentem-se similares aos demais membros da equipe.

Segundo Gouveia et al.(2002, p. 205),

não há dúvida de que o modelo de Triandis representa na atualidade um avanço na compreensão do individualismo e do coletivismo. Porém, o próprio autor sugere alguns aspectos que exigem novas contribuições. Por exemplo, comenta que seria necessário elaborar novos itens para representar sua dimensão individualismo vertical, atualmente limitada ao conceito de competição; considera que deveria igualmente incluir noções como ser distinto, destacar-se da maioria, ser famoso e ter poder.

Procurando, portanto, aprofundar um pouco mais a respeito dos constructos de Individualismo-Coletivismo, a próxima seção tratará de explicitar os principais instrumentos psicométricos elaborados para avaliá-los, bem como apresentar as estruturas fatoriais encontradas, os índices de precisão interna dos fatores e as conclusões gerais e críticas obtidas a partir destas estruturas fatoriais.

1.1 - INSTRUMENTOS PSICOMÉTRICOS

A classificação inicial das culturas em Individualistas e Coletivistas partiu da concepção unidimensional que Hofstede (1984) possuía destes conceitos. Assim, a categoria encontrada em seu estudo e definida como Individualismo-Coletivismo, classificava as culturas em Individualistas ou Coletivistas de acordo com o escore que obtinham no Índice de Individualismo. Altos escores no índice definiam culturas individualistas enquanto baixos escores definiam culturas coletivistas. Observa-se, desta forma, a concepção unidimensional destes constructos, pois uma mesma cultura não poderia ser classificada concomitantemente como individualista e coletivista.

Para Hofstede,

O individualismo e o coletivismo foram tratados como uma única dimensão bipolar, que se revelou útil à explicação de várias diferenças entre as sociedades, admitindo, porém, que quando a dimensão é adotada para distinguir a personalidade de indivíduos dentro de uma sociedade, ela pode se mostrar mais adequada a uma caracterização multidimensional (FERREIRA, ASSMAR E SOUTO, 2002, p. 86).

Posteriormente, estes conceitos foram tratados como bidimensionais (TRIANDIS, GELFAND, 1998, p.121), significando dizer que uma pessoa pode obter altos ou baixos escores em ambas as dimensões ou alto em uma e baixo em outra, sendo concebidos, atualmente, como constructos multidimensionais (GOUVEIA et al., 2002).

A construção dos instrumentos psicométricos, por sua vez, caminhou no mesmo sentido da concepção que os autores possuíam dos conceitos Individualismo-Coletivismo.

Desta forma, foram elaborados uma série de instrumentos (BRECKLER, GRENWALD, WIGGINS, 1986; TRIANDIS et al., 1988; HAMAGUCHI, 1977; KITAYAMA et al., 1991; KATO, MARKUS, 1993; YAMAGUCHI, 1994; SINGELIS et al., 1995; GUDYKUNST et al., 1996; GAINES et al., 1997, TRIANDIS, CHEN, CHAN, 1998) os quais assumiram duas formas básicas de apresentação: a) itens que avaliam atitudes; b) cenários que avaliam comportamentos e atitudes individuais diante de uma determinada situação.

Oyersman, Coon e Kemmermeier (2002), em sua meta-análise, apresentam vários instrumentos, dentre os quais, os mais citados foram as escalas de Hui (1988), Singelis (1994) e Triandis et al. (1995).

O Questionário Individualismo-Coletivismo - INDCOL (HUI, 1988) foi desenvolvido procurando capturar a multidimensionalidade destes constructos. É composto por 63 itens que avaliam a dependência-independência do indivíduo em relação à família, conhecidos, cônjuge, pais, parentes, vizinhos, amigos e companheiros de trabalho. Os índices de precisão interna dos fatores encontraram-se entre 0,46 a 0,76.

A *Self-Construal Scale* de Singelis (1994) é composta por 63 itens, que se subdividem em dois fatores principais: a) Individualismo ($\alpha=0,69$) e b) Coletivismo ($\alpha=0,73$). Posteriormente, Singelis, Triandis, Bhawuk, Gelfand (1995) elaboraram uma nova escala: *The Horizontal-Vertical Collectivism-Individualism Scale*, cujos 32 itens mediam atitudes. A análise fatorial foi satisfatória e os quatro fatores resultantes deram respaldo à teoria de Triandis (1985) a respeito dos quatro grupos tipológicos presentes no modelo: Individualismo Vertical (IV), Coletivismo Vertical (CV), Individualismo Horizontal (IH) e Coletivismo Horizontal (CH). A escala varia de 1 (discordo totalmente) a 7 (concordo totalmente) e os itens distribuem-se em quatro fatores: Coletivismo Horizontal (CH), Individualismo Horizontal (IH), Coletivismo Vertical (CV) e Individualismo Vertical (IV), com 8 itens em cada fator.

Posteriormente, Triandis e Gelfand (1998), reavaliando os itens da escala de Singelis et al. (1995), formularam uma nova escala composta por cenários (simulações da vida diária) procurando avaliar os domínios: Vertical e Horizontal. Esta escala é composta por 36 cenários, os quais apresentam quatro opções de respostas, uma para cada grupo tipológico do modelo Individualismo-Coletivismo: Horizontal-Vertical. A seguir, encontra-se o exemplo de um cenário.

Você está comprando uma roupa nova. Qual é o fator mais importante que você irá considerar na escolha do estilo? O estilo que é...

- () Mais provável de uma personalidade única (IH);
- () Que causa maior impressão em situações sociais (IV);
- () Aprovado pelos seus amigos (CH);
- () Recomendado pelos seus pais (CV).

As pontuações na escala são obtidas a partir das frequências do endosso de respostas em IH, IV, CH e CV. Esta escala apresentou validade convergente e discriminante com a escala de atitudes de Singelis et al. (1995) modificada por Triandis e Gelfand (1998).

Gouveia, Clemente e Espinosa (2003) reproduziram o estudo de Singelis et al. (1995) na Espanha e encontraram resultados parecidos com Triandis e Gelfand (1998), confirmando que a tipologia defendida pelos autores (HI, HC, VI, VC) foi importante “na elaboração de indicadores de interação social como o grau de amizade e identificação com os membros do endogrupo” (GOUVEIA, 2006, p. 129).

A partir da premissa de que a medida apresentada por Triandis e colaboradores durante os anos de 1995 a 1998, “não incorporam dimensões que parecem fundamentais para explicar a conduta de culturas latinas e/ou onde a escassez econômica é evidente (como é o caso do Brasil)”, Gouveia et al. (2002, p. 207) conseguem capturar a concepção multidimensional destes constructos ao elaborar a Escala Multi-Fatorial de Individualismo e Coletivismo.

Através da análise fatorial confirmatória foram extraídos seis fatores denominados de: Individualismo Vertical ($\alpha=0,66$), Individualismo Horizontal ($\alpha=0,34$), Protoindividualismo (ser batalhador) ($\alpha=0,36$), Individualismo Expressivo (dar maior importância aos relacionamentos, principalmente familiar) ($\alpha=0,58$), Coletivismo Vertical ($\alpha=0,63$) e Coletivismo Horizontal ($\alpha=0,68$). O instrumento consiste de 30 itens, compreendendo atitudes e/ou opiniões, distribuídos em seis dimensões com cinco itens cada. Os itens são referenciados em uma escala de sete pontos, onde 1 (um) significa discordo totalmente até o 7 (sete) indicando concordo totalmente.

Por Protoindividualismo, entende-se:

um aspecto típico das sociedades onde as pessoas realizam suas atividades muitas vezes com independência das demais, sendo os caçadores e pescadores personagens representativos desta orientação. Este tipo de individualismo parece ser mais uma forma de sobreviver, não de relacionar-se com outras pessoas (GOUVEIA et al., 2002, p. 205).

Gouveia et al. (2002) afirmam, ainda, que esta escala “seria a mais adequada para conhecer as facetas que caracterizam dimensões do individualismo que regem a vida dos latinos ou propriamente dos brasileiros”, descaracterizando os estereótipos acerca do tipo de orientação do brasileiro preconizada por Triandis (1995) e caracterizada pela extrema obediência à autoridade e ao conformismo.

Gouveia et al. (2002, p. 210) demonstram que a Escala Multi-Fatorial de Individualismo e Coletivismo atingiu seus objetivos. Porém, ainda assim, sugerem que “a consistência interna destes constructos parece ser um problema inerente, sobretudo por reunir em cada dimensão múltiplas idéias e definições, e atributos variados, como atitudes, crenças, opiniões, etc” (GOUVEIA et al., 2002, p. 210). Segundo o autor, “embora possam ser identificados diversos instrumentos para medir o individualismo e o coletivismo, a maioria tem sido elaborada sem um marco teórico sólido de referência; os procedimentos estatísticos exploratórios são indicações deste fato” (GOUVEIA et al., 2002, p. 207).

Apesar das diferenças nas elaborações das escalas, na forma de validação e pelo fato de muitas adaptarem-se apenas ao contexto de uma determinada cultura, observa-se que de uma forma geral, o Individualismo enfatiza a auto-realização, hedonismo e distância emocional dos grupos, enquanto o Coletivismo enfatiza a integridade familiar, sociabilidade e interdependência. Como fator de segunda ordem e tema central do Coletivismo, surge a subordinação das metas pessoais às metas grupais (TRIANDIS et al., 1988).

Devido à relação aparente entre a teoria de valores (SCHWARTZ, 1990a, 1990b) e os constructos de Individualismo e Coletivismo, Gouveia (2006) relacionou o modelo de Schwartz e de Triandis, encontrando que os valores de Autodeterminação, Realização e Poder se correlacionaram positivamente com o Individualismo. Já os valores Benevolência, Conformidade e Tradição se correlacionaram positivamente com o Coletivismo.

Quanto aos domínios, os valores Realização e Poder se correlacionaram positivamente com o domínio Vertical do Individualismo, enquanto a Autodeterminação se correlaciona com o domínio Horizontal do Individualismo. A Benevolência e a Segurança se correlacionam diretamente com o Coletivismo Horizontal e a Conformidade e Tradição com o Coletivismo Vertical.

Oishi, et al. (1998) corroboram o estudo acima, pois ao correlacionarem valores e a teoria de Individualismo-Coletivismo demonstraram que os Individualistas Verticais prezam pelo Poder e Realização, enquanto os Individualistas Horizontais valorizam a Autodeterminação. Para os coletivistas, Tradição e Conformidade são aspectos valorizados pelos Coletivistas Verticais enquanto os Coletivistas Horizontais valorizam a Benevolência.

Em resumo, as escalas iniciais foram elaboradas a partir de um conjunto de itens que buscavam avaliar comportamentos e atitudes referentes ao Individualismo-Coletivismo. Posteriormente, a proposta do Modelo de Individualismo-Coletivismo: Horizontal e Vertical foi elaborada, procurando definir comportamentos e atitudes de cada um dos grupos psicológicos (IV, IH, CV, CH) propostos pelo modelo. Assim, para o *The Horizontal-Vertical Collectivism-Individualism Scale* foram elaborados 8 itens que buscavam capturar o perfil de cada grupo. Finalmente, os autores buscaram uma nova proposta de escala – os cenários, nos quais cada item representava o perfil de um dos grupos tipológicos (IH, IV, CH, CV).

Em todas as escalas, portanto, observam-se os seguintes aspectos:

- a) Os itens foram elaborados, procurando abranger os conceitos de Individualismo-Coletivismo de forma geral. Ao final destas escalas, os indivíduos são classificados como Individualistas ou Coletivistas, permanecendo a dicotomia entre estes constructos;
- b) A partir da caracterização dos grupos tipológicos (IV, IH, CV, CH), foram elaborados itens para cada grupo;
- c) Os cenários procuraram capturar o perfil psicológico de cada grupo tipológico;
- d) Apesar do avanço do modelo de Individualismo-Coletivismo: Horizontal e Vertical por permitir a categorização dos indivíduos em quatro grupos tipológicos, as propostas das escalas dos itens b e c, ao final, categorizam os indivíduos em Individualistas ou Coletivistas (Horizontal ou Vertical), permanecendo, ainda assim, a dicotomia entre estes constructos. Ou seja, um mesmo indivíduo não pode ser classificado concomitantemente como individualista e coletivista.

Isto indica que os escores finais obtidos das escalas e utilizados para a classificação dos indivíduos acabam induzindo à velha dicotomia Individualismo-Coletivismo, pois ao final os indivíduos/culturas são classificados como Individualistas (Idiocêntricos) ou Coletivistas (Alocêntricos).

A partir da revisão bibliográfica realizada a respeito das escalas psicométricas idealizadas para avaliar o Individualismo-Coletivismo pôde-se, portanto, elaborar uma escala para avaliar o perfil de Idiocentrismo-Alocentrismo em atletas, isto porque este estudo visou aplicar a teoria de Individualismo-Coletivismo no contexto esportivo, avaliando o perfil psicológico indivíduos.

Nesta revisão foi encontrado um único estudo na qual McCutcheon e David (1999) avaliaram a motivação de atletas caracterizados como individualistas na prática de esportes coletivos (Basquete, Beisebol) e sua interação com a equipe. Este estudo demonstrou que atletas individualistas se sentem desmotivados para praticar esportes coletivos e, não gostam

de estar presentes em momentos de grande coesão. Este estudo corrobora o estudo de Triandis (1989) que afirma que a inserção de indivíduos com características idiocêntricas em grupos alocêtricos determina uma discrepância entre as cognições, afetos e comportamentos deste indivíduo, em relação às normas e valores do grupo.

Buscando, portanto, avaliar o perfil psicológico de atletas brasileiros baseando-se na teoria de Individualismo e Coletivismo, foi elaborado um modelo teórico, no qual o Idiocentrismo foi subdividido em três categorias, denominadas de **Auto-realização & Competitividade, Hedonismo e Distância Emocional da Equipe**, enquanto o Alocentrismo foi subdividido em **Interdependência e Integridade da Equipe**.

Uma vez elaborado o modelo teórico, foram utilizados os resultados do estudo de Oishi et al.(1998) para a composição dos itens de cada categoria. Para a categoria **Auto-Realização & Competitividade**, procurou-se capturar o perfil dos Idiocêntricos Verticais, inserindo itens que englobassem aspectos da auto-realização (sucesso pessoal, ser bem sucedido, capacidade individual, ambição), bem como aspectos relacionados ao poder (status social, poder social, autoridade e riqueza).

Para a categoria **Hedonismo** foi dado enfoque ao perfil dos Idiocêntricos Horizontais e para isso foram elaborados itens buscando abranger o prazer e gratificação sensual individual e desfrute da vida: aspectos de estimulação e de autodeterminação, criatividade, exploração, independência, liberdade, curiosidade, auto-respeito e escolha das próprias metas são alguns exemplos.

Na categoria **Distância Emocional da Equipe**, o estudo centrou-se no perfil dos Idiocêntricos Verticais, englobando aspectos individualistas que refletissem a distância emocional do atleta em relação à sua equipe.

Para o Alocentrismo, a categoria **Integridade da Equipe** procurou traduzir o perfil dos Alocêntricos Verticais, englobando características relativas à tradição (respeito, compromisso e aceitação dos costumes e idéias oferecidas pela cultura) e à conformidade e segurança (restrição das ações, tendências e impulsos que possam incomodar ou ferir os outros e contrariar as expectativas ou normas sociais, polidez, obediência, honra ao grupo, autodisciplina).

E a categoria **Interdependência** procurou capturar o perfil dos Alocêntricos Horizontais, englobando aspectos relativos à benevolência (preservação ou intensificação do bem-estar das pessoas com as quais se está em contato) e relativas ao universalismo (compreensão, apreço, tolerância e atenção com o bem-estar de todas as pessoas).

Desta forma, a escala permite que cada indivíduo se avalie em cada uma das diferentes categorias, recebendo ao final escores parciais por categoria e dois escores totais finais – um para o Idiocentrismo e outro para o Alocentrismo, os quais permitirão classificá-los em grupos tipológicos.

Antes, porém, de tratar dos aspectos metodológicos deste estudo, resta aprofundar um pouco a respeito de outro construto que se encontra diretamente relacionado ao Individualismo-Coletivismo – o Autoconceito. A próxima seção, portanto, apresentará a abrangência e complexidade deste constructo, bem como sua relação com o contexto desportivo.

CAPÍTULO 2

AUTOCONCEITO

O autoconceito é considerado uma estrutura cognitiva, maleável, multidimensional e hierárquica, fortemente influenciado pela cultura. Um sistema que associa, organiza e coordena a variedade de imagens, esquemas, teorias, conceitos, metas e ideais que possuímos de nós mesmos (SAMPSON, 1985; MARSH, BARNES, RICHARDS, 1986; MARKUS, KUNDA, 1986; MARKUS, NURIUS, 1986; MARKUS, WURF, 1987; BRACKEN, 1996; GIAVONI, 2000).

Esta estrutura cognitiva desenvolve-se gradualmente ao longo da vida, sendo elaborada a partir da influência que a imagem do indivíduo exerce sobre os outros, do julgamento que estes (outros significativos) realizam sobre o indivíduo, somados a uma espécie de auto-sentimento, orgulho ou vergonha, resultante desta interação social (HARTER, 1996). Desse último item resulta o conceito de auto-estima. Têm ainda, por finalidade, manter a relação prazer/sofrimento, conservar a auto-estima e evitar todo e qualquer estímulo que seja aversivo à sua autoconstrução (BANAJI, PRENTICE, 1994).

Segundo terminologia de Greenwald (1980), ao relacionar os conteúdos da memória com as estruturas cognitivas do autoconceito, pôde-se observar que este apresenta traços de:

a) **Egocentrismo**: no qual assume função de agente central que avalia, associa e interpreta as informações. Estudos demonstram que as informações são mais facilmente recordadas quando estão relacionadas ao *self* (MARKUS, 1977; ROGERS, KUIPER, KIRKER, 1977; KUIPER, ROGERS, 1979) e quando o *self* participa ativamente de uma tarefa e/ou situação (GREENWALD, ALBERT, 1968); b) **Auto-Engrandecimento**: no qual o indivíduo tende a atribuir mais rapidamente para si os efeitos positivos de uma determinada tarefa e/ou situação e atribuir aos outros os efeitos negativos da mesma (SCHLENKER, MILLER, 1977; BRADLEY, 1978); c) **Conservadorismo Cognitivo**: no qual o *self* tende a preservar suas estruturas de conhecimento, tais como suas percepções, esquemas e memórias (MARKUS, 1977; SWANN, READ, 1981; SWANN, HILL, 1982; MARKUS, WURF, 1987, grifo nosso).

Sendo uma estrutura multidimensional, este se subdivide em duas grandes dimensões, denominadas de **Self Acadêmico**, o qual comporta as subdimensões verbal, matemática e assuntos gerais relativos à escola e o **Self Não-Acadêmico**, que comporta as subdimensões:

Físico, Social, Emocional, de Competência, Familiar, Resolução Criativa de Problemas, Honestidade–Confiabilidade e Religião–Espiritualidade. Cada subdimensão desta, por sua vez, subdivide-se em novas subdimensões, revelando, portanto, a estrutura multidimensional deste constructo (TAMAYO, 1981; MARSH, RELICH, SMITH, 1983; MARSH, 1989, 1993, 1998; MARSH, BARNES, HOCEVAR, 1985; MARSH, BARNES, RICHARDS, 1986; MARSH, CRAVEN, DEBUS, 1991; MARSH, et al., 1994; MARSH, HATTIE, 1996, grifo nosso).

A multiplicidade de estudos relacionados ao autoconceito permite, portanto, caracterizá-lo como sendo um constructo: a) organizado (LINVILLE, 1987; SHOWERS, 1992; DONAHUE, et al., 1993; SHOWERS, AMRAMSON, HOGAN, 1998; SHOWERS, LARSON, 1999); b) multidimensional (TAMAYO, 1981; MARSH, RELICH, SMITH, 1983; MARSH, BARNES, HOCEVAR, 1985; SAMPSON, 1985; MARSH BARNES, RICHARDS, 1986; MARKUS, KUNDA, 1986; MARKUS, NURIUS, 1986; MARKUS, WURF, 1987; MARSH, 1993; MARSH et al., 1994; MARSH, HATTIE, 1996); c) hierárquico (SHAVELSON, HUBNER, STATON, 1976; BRACKEN, 1996); d) complexo (HIGGINS et al., 1986; MARKUS, KUNDA, 1986; MARKUS, NURIUS, 1986; STRAUMAN, HIGGINS, 1988; HEWITT, GENEST, 1990; BYBEE, ZIGLER, 1991); e) maleável (MARSH, BYRNE, SHAVELSON, 1988; MARSH, 1989, 1998).

Sua estrutura, por sua vez, é formada por uma série de estruturas menores que Markus (1977) denominou de auto-esquemas. Os auto-esquemas são:

Construções que resumem nossas experiências passadas e que permitem aos indivíduos compreenderem suas próprias experiências sociais e a organizar a ampla variedade de informações que possuem sobre si mesmos (MARKUS, et al., 1982, p.38).

Ao serem estimulados, os auto-esquemas reúnem-se formando estruturas cognitivas maiores, denominados de esquemas cognitivos. Os esquemas cognitivos funcionam como filtros perceptivos, retendo, estruturando e organizando estímulos que sejam consistentes à estrutura do esquema. “O resultado desta organização é um padrão perceptível, o qual será utilizado como base para futuros julgamentos, decisões, inferências ou predições sobre o *self*” (MARKUS, 1977, p. 64).

Estudos vêm demonstrando que os esquemas cognitivos: a) aumentam a sensibilidade e o processamento de estímulos condizentes com a estrutura do esquema (MARKUS, 1977; KUIPER, ROGERS, 1979; MARKUS et al., 1982; MILLS, 1983; HEWITT, GENEST, 1990); b) induzem a uma maior memorização de estímulos auto-relevantes (MARKUS, 1977; KUIPER, ROGERS, 1979; MARKUS et al., 1982; MILLS, 1983; HEWITT, GENEST, 1990;

JOSEPHS, MARKUS, TAFARODI, 1992); c) induzem a comportamentos, atribuições e inferências consistentes com a estrutura do esquema (MARKUS et. al., 1982; ANDERSEN, 1984; ANDERSON, ROSS, 1984); d) aumentam a resistência a estímulos incongruentes à sua estrutura (MARKUS, 1977; SWANN, READ, 1981; SWANN, HILL, 1982); e) influenciam a percepção dos outros e/ou eventos (SHRAUGER, PATTERSON, 1974; LEWICKI, 1983, 1984; MARKUS, MORELAND, SMITH, 1985; ARON, et al., 1991; ANDERSEN, GLASSMAN, GOLD, 1998).

De igual forma, a vivência de experiências condizentes com a estrutura do esquema resulta em uma rede de associações mais fortalecida e, portanto, em esquemas melhores articulados ou mais desenvolvidos, os quais desencadeiam padrões mais consistentes de comportamentos, julgamentos e decisões. “À medida que os indivíduos não possuem um auto-esquema articulado em uma determinada dimensão, eles não apresentarão respostas consistentes” (MARKUS, 1977, p. 65).

Para Markus (1977), dentre os auto-esquemas que formam o autoconceito, encontram-se aqueles relacionados aos constructos de masculinidade e feminilidade, denominados de esquema masculino e esquema feminino. Para alguns autores (BEM, 1981; MARKUS et al., 1982; BARBERÁ, 1998), a masculinidade e a feminilidade são construções universais, presentes em todas as culturas e que acabam interferindo nas autoconstruções individuais, uma vez que ao nascer, os indivíduos são inseridos em culturas onde estes conceitos já se encontram estruturados.

Através do contato social com as diferentes dimensões que compõem os conceitos de masculinidade e feminilidade, o indivíduo acaba incorporando em seu autoconceito, em maior ou menor grau, traços, normas, papéis e valores condizentes a estes constructos, elaborando, portanto, os esquemas de gênero.

Assim, quando em presença de estímulos relacionados ao gênero, auto-esquemas relativos à masculinidade tendem a se agrupar, formando o esquema masculino, assim como, auto-esquemas relacionados à feminilidade agrupam-se, formando o esquema feminino. A saliência do esquema masculino, por exemplo, induz a um padrão perceptivo, o qual acabará regendo as cognições, afetos e comportamentos de forma que estes sejam condizentes com a estrutura deste esquema. Processo semelhante ocorre com o esquema feminino.

Markus (1977) demonstrou que os indivíduos diferem em relação aos esquemas de gênero, existindo indivíduos portadores: a) do esquema masculino; b) do esquema feminino; c) dos dois esquemas; d) aesquemáticos.

Estudos posteriores demonstraram que os esquemáticos masculinos e os esquemáticos femininos tendem a: a) memorizar mais facilmente palavras relacionadas à suas estruturas cognitivas (BEM, 1981; MARKUS, et al., 1982; MILLS, 1983); b) atribuir para si palavras consistentes aos seus esquemas (BEM, 1981; MARKUS et al., 1982); c) engajar-se em atividades congruentes e evitar atividades incongruentes aos padrões do esquema (FRABLE, 1989; LOBEL, MENASHRI, 1993); d) perceber o outro e/ou evento de acordo com a estrutura do esquema dominante (LIPPA, 1983, 1997).

Assim, observa-se que além do individualismo e do coletivismo, outros aspectos culturais acabam influenciando a construção do autoconceito, tais como os conceitos de masculinidade e feminilidade. Em ambos os casos, a partir da interação do indivíduo com o meio, este acaba incorporando, em maior ou menor grau, aspectos, atributos, traços, valores e normas condizentes com os padrões culturais no qual está inserido.

Alguns estudos, entretanto, demonstram que assim como algumas culturas podem ser consideradas mistas (SINHA et al., 2001; HALL, 2003), pois englobam aspectos individualistas e coletivistas, alguns indivíduos também podem ser considerados “mistos”, pois comportam traços masculinos e femininos (GIAVONI, 2000, 2002). Markus et al. (1982), por exemplo, observaram que em relação aos esquemas de gênero, indivíduos que apresentavam os dois esquemas foram tão rápidos quanto os esquemáticos masculinos ao endossar e memorizar itens masculinos, assim como foram tão rápidos quanto os esquemáticos femininos ao endossar e memorizar itens femininos. Estes indivíduos apresentaram, ainda, respostas comportamentais altamente consistentes.

Outro aspecto relevante correlacionando às teorias do individualismo-coletivismo com a masculinidade-feminilidade é que o constructo de masculinidade comporta em si traços individualistas, tais como a dominância (KLEIN, WILLERMAN, 1979); busca de sensações (*sensation seeking*) (TOBACYK, THOMAS, 1980); competitividade (ALAGNA, 1982); assertividade (NIX, LOHR, STAUFFACHER, 1980); independência (BEM, 1975, 1977; BEM, MARTYNA, WATSON, 1976; YONGE, 1978) e instrumentalidade (MAJOR, CARNEVALE, DEAUX, 1981; FEATHER, 1984), assim como, o constructo de feminilidade comporta traços coletivistas, como dependência (BEM, 1975, 1977), expressão emocional (BEM, 1977; MAJOR, CARNEVALE, DEAUX, 1981; KRING, GORDON, 1998) e submissão (YONGE, 1978).

Isto indica que existe relação entre os constructos de Masculinidade-Feminilidade e o Individualismo-Coletivismo. Poder-se-ia inclusive inferir que não devam existir estruturas fixas representativas destes constructos no autoconceito, mas sim que os traços agrupam-se e

estruturam-se em estruturas cognitivas relativas ao Individualismo-Coletivismo ou Masculinidade-Feminilidade, em função do estímulo recebido. Desta forma, os traços individualistas servem tanto para compor o esquema individualista do indivíduo idiocêntrico, quanto para compor o esquema masculino deste mesmo indivíduo; o mesmo ocorrendo com os traços femininos-coletivistas.

Merece destaque, ainda, o fato de que estes constructos comportam características opostas entre si, tais como, independência-dependência, dominância-submissão, racionalidade-emotividade, realização individual-realização do grupo, dentre outras. Esta dualidade surge, também, em muitos estudos de autoconceito, onde o *self* subdivide-se em uma: a) identidade individual (reúne atributos que distinguem o indivíduo dos demais, dando-lhe um caráter único, singular) e identidade social (reúne categorizações sociais que aproximam o indivíduo do coletivo, dando-lhe um caráter interpessoal) (BANAJI, PRENTICE, 1994); b) autoconsciência privada (o indivíduo focaliza sua atenção em aspectos internos do *self*, tais como sentimentos, pensamentos, metas, intenções, motivos, planos e valores, não havendo a participação dos outros) e autoconsciência pública (o indivíduo focaliza a sua atenção em aspectos externos do *self*, tais como aparência física, comportamentos e expressões de afeto em que há participação dos outros) (NASBY, 1989; WEBB et al., 1989).

Outros estudos apresentam o *self* como uma estrutura que comporta um aspecto exclusivista, egocêntrico, autônomo, idiocêntrico, individualista – o *self* independente e, um aspecto coletivista, agregador, allocêntrico, holístico, sociocêntrico – o *self* interdependente (SAMPSON, 1988, 1989; MARKUS, KITAYAMA, 1991; KASHIMA et al., 1995).

Segundo Markus, Kitayama (1991), o *self* assume a função de um sistema que regula a relação entre duas estruturas cognitivas, as quais comportam processos intrapessoais (processamento de informações auto-relevantes, regulação do afeto e motivação) relativos ao *self* independente e processos interpessoais (percepção pessoal, percepção dos outros, comparação social) relativos ao *self* interdependente. Nasby (1989) demonstra, ainda, que estes dois aspectos do *self* são duas dimensões, estruturadas em esquemas cognitivos distintos (KASHIMA et al., 1995; ANDERSEN, GLASSMAN, GOLD, 1998).

Esta dualidade aparente existente entre os constructos de individualismo-coletivismo e masculinidade-feminilidade abre a possibilidade de que estas estruturas venham a ser tratadas como pares de opostos e, portanto, possam ser avaliadas segundo os pressupostos do Modelo Interativo (GIAVONI, 2000).

Aplicado inicialmente aos esquemas de gênero do autoconceito, o Modelo Interativo se propõe a avaliar a interação existente entre pares de opostos, interação esta que representa a síntese dialética ou síntese psicológica que ocorre entre estes constructos. Segundo Giavoni e Tamayo (no prelo) “embora, possa se detectar a existência dos opostos nos mais diversos campos do saber, pouca relevância tem sido dada ao processo de síntese dos mesmos”.

Por Síntese Dialética, os autores recorrem à filosofia de Hegel na qual:

toda a realidade move-se dialeticamente e, portanto, a filosofia hegeliana vê em toda parte tríades de teses, antíteses e sínteses, nas quais a antítese representa a “negação” ou o “contrário” ou o “ser diferente” da tese e a síntese constitui a unidade e ao mesmo tempo, o ato de tornar verdadeira uma e outra (ABBAGNANO, 1982, p. 255).

Este modelo parte do pressuposto de que todos os indivíduos trazem, em maior ou menor proporção, traços, atributos, valores, normas e papéis relativos a ambos os constructos que formam o par de opostos.

Em muitos estudos, entretanto, observa-se que os autores concebem os opostos como estruturas dicotômicas e, portanto, unidimensionais. Isto pode ser encontrado tanto na concepção da masculinidade-feminilidade (BLOCK, 1973, CONSTANTINOPOLE, 1973), como na teoria do individualismo-coletivismo (HOFSTEDE, 1980) passando, posteriormente, para concepções bidimensionais (BEM, 1974; TRIANDIS, 1995) e, finalmente, detecta-se que cada oposto apresenta estrutura multidimensional (ARCHER, 1989; AUBÉ, KOESTNER, 1995; TRIANDIS, GELFAND, 1998; GOUVEIA et al., 2002) o que inviabilizaria, a priori, as demais concepções.

Segundo Giavoni e Tamayo (no prelo),

há um equívoco nesta forma de pensar, pois o fato da masculinidade e da feminilidade serem constructos multidimensionais, não invalida a concepção bidimensional dos mesmos. O equívoco está em confundir as dimensões que compõem a estrutura com a própria estrutura. Pode-se avaliar um constructo através de suas dimensões, mas também é possível avaliá-lo enquanto estrutura espacial [...]. Por assumir forma espacial, cada constructo poderá ser resumido em um único vetor (ou uma única medida) capaz de representá-lo em um contexto bidimensional. Desta forma, estruturas multidimensionais podem ser reduzidas e representadas em contextos bidimensionais, sendo que o inverso não pode ocorrer.

Outro aspecto que merece destaque em relação aos constructos com naturezas opostas, está no fato de que se estes fossem pólos de uma única dimensão, então, as culturas e os indivíduos não poderiam apresentar uma composição de ambos. Estudos vêm demonstrando que tanto no nível cultural, detectam-se culturas mistas com características do individualismo e do coletivismo (SINHA et al., 2001), como, no nível individual, encontram-se indivíduos com traços idiocêntricos e alocêntricos (LEE, WARD, 1998; ALAVI, McCORMICK, 2004,

2007) e masculinos e femininos (BEM, 1977; SPENCE, HELMEREICH, STAPP, 1975; BEM, 1981). “Como são atualmente concebidos, o Individualismo e o Coletivismo podem coexistir em uma mesma pessoa ou cultura” (GOUVEIA et al., 2002, p.204).

Estudos que avaliaram indivíduos com traços da masculinidade e da feminilidade revelaram que estes possuem respostas cognitivas, afetivas e comportamentais diferenciadas quando comparadas às dos demais indivíduos (BEM, 1974, 1975, 1977; HEILBRUN, 1976; LORR, MANNING, 1978; SILVERN, RYAN, 1979).

Segundo Giavoni e Tamayo (no prelo),

poder-se-ia inferir que a presença dos dois constructos acabe gerando uma terceira variável, que se revela através das cognições, afetos, comportamentos e atitudes. Muito provavelmente, a relação entre os pares de opostos acabe gerando um movimento de síntese dialética, síntese esta que além de não invalidar os dois constructos da qual é resultante, acabe gerando uma realidade mais elevada que incorpora, mas transcende a oposição.

Procurando, portanto, expressar matematicamente este processo de síntese resultante da interação que se estabelece entre os pares de opostos, foi elaborado o Modelo Interativo.

2.1 - MODELO INTERATIVO

Aplicado inicialmente aos esquemas masculino e feminino do autoconceito, neste estudo o Modelo Interativo foi aplicado ao contexto do Individualismo-Coletivismo. Este modelo parte do pressuposto de que os pares de opostos são formados por constructos independentes e, portanto, bidimensionais. Estes vetores que caracterizam, por exemplo, o Individualismo (C_1) e o Coletivismo (C_2), geram um plano vetorial cuja bissetriz ($\hat{\alpha}=45^\circ$) divide este plano ao meio: campo do Individualismo e campo do Coletivismo (Figura 2.1). Como o propósito deste estudo está em avaliar diferenças nas subjetividades individuais e não no nível cultural, denominar-se-á de **Campo do Idiocentrismo** e **Campo do Alocentrismo**.

A bissetriz, por sua vez, caminha em um continuum que vai de zero (ausência de constructo) a 4 (desenvolvimento máximo do constructo), no caso de cada vetor variar de 0 a 4.

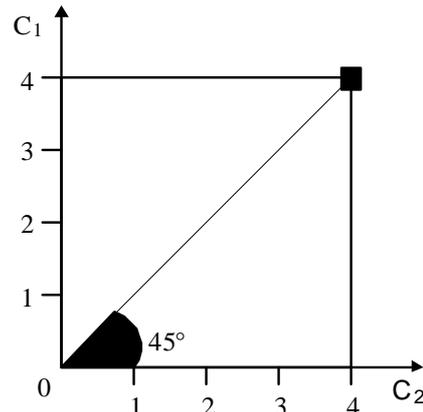


Figura 2.1 – Campos do Idiocentrismo (C_1) e do Alocentrismo (C_2) formados no plano vertical

Observa-se que todos os pontos posicionados sobre a bissetriz, apresentam constructos proporcionais, por exemplo, pares ordenados (1,1), (2,2), (3,3), etc... Entretanto, à medida que os pares ordenados se distanciam da bissetriz, aumenta a desproporcionalidade entre os constructos, com predomínio de um sobre o outro. A figura 2.2 apresenta o par ordenado (3,2), cujo ângulo $\hat{\alpha}$ determina a desproporcionalidade entre os constructos, com predomínio do Alocentrismo sobre o Idiocentrismo.

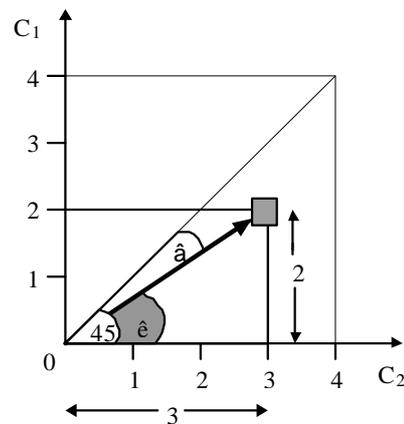


Figura 2.2 – Desproporção entre os constructos, representado pelo ângulo $\hat{\alpha}$

Como a proporcionalidade entre os constructos é avaliada pelo ângulo $\hat{\alpha}$, denominou-se de **variável ângulo** à variável que determina o grau de proporcionalidade entre os constructos, e pode ser medida a partir da expressão matemática:

$$\hat{\alpha} = 45^\circ - \text{arctg } \hat{\epsilon}$$

Desta forma, o plano vetorial do Modelo Interativo pôde ser subdividido em campos, conforme apresenta a figura 2.3.

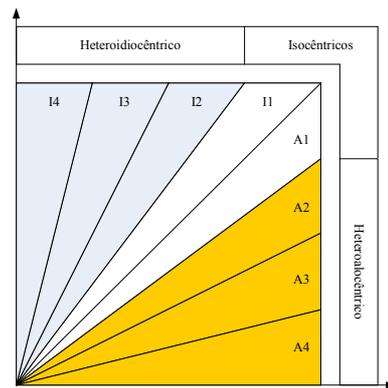


Figura 2.3 – Campos formados no plano vetorial a partir da variável ângulo

Por se tratar de uma variável angular, os campos do Idiocentrismo e do Alocentrismo foram subdivididos em 4 campos, definindo diferentes proporcionalidades entre os constructos. O campo central (I_1 e A_1), denominado **Isocêntrico**, define constructos proporcionais, e, portanto, foram denominados de **Isocêntricos** os indivíduos pertencentes a este campo.

À medida que os campos se distanciam da bisetriz, aumenta a desproporcionalidade entre os constructos, com predomínio do idiocentrismo sobre o alocentrismo nos campos I_2 a I_4 e do alocentrismo sobre o idiocentrismo nos campos A_2 a A_4 . Foram denominados, portanto, de Heteroidiocêntricos aos indivíduos pertencentes aos campos I_2 a I_4 e de Heteroalocêntricos aos indivíduos pertencentes aos campos A_2 a A_4 .

Em termos psicológicos, a variável ângulo determina que indivíduos com predomínio de um constructo sobre o outro tenderão a: a) memorizar atributos relativos ao constructo dominante; b) engajar em comportamentos consistentes ao constructo dominante e evitar comportamentos consistentes ao domínio do esquema rudimentar; c) ter a percepção dos eventos regida pelo constructo dominante, dentre outros aspectos. Já indivíduos que apresentam simetria entre os constructos tenderão a memorizar, engajar e perceber os eventos, utilizando-se tanto dos elementos que formam um constructo quanto do outro. Assim, por não apresentarem predomínio de um dos constructos, tenderão a apresentar respostas mais flexíveis quando comparados aos demais grupos.

A influência psicológica desta variável encontra-se embasada nos estudos descritos anteriormente na página 32, os quais avaliaram a relação entre esquemas cognitivos e memória, demonstrando a influência perceptiva e, portanto, cognitiva, afetiva e comportamental do esquema dominante.

Há, entretanto, uma segunda variável resultante do Modelo Interativo que interfere no processo de síntese, denominada **variável distância**. Esta variável mensura o nível de desenvolvimento de cada constructo, conforme demonstra a figura 2.4.

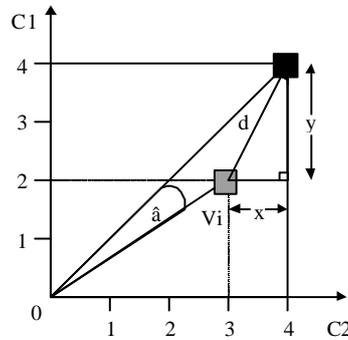


Figura 2.4 – Distância do par ordenado (3,2) ao ponto da síntese máxima (4,4)

A análise da figura permite observar que à medida que o par ordenado se aproxima do ponto (4,4), maior é o nível de desenvolvimento dos constructos, o inverso ocorrendo para o ponto (0,0), representando a inexistência dos mesmos.

Em termos psicológicos, a variável distância apresenta correspondência com a consistência das respostas dos indivíduos, ou seja, quanto maior o nível de desenvolvimento dos constructos, maior será a consistência comportamental e vice-versa (RUSHTON, JACKSON, PAUNONEN, 1981; MARKUS et al., 1982; BURKE, KRAUT, DWORKIN, 1984). No modelo, esta variável caminha da micrometria (constructos pouco desenvolvidos) à macrometria (constructos desenvolvidos), definindo desde constructos de baixa complexidade ou rudimentares (simples) aos constructos de alta complexidade (complexos).

Do cruzamento das variáveis ângulo e distância, resulta a variável Síntese. Como dito anteriormente, esta relação entre os pares de opostos definida pelas variáveis ângulo e distância, acaba gerando uma terceira variável que se revela através das cognições, afetos, comportamentos e atitudes. Esta variável é avaliada a partir da projeção do vetor do par ordenado do indivíduo sobre a bissetriz. A figura 2.5 apresenta a projeção do vetor v sobre a bissetriz.

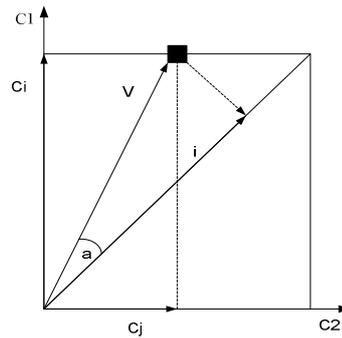


Figura 2.5 – Avaliação da Síntese a partir da projeção de vetor v sobre a bissetriz.

Pode-se observar que quanto mais distante da origem estiver o par ordenado do indivíduo, maior será o nível de síntese entre os constructos e vice-versa. Entretanto, a síntese máxima ocorrerá na medida em que os constructos apresentem nível máximo de desenvolvimento e proporcionalidade. Assim, a polarização, como por exemplo, o par ordenado (0,4), ou seja, 0 em Idiocentrismo e 4 em Alocentrismo, acabará resultando em nível médio de síntese.

A figura 2.6 apresenta os campos formados pelo Modelo Interativo, a partir do cruzamento das variáveis ângulo e distância. Cada campo define diferentes níveis de desenvolvimento e proporcionalidade entre os constructos, resultando diferentes perfis psicológicos.

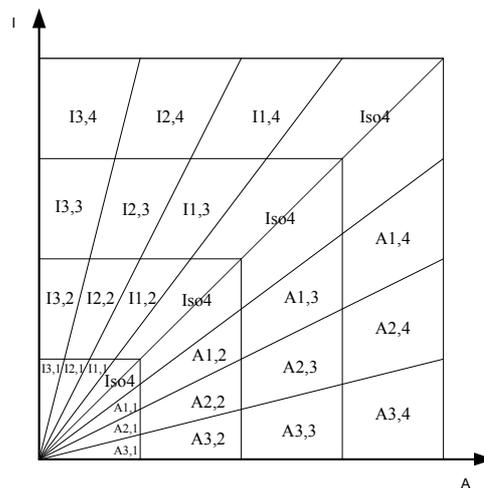


Figura 2.6 – Grupos tipológicos resultantes do cruzamento das variáveis ângulo e distância do Modelo Interativo

Devido à alta complexidade do Modelo Interativo, este estudo utilizou apenas a variável ângulo para definir os campos e classificar os indivíduos nos grupos tipológicos a serem estudados. Utilizando a metodologia do modelo, a amostra de atletas foi classificada em ao menos três grupos, denominados de: Heteroidiocêntricos ($\hat{\alpha} < -3,83^\circ$): indivíduos que

apresentavam predomínio do constructo Idiocêntrico sobre o Alocêntrico; b) Isocêntricos ($-3,82^\circ < \hat{\alpha} < +3,82^\circ$): indivíduos com simetria entre os constructos e c) Heteroalocêntricos ($\hat{\alpha} > +3,83^\circ$): indivíduos com predomínio do constructo Alocêntrico sobre o Idiocêntrico.

Cabe ressaltar que não foram encontrados em literatura nacional e internacional, estudos utilizando a teoria do Individualismo-Coletivismo aplicada ao esporte, assim como, não foram encontrados modelos teórico-matemáticos que permitissem classificar os atletas em grupos tipológicos. Neste sentido, a próxima seção (2.2) apresentará um resumo a respeito dos principais estudos que buscaram avaliar o perfil de personalidade de atletas.

2.2 - PERSONALIDADE E ESPORTE

Várias são as definições de personalidade, dentre as quais, pode-se citar “Personalidade são padrões relativamente constantes e duradouros de perceber, pensar, sentir e comportar-se, os quais parecem dar às pessoas identidades separadas” (DAVIDOFF, 1993, p. 507), ou ainda “Personalidade é a soma de características que tornam uma pessoa única” (WEINBERG, GOULD, 2001, p. 26) ou ainda, “Personalidade é um conjunto de características individuais, as quais são relativamente permanentes e estáveis” (SAMULSKI, 2002, p. 34). Nota-se que em todas as definições, o termo personalidade define um conjunto de características que dão ao indivíduo o sentido de individualidade, de ser único.

A Psicologia do Esporte sempre destacou o tema relacionado a personalidade de atletas, uma vez que, as principais diferenças entre os mesmos não se encontram mais nos aspectos físicos, técnicos e/ou táticos, mas sim na capacidade de enfrentamento de situações específicas que são geradas durante toda sua carreira desportiva (WEINBERG, GOULD, 2001; BARA FILHO, RIBEIRO, 2005).

Esta necessidade de se buscar identificar qual a personalidade ideal de um campeão gerou inúmeros trabalhos em todo mundo, bem como, no Brasil (BARA FILHO, RIBEIRO, GARCÍA, 2005; DESCHAMPS, ROSE JUNIOR, 2006; VAZ, 2006; BUENO, DI BONIFÁCIO, 2007; SCHNEIDER et al., 2007).

Porém, segundo Gouveia (2001) a relação entre a personalidade e a performance desportiva é fraca, uma vez que os estudos ainda não conseguiram revelar a existência de uma personalidade específica para as diferentes modalidades. Isto se deve, segundo a autora, a problemas metodológicos e interpretativos. Vanek et al. (1975) afirmam que a personalidade

do desportista constitui-se de uma incógnita; pois cada atleta é único, sendo impossível uma generalização.

Estas afirmações encontram respaldo em Casal (1998), o qual relata que a busca de uma fórmula ideal de personalidade, onde o atleta obtenha sucesso profissional levou alguns pesquisadores a escolherem testes inadequados, uma vez que os mesmos não estavam alicerçados sobre uma teoria. Por sua vez, a falta de instrumentos específicos para o contexto esportivo, também, produziu inferências e interpretações errôneas por falta de fundamentação. A utilização de instrumentos voltados para área clínica foi outro grande influenciador dos erros, sendo que “no contexto desportivo as qualidades descritas se comportam diferentemente de quando se questionam os mesmos desportistas no contexto social em geral” (CASAL, 1998, p. 90).

Outro fator importante a ser explicitado centra-se na incapacidade de um único teste avaliar a personalidade do atleta, uma vez que o mesmo não é capaz de produzir um diagnóstico confiável, não podendo para isto ser referenciado para seleção de talentos.

Segundo Casal (1998), outros fatores relacionados à sistemática de participação (macrociclo), o tempo de prática, o volume e intensidade de treinamento, podem interferir, tornando as amostras incomparáveis em uma mesma característica. Bara Filho e Ribeiro (2005, p. 103) complementam esta lista de variáveis sugerindo que ao se avaliar as características de personalidade de atletas, deve-se considerar a “interação com a modalidade praticada, a posição no jogo em um esporte coletivo ou à distância em um individual, juntamente como o nível de performance e possibilidade de sucesso no esporte”.

Não desmerecendo a utilização de instrumentos de avaliação da personalidade e respeitando às limitações de cada instrumento, alguns pesquisadores continuam a avaliá-la a fim de encontrar, em seus estudos, alguns traços de personalidade característicos de atletas comparando-os com não-atletas (BARA FILHO, RIBEIRO, GARCÍA, 2005), dividindo-os por sexo (O’SULLIVAN, ZUCKERMAN, KRAFT, 1998; BARA FILHO, RIBEIRO, GARCÍA, 2005), comparando esportes coletivos e individuais (SCHURR ASHEY, JOY, 1977; SAMUSKI, 2002; SANTOS, PEREIRA, 1997; PAIM, PEREIRA, VILLIS, 2006), atletas iniciantes e profissionais (GARDINER, McWHIRTER, 1998; GOMES, CRUZ, 2001; KITSANTAS, ZIMMERMAN, 2002; SCOPEL, ANDRADE, LEVANDOWSKI, 2006), esportes de contato e não contato (BARA FILHO, RIBEIRO, GARCÍA, 2005), dentre outros.

Nesta busca, pode-se citar que, em sua maioria, os estudos revelaram que os traços mais característicos desta população podem ser citados como: extroversão, dominância, agressividade, controle emocional, baixa ansiedade, autoconfiança e orientação ao

rendimento, porém, mesmos estes resultados, apresentam controvérsias. Para técnicos de renome nos Estados Unidos as cinco principais características da personalidade de grandes atletas devem ser: autoconfiança, desejo de vencer, concentração, persistência e competitividade, todas independentes do sexo (ROSSUM, 1996).

Quando se investigou, longitudinalmente, as características de personalidade de atletas pôde-se afirmar que os indivíduos que persistem no esporte competitivo tendem a apresentar perfis de personalidade similares, bem como as diferenças entre os sexos tendem a ser menores com a prática desportiva (HARRIS, 1973).

O único artigo encontrado deteve-se na avaliação da percepção de atletas individualista na prática de esportes coletivos (McCUTCHEON, DAVID, 1999). Os resultados demonstraram que os atletas individualistas encontram satisfação ao participar de esportes coletivos, porém se o nível de individualismo for extremo, haverá uma diminuição no nível de satisfação.

Como estas controvérsias a respeito da personalidade de atletas devem-se, em grande parte, aos instrumentos psicométricos utilizados, a próxima seção tratará de apresentar os principais instrumentos utilizados para a avaliação do perfil de personalidade de atletas.

2.1.1 - Instrumentos psicométricos para avaliar a personalidade de atletas

A personalidade pode ser avaliada através de técnicas que consistem em: a) **entrevistas** – método mais utilizado em clínicas e ambientes educacionais e vocacionais e que sofrem influência direta do avaliador; b) **testes projetivos**, os quais revelam o mundo inconsciente de sentimentos e impulsos pessoais e só podem ser aplicados por psicólogos especializados e c) **testes objetivos** que se estruturam a partir de instrumentos psicométricos objetivos e sofrem influência mínima de seus examinadores. São estes últimos, os teste mais utilizados para avaliar a personalidade de atletas.

Dentre os instrumentos mais utilizados apresentam-se: Escala de Personalidade de Comrey; Inventário Psicológico da Califórnia – IPC; o Inventário Multifásico de Personalidade de Minnesota – MMPI; o Inventário de Personalidade de Freiburg (FPI) e o Inventário dos Cinco Grandes Fatores – Big Five.

A Escala de Personalidade de Comrey é um instrumento intervalar, o qual avalia oito dimensões da personalidade, variando em uma escala de 7 pontos (1 – indicando nunca a 7

indicando sempre). As dimensões apresentam uma estrutura dicotômica e são assim apresentadas: Confiança e Atitude Defensiva; Ordem e Falta de Compulsão; Conformidade Social e Rebeldia; Atividade e Passividade; Estabilidade Emocional e Neuroticismo; Extroversão e Introversão; Masculinidade e Feminilidade e Empatia e Egocentrismo. Esta escala é muito utilizada em testes de seleção de pessoal, orientação vocacional e psicodiagnósticos (COSTA, 2003).

O Inventário Psicológico da Califórnia (IPC) foi idealizado por Harrison Gough na Universidade da Califórnia, na metade da década de 50. O IPC avalia dezoito dimensões da personalidade como a dominância, sociabilidade, auto-aceitação, autocontrole e flexibilidade (DAVIDOFF, 1983).

O Inventário Multifásico de Personalidade Minnesota (MMPI) é um inventário mais amplo em relação ao IPC, uma vez que este último só avalia atributos sociais do indivíduo. Já o MMPI tem como objetivo avaliar, também, distúrbios da personalidade (paranóia, esquizofrenia, depressão e outros padrões de comportamento anormal). Foi idealizado pelo psicólogo Stark Hathaway e pelo psiquiatra J.C. McKinley. Constituídos por itens dicotômicos do tipo verdadeiro e falso, este inventário é capaz de diferenciar pessoas com comportamentos normais e anormais (DAVIDOFF, 1983).

O Inventário de Personalidade de Freiburg (FPI) foi validado para língua portuguesa em 2004. O FPI-R é constituído por 138 itens dicotômicos do tipo concordo e não concordo, distribuídos por 12 escalas. Dez escalas do tipo padrão (Auto-Realização, Espírito Humanitário, Empenho Laboral, Inibição, Irritabilidade, Agressividade, Fatigabilidade, Queixas Física, Preocupações com a saúde e Sinceridade) e duas escalas suplementares que avaliam extroversão e emocionalidade. Este inventário é composto por escalas unipolares e escalas bipolares (BARA FILHO, RIBEIRO, GARCÍA, 2005).

O Inventário de Personalidade dos Cinco Grandes Fatores – Big Five, validado para o Brasil por Hutz et al. em 1998. Este instrumento é composto por 64 itens, avaliados através de escala Likert de sete pontos (1 = não me descreve a 7 = descreve-me totalmente), os quais avaliam cinco fatores denominados:

- a) **Socialização:** composto por 16 itens que avaliam a dimensão interpessoal referente aos tipos de interação que caminha da compaixão ao antagonismo. Altos escores neste fator indicam que a pessoa tende a ser bondosa, generosa, afável, altruístas e prestativas e, baixos escores tendem a avaliar cinismo, irritação, falta de cooperação, manipulação e vingança;
- b) **Extroversão:** composto por 10 itens, os quais avaliam a quantidade e intensidade de interação interpessoal, nível de atividade, capacidade de alegrar-se e necessidade de

estimulação. Pessoas com alto escore tendem a ser ativas, otimistas, afetuosas, falantes e sociáveis e, com baixos escores tendem a ser introvertidas, reservadas, quietas, indiferentes e independentes;

c) **Realização**: composto por 14 itens que avaliam o grau de persistência, controle, organização e motivação para alcançar objetivos. Altos escores são relacionados com organização, decisão, confiança, pontualidade, trabalho, perseverança, ambição e escrúpulos. Baixos escores indicam que a pessoa tende a ser não confiável, preguiçosa, descuidada e negligente;

d) **Neuroticismo**: composto por 12 itens que avaliam o nível crônico de ajustamento emocional a de instabilidade. Altos escores tendem a indicar sofrimento psicológico tendenciando para a ansiedade, depressão, hostilidade. Impulsividade, autocrítica, vulnerabilidade, baixa tolerância a frustrações e idéias não realistas. Baixos escores revelam uma maior estabilidade emocional relacionada aos itens descritos;

e) **Abertura**: composto por 12 itens relacionados à busca de novas experiências e comportamentos exploratórios. Altos escores representam tendência à imaginação aguçada, criatividade, curiosidade, não buscam valores convencionais e buscam novas idéias. Baixos escores tendem a ser convencionais e rígidos nas suas crenças e atitudes, a serem mais conservadores nas suas preferências, são dogmáticos e são menos responsivos emocionalmente.

Observa-se, portanto, que não existe em Psicologia do Esporte um modelo capaz de mensurar, convenientemente, o perfil psicológico de atletas. Esta, portanto, é a proposta deste estudo: a) apresentar um modelo que avalie o perfil psicológico, baseando-se na teoria do Individualismo-Coletivismo e na metodologia do Modelo Interativo.

Assim, espera-se que, em relação aos constructos de Idiocentrismo e Alocentrismo: a) os Heteroidiocêntricos apresentem médias superiores aos demais grupos em relação às categorias que formam o Idiocentrismo; b) os indivíduos Heteroalocêntricos apresentarem médias superiores em relação às categorias que formam o Alocentrismo; c) os Isocêntricos apresentem respostas intermediárias entre os dois grupos anteriores.

Em relação ao autoconceito, espera-se que: a) os Heteroidiocêntricos diferenciem-se dos demais grupos em relação aos fatores da escala masculina, apresentando médias superiores aos outros dois grupos; b) os Heteroalocêntricos apresentem médias superiores em relação à escala feminina representantes do esquema feminino; c) os Isocêntricos apresentem respostas intermediárias em relação aos demais grupos.

Para o Inventário de Personalidade dos Cinco Grandes Fatores (Big Five) espera-se que os Heteroidiocêntricos apresentem altos escores para o fator Extroversão, Realização e Abertura e baixos escores para os fatores Socialização e Neuroticismo; o inverso ocorrendo para os Heteroalocêntricos. Para os Isocêntricos espera-se, que os mesmos, apresentem médias intermediárias em relação aos dois grupos anteriores

CAPÍTULO 3

MATERIAIS E MÉTODOS

Este capítulo será apresentado em três seções, uma vez que metodologias distintas foram utilizadas durante a elaboração deste estudo. Assim, a seção 3.1 apresentará a Metodologia para a elaboração e pré-validação do Inventário de Perfil Idiocêntrico-Alocêntrico de Atletas (Perfil I-A); 3.2 - Metodologia para a validação do Perfil I-A e, 3.3 - Metodologia para avaliar o perfil psicológico de atletas classificados nos grupos tipológicos.

3.1 - ELABORAÇÃO E PRÉ-VALIDAÇÃO DO PERFIL I-A

De acordo com a revisão bibliográfica realizada a respeito das escalas psicométricas idealizadas para avaliar o Individualismo-Coletivismo, optou-se por elaborar uma escala de Idiocentrismo-Alocentrismo para o esporte, baseada em itens que avaliassem comportamentos e atitudes de atletas em relação à si mesmos e em relação a equipe.

Para tanto, foi construído um modelo teórico (figura 3.1) composto pelas seguintes categorias e subdivisões: a) para o Idiocentrismo, as categorias são: Auto-realização & Competitividade, Hedonismo e Distância Emocional da Equipe e b) para o Alocentrismo, as categorias: Integridade da Equipe e Interdependência.

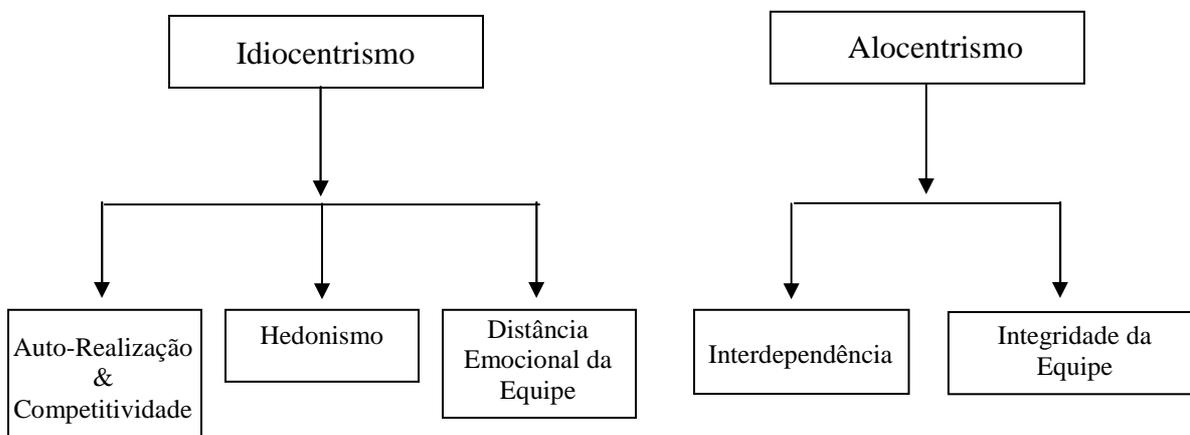


Figura 3.1 – Modelo Teórico elaborado para avaliar o perfil Idiocêntrico-Alocêntrico de atletas.

Cada categoria procurou englobar perfis de um dos grupos tipológicos propostos pelo Modelo Individualismo-Coletivismo: Horizontal e Vertical (TRIANDIS, GELFAND, 1998). Para a elaboração dos itens de cada categoria foi utilizado os resultados do estudo de Oishi, et al. (1998).

Idiocentrismo: Para a categoria **Auto-Realização & Competitividade**, os itens procuraram englobar os valores da Auto-Realização (sucesso pessoal, ser bem-sucedido, capacidade individual, ambição) e Poder (status social, poder social, autoridade e riqueza). Nesta categoria objetivou-se capturar o perfil dos Individualistas Verticais (IV), segundo o modelo de Triandis e Gelfand (1998). Dentre os itens elaborados encontram-se a seguir:

- ✓ Para mim, o importante é vencer.
- ✓ Confio na capacidade profissional do meu técnico, desde que o seu treinamento me leve ao sucesso esportivo.
- ✓ Gosto de ter a atenção exclusiva do técnico a respeito da minha performance após as competições.
- ✓ Sou assíduo aos treinamentos porque eles me propiciarão atingir meus objetivos de sucesso na carreira atlética.
- ✓ Gosto de treinamentos duros em que me destaco diante dos meus colegas de equipe.
- ✓ Minha meta é ser o melhor atleta da equipe.
- ✓ Minha meta, enquanto atleta, é ser reconhecido pelos meios de comunicação.
- ✓ Quero obter lucros financeiros com o meu sucesso atlético.
- ✓ Encaro cada treinamento como uma competição, procurando sempre me destacar da equipe.
- ✓ Considero os meus treinamentos um ritual diário através do qual alcanço o sucesso desportivo.
- ✓ Sinto-me mais poderoso a cada competição que venço.
- ✓ Sou competitivo por natureza.
- ✓ Cometo falta e/ou desrespeito às regras quando estou perdendo.

Para a categoria **Hedonismo** foram elaborados itens buscando abranger o prazer e gratificação sensual individual e desfrute da vida, englobando valores de Estimulação (entusiasmo, novidade, desafios, ser audacioso, ter uma vida variável e excitante) e de Autodeterminação (pensamento independente e escolha da ação), sendo a criatividade, exploração, independência, liberdade, curiosidade, auto-respeito e escolha das próprias metas, alguns exemplos. Esta categoria preocupou-se em descrever o perfil dos Individualistas Horizontais (IH). Dentre os itens elaborados estão:

- ✓ Sinto prazer em competir.
- ✓ Gosto da sensação de vencer.
- ✓ Gosto da adrenalina pré-competitiva.
- ✓ Gosto de escutar a torcida me incentivando.
- ✓ Gosto da sensação que fica em meu corpo após a prática do exercício físico.
- ✓ Sinto cada treino como um novo desafio.
- ✓ Fico entusiasmado ao ser classificado para participar de competições nacionais e internacionais.
- ✓ Ouso mudar a tática sem saber se o resultado final será positivo.
- ✓ Gosto de criar novas possibilidades táticas mesmo contrariando as determinações de meu técnico.
- ✓ Gosto de me superar a cada competição.
- ✓ Sinto prazer em provocar o meu adversário.
- ✓ Gosto de perceber que o adversário está mais ansioso do que eu.
- ✓ Fico irritado quando o meu desempenho não é bom.
- ✓ Fico agressivo quando me sinto frustrado diante de um erro de arbitragem.
- ✓ Aborreço-me quando algum colega obtém resultados melhores do que os meus.

Para a categoria **Distância Emocional da Equipe** procurou-se englobar aspectos individualistas que refletissem a distância emocional do atleta em relação à sua equipe. Procurou-se traduzir o perfil dos Individualistas Verticais (IV) através dos seguintes itens:

- ✓ Interesse-me apenas pelo meu treino, sem me preocupar com o desempenho do restante da equipe.
- ✓ Deixo a minha equipe, se for convidado para participar de uma equipe mais forte.
- ✓ Deixo o meu técnico se for convidado para participar da equipe de um outro técnico que apresente melhores resultados.
- ✓ Deixo a minha equipe, antes do campeonato, se surgirem melhores condições para mim.
- ✓ Irrito-me com membros da equipe que prejudicam o desempenho do grupo e a classificação final da equipe.
- ✓ Deixo amigos e familiares ao ser convidado para treinar em outro país.
- ✓ Intrigas na equipe não afetam os meus resultados.
- ✓ Minha relação com a equipe se restringe aos treinos e competições.

- ✓ Minha relação com o técnico é estritamente profissional.
- ✓ Os melhores atletas merecem tratamento diferenciado quando comparados aos demais atletas da equipe.

Alocentrismo: Para o alocentrismo, foram elaboradas duas categorias: **Integridade da Equipe** que procurou englobar características relativas aos valores: Tradição (respeito, compromisso e aceitação dos costumes e idéias oferecidas pela cultura, devoção, humildade, resignação, cumprimento do dever e moderação); Conformidade e Segurança (restrição das ações, tendências e impulsos que possam incomodar ou ferir os outros e contrariar as expectativas ou normas sociais, polidez, obediência, honra ao grupo, autodisciplina, harmonia e estabilidade da sociedade, das relações e de si mesmo, ordem social, sentido de pertença e reciprocidade de favores). Esta categoria procurou traduzir o perfil dos Coletivistas Verticais (CV). Dentre os itens, encontram-se:

- ✓ Procuo manter a união e a coesão da equipe.
- ✓ Sinto-me constrangido (a) quando sobressaio sobre os demais membros da equipe.
- ✓ Pertencer a uma equipe é mais importante do que vencer uma competição.
- ✓ Sirvo de amparo emocional e dou apoio psicológico aos meus colegas de equipe.
- ✓ Cumpro os meus treinos, procurando não desagradar o meu técnico.
- ✓ Realizo-me através do sucesso de minha equipe.
- ✓ Se preciso for, sacrifico meus objetivos pessoais em favor da equipe.
- ✓ Fico deprimido (a) quando não atendo as expectativas do meu técnico e da equipe.
- ✓ Confio plenamente na capacidade profissional do meu técnico.
- ✓ Assumo os erros da equipe se for preciso.
- ✓ Tomo cuidado para não desrespeitar as regras esportivas.
- ✓ Cumpro as determinações do técnico, sem inovar.
- ✓ Sofro quando vejo algum colega de equipe triste porque não obteve bons resultados.

Para categoria **Interdependência** que englobou valores relativos à Benevolência (preservação ou intensificação do bem-estar das pessoas com as quais se está em contato freqüentemente, lealdade, honestidade, responsabilidade, vida espiritual, amor maduro) e ao Universalismo (compreensão, apreço, tolerância e atenção com o bem-estar de todas as pessoas e da natureza, sabedoria, harmonia interior e igualdade). Este fator procurou caracterizar o perfil dos Coletivistas Horizontais (CH).

- ✓ Preocupo-me com o bem-estar dos colegas de minha equipe.
- ✓ Sou leal ao meu clube.
- ✓ Sou fiel ao meu técnico.
- ✓ Gosto dos treinamentos porque interajo com os meus colegas.
- ✓ Meus colegas de equipe são, também, colegas para outros eventos sociais.
- ✓ Além de minha vida esportiva, o meu técnico participa de minha vida social.
- ✓ Fico feliz quando algum colega desponta dentre os colegas da equipe.
- ✓ Torço para que todos da equipe venham a obter bons resultados.
- ✓ Discuto com o meu técnico a melhor tática a ser utilizada.
- ✓ Minha vida atlética complementa a minha vida social.
- ✓ Pratico esporte para manter-me saudável e ampliar meus contatos sociais.

As categorias foram idealizadas segundo o perfil dos grupos do modelo de Individualismo-Coletivismo: Horizontal e Vertical, porque desta forma, os itens elaborados para o Idiocentrismo e para o Alocentrismo englobariam todos os aspectos dos quatro tipos propostos por Triandis e Gelfand (1998).

Não se optou pela escala de cenários, porque para cada cenário haviam quatro respostas, cada qual relativa a um grupo tipológico do modelo de Individualismo-Coletivismo: Vertical e Horizontal. Esta proposta torna-se inviável para ser utilizada no Modelo Interativo, porque não resulta em um escore para o Individualismo (Idiocentrismo) e outro para o Coletivismo (Alocentrismo).

O Perfil I-A, ao contrário, ao elaborar categorias para o Idiocentrismo e o Alocentrismo permitiu obter escores em ambas as dimensões, podendo-se avaliar, tanto o perfil do atleta em relação ao Idiocentrismo e ao Alocentrismo, quanto obter dois escores finais (escore Idiocêntrico e escore Alocêntrico), os quais permitiram a classificação dos atletas em grupos tipológicos.

Após a formulação dos itens das escalas, as mesmas foram submetidas a análises de juízes.

Análise de Juízes: Os 62 itens foram dispostos aleatoriamente em uma lista para serem avaliados por profissionais da área de Psicologia e Educação Física. Juntamente com a lista de itens, foi apresentado o modelo teórico (p. 49), bem como, a definição operacional de cada categoria. Foi solicitado aos juízes que avaliassem cada item e indicassem a sua melhor categoria.

Participaram desta análise quatro juízes (doutores), sendo um do curso de Psicologia e três do curso de Educação Física. O tempo decorrente entre a entrega e o retorno dos formulários foi de uma semana. Os resultados das análises encontram-se nas tabelas 3.1 e 3.2. O índice de concordância das respostas foi estipulado em 75% para a permanência do item na categoria. Para percentuais inferiores ao estipulado, o item sofreu as seguintes alterações: retirada ou permanência na categoria para solucionamento futuro através da análise fatorial.

Como não foi necessária a retirada de nenhum item e aqueles que apresentaram baixa concordância, mas cujos juízes indicavam categorias condizentes com a sua idealização inicial, permaneceram no instrumento para resolução através da análise fatorial.

Tabela 3.1 – Itens, percentual de concordância, disposição no modelo teórico e pelos juízes e procedimentos adotados - Idiocentrismo

Idiocentrismo				
Auto-Realização & Competitividade				
Itens	Percentual	Modelo	Julgamento	Procedimentos
Quero obter lucros financeiros com minha carreira atlética.	100%	1	1	Permaneceu
Confio na capacidade profissional do meu técnico desde que o seu treinamento me leve ao sucesso esportivo.	75%	1	1	Permaneceu
Minha meta enquanto atleta é ser reconhecido pelos meios de comunicação.	75%	1	1	Permaneceu
Gosto de ter a atenção exclusiva do técnico a respeito da minha performance após as competições.	75%	1	1	Permaneceu
Sou assíduo aos treinamentos porque eles me propiciarão atingir meus objetivos de sucesso na carreira atlética.	75%	1	1	Permaneceu
Sou competitivo por natureza.	75%	1	1	Permaneceu
Sinto-me mais poderoso a cada competição que venço	75%	1	1	Permaneceu
Considero os meus treinamentos um ritual diário através do qual alcanço o sucesso desportivo.	50%	1	1 e 2	Análise fatorial
Minha meta é ser o melhor atleta da equipe	50%	1	1 e 2	Análise fatorial
Encaro cada treinamento como uma competição, procurando sempre me destacar da equipe.	50%	1	1 e 2	Análise fatorial
Gosto de treinamentos duros em que me destaco diante dos meus colegas de equipe.	50%	1	1 e 3	Análise fatorial
Para mim, o importante é vencer.	50%	1	1 e 3	Análise fatorial
Cometo falta e/ou desrespeito as regras quando estou perdendo.	50%	1	1 e 3	Análise fatorial

Hedonismo				
Sinto cada treino como um novo desafio	100%	2	2	Permaneceu
Gosto de escutar a torcida me incentivando	100%	2	2	Permaneceu
Gosto da sensação que fica em meu corpo após a prática do exercício físico.	100%	2	2	Permaneceu
Gosto da sensação de vencer.	100%	2	2	Permaneceu
Fico entusiasmado ao ser classificado para participar de competições nacionais e internacionais.	75%	2	2	Permaneceu
Sinto prazer em competir	75%	2	2	Permaneceu
Gosto de perceber que o adversário está mais ansioso do que eu.	75%	2	2	Permaneceu
Gosto de me superar a cada competição	75%	2	2	Permaneceu
Gosto da adrenalina pré-competitiva	75%	2	2	Permaneceu
Ouso mudar a tática sem saber se o resultado final será positivo.	75%	2	2	Permaneceu
Gosto de criar novas possibilidades táticas mesmo contrariando as determinações de meu técnico.	75%	2	2	Permaneceu
Aborreço-me quando algum colega obtém resultados melhores do que os meus.	50%	2	2 e 3	Análise fatorial
Sinto prazer em provocar o meu adversário.	50%	2	2 e 3	Análise fatorial
Fico irritado quando o meu desempenho não é bom.	50%	2	1 e 2	Análise fatorial
Fico agressivo quando me sinto frustrado diante de um erro de arbitragem.	50%	2	2 e 5	Análise fatorial
Distância Emocional da Equipe				
Deixo a minha equipe, se for convidado para participar de uma equipe mais forte.	100%	3	3	Permaneceu
Os melhores atletas merecem tratamento diferenciado quando comparados aos demais atletas da equipe.	100%	3	3	Permaneceu
Deixo o meu técnico se for convidado para participar da equipe de um outro técnico que apresente melhores resultados	100%	3	3	Permaneceu
Minha relação com a equipe se restringe aos treinos e competições	100%	3	3	Permaneceu
Minha relação com o técnico é estritamente profissional	100%	3	3	Permaneceu
Deixo a minha equipe, antes do campeonato, se surgirem melhores condições para mim.	100%	3	3	Permaneceu
Irrito-me com membros da equipe que prejudicam o desempenho do grupo e a classificação final da equipe.	100%	3	3	Permaneceu
Deixo amigos e familiares ao ser convidado para treinar em outro país.	75%	3	3	Permaneceu
Interesso-me apenas pelo meu treino, sem me preocupar com o desempenho do restante da equipe.	75%	3	3	Permaneceu
Intrigas na equipe não afetam os meus resultados.	50%	3	3 e 2	Análise fatorial

Tabela 3.2 – Itens, percentual de concordância, disposição no modelo teórico e pelos juízes e procedimentos adotados - Alocentrismo.

Alocentrismo				
Interdependência				
Itens	Percentual	Modelo	Julgamento	Procedimentos
Confio plenamente na capacidade profissional do meu técnico.	100%	4	4	Permaneceu
Tomo cuidado para não desrespeitar as regras esportivas	100%	4	4	Permaneceu
Se for preciso, sacrifico meus objetivos pessoais em favor da equipe.	100%	4	4	Permaneceu
Pertencer a uma equipe é mais importante do que vencer uma competição.	75%	4	4	Permaneceu
Assumo os erros da equipe se for preciso	75%	4	4	Permaneceu
Procuro manter a união e a coesão da equipe.	75%	4	4	Permaneceu
Sirvo de amparo emocional e dou apoio psicológico aos meus colegas de equipe.	75%	4	4	Permaneceu
Cumpro as determinações do técnico, sem inovar	75%	4	4	Permaneceu
Sinto-me constrangido (a) quando sobressaio sobre os demais membros da equipe.	75%	4	4	Permaneceu
Realizo-me através do sucesso de minha equipe.	50%	4	4 e 5	Análise fatorial
Sofro quando vejo algum colega de equipe triste porque não obteve bons resultados.	50%	4	4 e 5	Análise fatorial
Fico deprimido (a) quando não atendo as expectativas do meu técnico e da equipe.	50%	4	4 e 5	Análise fatorial
Cumpro os meus treinos, procurando não desagradar o meu técnico.	50%	4	4 e 5	Análise fatorial
Integridade da Equipe				
Sou leal ao meu clube.	75%	5	5	Permaneceu
Torço para que todos da equipe venham a obter bons resultados.	75%	5	5	Permaneceu
Sou fiel ao meu técnico.	75%	5	5	Permaneceu
Fico feliz quando algum colega desponta dentre os colegas da equipe.	75%	5	5	Permaneceu
Discuto com o meu técnico a melhor tática a ser utilizada	75%	5	5	Permaneceu
Preocupo-me com o bem-estar dos colegas de minha equipe.	75%	5	5	Permaneceu
Meus colegas de equipe são, também, colegas para outros eventos sociais.	50%	5	4 e 5	Análise fatorial
Minha vida atlética complementa a minha vida social.	50%	5	4 e 5	Análise fatorial
Além de minha vida esportiva, o meu técnico participa de minha vida social.	50%	5	4 e 5	Análise fatorial
Pratico esporte para manter-me saudável e ampliar meus contatos sociais.	50%	5	4 e 5	Análise fatorial
Gosto dos treinamentos porque interajo com os meus colegas.	50%	5	4 e 5	Análise fatorial

Após a análise dos juízes pôde-se elaborar o primeiro protótipo do Inventário de Perfil de Idiocêntrico-Alocêntrico de Atletas (Perfil I-A). Esta escala, composta por 62 itens, sendo 38 da escala do Idiocentrismo e 24 da escala do Alocentrismo, foi aplicada a uma amostra de

15 atletas (8 mulheres e 7 homens) com idades entre 14 e 30 anos e nível de escolaridade variando de segundo grau incompleto a terceiro grau completo, para que a mesma fosse avaliada quanto a seu entendimento semântico. Não houve discordância por parte dos atletas com relação aos itens e tão pouco com relação a como avaliá-los.

3.2 - METODOLOGIA PARA A PRÉ-VALIDAÇÃO DO PERFIL I-A

Amostra: Participaram desta etapa 114 atletas juvenis e adultos de várias modalidades esportivas coletivas (80%) e individuais (20%), sendo 54,9% do sexo feminino, como média etária igual a 20,73 (\pm 4,55) anos, frequência semanal de treinos de 3,21 (\pm 1,03) vezes/semana e duração média de 114,73 (\pm 45,65) minutos/dia. Estes atletas foram selecionado em campeonatos regionais de modalidades coletivas e individuais em todo Distrito Federal, bem como nos jogos universitários.

Procedimento: Os dados foram coletados pela própria pesquisadora com autorização dos técnicos de cada modalidade. Inicialmente, foi esclarecido aos atletas o objetivo da pesquisa, solicitando em seguida que estes respondessem o instrumento em casa, individualmente, uma vez que seria importante que estivessem fora do local de competição. Após o preenchimento, os atletas devolveram o instrumento ao técnico, o qual ficou responsável pela entrega destes à pesquisadora.

3.3 - METODOLOGIA PARA A VALIDAÇÃO DO PERFIL I-A:

Amostra: Para a avaliação do perfil psicológico dos grupos tipológicos utilizou-se uma amostra de 273 atletas de modalidades individuais (natação, atletismo, lutas e ginástica artística) e de modalidades coletivas (voleibol, basquetebol, handebol, futsal e futebol de campo), sendo 57,6% homens, com faixa etária de 21,17(\pm 3,73) anos e nível de escolaridade variando de segundo grau incompleto a terceiro grau completo. O tempo médio de treinamento foi de 9,73 (\pm 4,12) anos; com duração diária de 129,12 (\pm 48,17) minutos e frequência semanal de 5,44 (\pm 2,28) dias. Destes atletas 92% já haviam participado de

competições nacionais e internacionais. Cabe ressaltar que os sujeitos amostrais (114) da pré-validação do Perfil I-A não fizeram parte desta amostra.

Procedimento: Os instrumentos foram aplicados pela própria pesquisadora em campeonatos brasileiros de esportes universitários, bem como, foram entregues aos técnicos de equipes de alto rendimento esportivo. Estes receberam pessoalmente da pesquisadora as instruções para a aplicação. Os envelopes também continham as instruções em impresso. No caso das competições em campeonatos brasileiros, foi solicitado aos técnicos que os instrumentos fossem aplicados no hotel, durante o repouso dos atletas. Os instrumentos aplicados nos clubes foram encaminhados via SEDEX, enquanto os instrumentos aplicados em campeonatos brasileiros foram entregues pelos técnicos na recepção do hotel, os quais foram devolvidos à própria pesquisadora.

3.4 - METODOLOGIA PARA AVALIAÇÃO DO PERFIL PSICOLÓGICO DOS GRUPOS TIPOLOGICOS

Amostra: Para esta etapa foi utilizada a mesma amostra descrita na etapa de validação do Perfil I-A.

Instrumentos: a) Para a classificação em grupos tipológicos foi utilizado o Perfil I-A; b) Para a avaliação do autoconceito foram utilizados o Inventário Feminino dos Esquemas de Gênero do Autoconceito (IFEGA) – (GIAVONI, TAMAYO, 2005) e o Inventário Masculino dos Esquemas de Gênero do Autoconceito (IMEGA) - (GIAVONI, TAMAYO, 2003), c) Para avaliar a personalidade e comparar com estudos anteriores relacionados à personalidade e esporte foi utilizado o Inventário de Personalidade dos Cinco Grandes Fatores (Big Five) – (Hutz et al., 1998).

O IFEGA é um instrumento que avalia os esquemas masculino e feminino do autoconceito de mulheres. Composto por 75 itens, onde 36 são representantes do esquema masculino (escala masculina) e 39 que compõem o esquema feminino (escala feminina). A escala masculina é composta pelos fatores Arrojamento, Egocentrismo e a escala feminina pelos fatores Sensualidade, Inferioridade e Ajustamento Social. Os itens são avaliados através de uma escala de cinco pontos, onde o escore 0 (zero) indica que o item não se aplica ao respondente até o escore 4 (quatro), indicando que o item se aplica totalmente ao respondente.

Para avaliar o autoconceito do sexo masculino utilizou-se o Inventário Masculino dos Esquemas de Gênero do Autoconceito (IMEGA). Semelhante ao inventário anterior, este instrumento é composto por 71 itens, sendo 41 representantes do esquema masculino (escala masculina) e 30 que compõem o esquema feminino (escala feminina). Os fatores da escala masculina são Egocentrismo, Ousadia, Racionalidade e os fatores da escala feminina são Integridade, Sensualidade, Insegurança e Emotividade. Os fatores Emotividade e Integridade resultam em um fator de segunda ordem denominado de Sensibilidade. Os itens são avaliados através de uma escala de cinco pontos similar à do IFEGA.

Para avaliar o perfil Idiocêntrico e Allocêntrico dos atletas foi utilizado Perfil I-A. Para avaliar os traços de personalidade foi utilizada o Inventário de Personalidade dos Cinco Grandes Fatores (Big Five) em sua versão simplificada validada para o Brasil por HUTZ et al. (1998). A escala é composta por 64 itens, os quais são avaliados através de uma escala de 7 pontos, onde o 1 indica “Não me descreve” caminhando até o número 7, o qual indica “Descreve-me totalmente”.

Todos os instrumentos formaram um caderno designado para o sexo masculino e outro para o sexo feminino, uma vez que o IFEGA e o IMEGA devem ser aplicados em mulheres e homens, respectivamente. No início do caderno foi anexado o termo de consentimento livre e esclarecido e, ao final, foram anexados dados complementares, tais como: idade, modalidade que pratica, tempo de prática, número treinamentos semanais, duração do treinamento, tipos de competições que participou (regionais, nacionais e internacionais) (apêndice 01).

Procedimentos: Os instrumentos foram aplicados pela própria pesquisadora em campeonatos brasileiros de esportes universitários, bem como, foram entregues aos técnicos de equipes de alto rendimento esportivo. Estes receberam pessoalmente da pesquisadora as instruções para a aplicação. Os envelopes também continham as instruções em impresso. No caso das competições em campeonatos brasileiros, foi solicitado aos técnicos que os instrumentos fossem aplicados no hotel, durante o repouso dos atletas. Os instrumentos aplicados nos clubes foram encaminhados via SEDEX, enquanto os instrumentos aplicados em campeonatos brasileiros foram entregues pelos técnicos na recepção do hotel, os quais foram devolvidos à própria pesquisadora, ao todo foram distribuídos 1000 cadernos.

Análises Estatísticas: Inicialmente, foram realizadas as análises descritivas da amostra (frequências, médias e desvios-padrões). Para as fases de pré-validação e validação do Perfil I-A foram utilizadas Análises Fatoriais e o Alfa de Cronbach.

Para avaliar a fatorialidade da escala foram utilizados os seguintes critérios: a) *Kaiser-Meyer-Olkin* (KMO); b) *Bartlett's Test of Sphericity*; c) *Eigenvalues* igual ou superior a 1,5; d) variância explicada por cada fator igual ou superior a 5% e, e) Gráfico *Screeplot*.

Utilizando-se a Análise Fatorial, com método *Principal Axis Factoring* (PAF), rotações oblíquas e varimax (dependendo se haviam ou não correlações entre os fatores) com cargas fatoriais iguais ou superiores a 0,40 para pré-validação e 0,35 para validação; foram realizadas análises, separadamente, para a escala Idiocêntrica e para a escala Alocêntrica. Para avaliar o índice de precisão interna de cada fator, utilizou-se o Alfa de Cronbach.

Para as análises inferenciais foram utilizados testes t pareados e Múltiplas Análises de Variância tipo *One-Way* e *Two-Way*. Para estas análises foram utilizados testes post hoc *Tukey* ou *Dunnnett'C*, respectivamente, de acordo com a presença ou não de homogeneidade de variância entre grupos. Em todas as análises foi estipulado erro de 5%. Este projeto foi aprovado pelo Comitê de Ética da Universidade Católica de Brasília, sob o N. CEP/UCB 80/2007.

CAPÍTULO 4

RESULTADOS E DISCUSSÕES

Para um melhor entendimento e compreensão dos resultados encontrados, os mesmos serão apresentados, separadamente por seções.

4.1– Pré-validação do Perfil I-A;

4.2 - Validação do Perfil I-A;

4.3 – Perfil de Psicológico dos grupos tipológicos;

4.3.1 – Perfil I-A e suas relações com IFEGA (amostra feminina);

4.3.2 – Perfil I-A e suas relações com IMEGA (amostra masculina).

4.1 - PRÉ -VALIDAÇÃO DO PERFIL I-A

Escala do Idiocentrismo: A análise dos componentes principais revelou os seguintes resultados: a) *Kaiser-Meyer-Olkin* (KMO) = 0,77; b) *Barlett's Test of Sphericity* (276) = 992,28; $p = 0,001$; c) número de componentes (*eigenvalues* > 1,5) = 3; d) variância total explicada pelos três componentes: 46,40%. A matriz de correlação entre os fatores revelou que estes não estavam correlacionados entre si. Desta forma, uma nova análise foi realizada utilizando-se rotações do tipo Varimax e cargas fatoriais iguais ou superiores a 0,40.

Desta análise pode-se observar a exclusão de 16 itens, resultando, ao final em 22 itens. Os três fatores extraídos foram denominados de Auto-Realização & Competitividade, Hedonismo e Distância Emocional da Equipe e explicavam respectivamente 24,73%, 11,75%, 9,92% da variância total.

Tabela 4.1 - Itens e Cargas Fatoriais obtidos para a escala de Idiocentrismo.

Fator 1 - Auto-Realização & Competitividade ($\alpha = 0,79$)	
Descrição	Carga Fatorial
Considero os meus treinamentos um ritual diário através do qual alcanço o sucesso desportivo.	0,85
Sou assíduo aos treinamentos porque eles me propiciarão atingir meus objetivos de sucesso na carreira atlética.	0,70
Sinto cada treino como um novo desafio.	0,66
Gosto de me superar a cada competição.	0,61

Fico entusiasmado ao ser classificado para participar de competições nacionais e internacionais.	0,50
Gosto de escutar a torcida me incentivando.	0,49
Gosto de ter a atenção exclusiva do técnico a respeito da minha performance após as competições.	0,45
Minha meta é ser o melhor atleta da equipe.	0,43
Minha meta enquanto atleta é ser reconhecido pelos meios de comunicação.	0,42
Fator 2 – Hedonismo ($\alpha = 0,75$)	
Descrição	Carga Fatorial
Sinto prazer em competir.	0,62
Sou competitivo por natureza.	0,61
Fico irritado quando o meu desempenho não é bom.	0,56
Para mim, o importante é vencer.	0,53
Gosto da sensação de vencer.	0,52
Sinto-me mais poderoso a cada competição que venço.	0,51
Irrito-me com membros da equipe que prejudicam o desempenho do grupo e a classificação final da equipe.	0,44
Fator 3 – Distância Emocional da Equipe ($\alpha = 0,76$)	
Descrição	Carga Fatorial
Deixo a minha equipe, se for convidado para participar de uma equipe mais forte.	0,72
Deixo o meu técnico se for convidado para participar da equipe de um outro técnico que apresente melhores resultados.	0,59
Gosto de treinamentos duros em que me destaco diante dos meus colegas de equipe.	0,51
Interesso-me apenas pelo meu treino, sem me preocupar com o desempenho do restante da equipe.	0,48
Quero obter lucros financeiros com o meu sucesso atlético.	0,48
Encaro cada treinamento como uma competição, procurando sempre me destacar da equipe.	0,45

Escala do Alocentrismo: A análise apresentou os seguintes resultados: a) *Kaiser-Meyer-Olkin* (KMO) = 0,74; b) *Bartlett's Test of Sphericity* (55) = 290,69; $p = 0,001$; c) número de componentes (*eigenvalues* > 1,5) = 2; d) variância total explicada pelos dois componentes: 51,88%. Os dois fatores extraídos foram denominados: Interdependência e Integridade da Equipe e explicavam 36,56% e 15,32%, respectivamente. Observou-se, também, que haviam correlações entre os dois fatores ($r = 0,33$), originando um fator de segunda ordem, denominado de Nível de Alocentrismo ($\alpha = 0,77$), que explicava 31,54% da variância total.

Desta análise foram excluídos 12 itens, resultando em 12 itens.

Tabela 4.2 - Itens e Cargas Fatoriais obtidos para a escala de Alocentrismo.

Fator 4 – Integridade da Equipe ($\alpha = 0,74$)	
Descrição	Carga Fatorial
Realizo-me através do sucesso de minha equipe.	0,68
Procuro manter a união e a coesão da equipe.	0,56
Preocupo-me com o bem-estar dos colegas de minha equipe.	0,54
Se preciso for, sacrifico meus objetivos pessoais em favor da equipe.	0,51
Sofro quando vejo algum colega de equipe triste porque não obteve bons resultados.	0,50
Sirvo de amparo emocional e dou apoio psicológico aos meus colegas de equipe	0,49
Assumo os erros da equipe se for preciso.	0,45
Fator 5 – Interdependência ($\alpha = 0,72$)	
Descrição	Carga Fatorial
Sou fiel ao meu técnico.	-0,80
Confio plenamente na capacidade profissional do meu técnico.	-0,64

Sou leal ao meu clube.	-0,53
Meus colegas de equipe são, também, colegas para outros eventos sociais.	-0,52
Além de minha vida esportiva, o meu técnico participa de minha vida social.	-0,45
Fator de Segunda Ordem – Nível de Alocentrismo ($\alpha = 0,77$)	
Descrição	Carga Fatorial
Sou fiel ao meu técnico.	0,63
Realizo-me através do sucesso de minha equipe.	0,63
Sou leal ao meu clube.	0,59
Confio plenamente na capacidade profissional do meu técnico.	0,55
Procuro manter a união e a coesão da equipe.	0,54
Preocupo-me com o bem-estar dos colegas de minha equipe.	0,52
Sirvo de amparo emocional e dou apoio psicológico aos meus colegas de equipe	0,48
Se preciso for, sacrifico meus objetivos pessoais em favor da equipe.	0,46
Meus colegas de equipe são, também, colegas para outros eventos sociais.	0,46
Além de minha vida esportiva, o meu técnico participa de minha vida social.	0,43
Sofro quando vejo algum colega de equipe triste porque não obteve bons resultados.	0,42

Ao final da pré-validação, o Inventário de Perfil Idiocêntrico-Alocêntrico de Atletas (Perfil I-A) ficou constituído por 34 itens.

4.2 - VALIDAÇÃO DO PERFIL I-A

A análise de Componentes Principais apresentou os seguintes resultados para a Escala de Idiocentrismo: a) *Kaiser-Meyer-Olkin* (KMO) = 0,79; b) *Bartlett's Test of Sphericity* (136) = 1109,83; p = 0,001; c) número de componentes (*eigenvalues* > 1,5) = 3 e d) variância total explicada pelos três componentes: 47,12%.

O gráfico *scree plot* foi utilizado como referência na opção do número de fatores a serem extraídos. Através do método *Principal Axis Factoring* (PFA) foram extraídos três fatores, denominados de: Auto-Realização & Competitividade ($\alpha = 0,79$), Hedonismo ($\alpha = 0,74$) e Distância Emocional da Equipe ($\alpha = 0,76$), os quais explicavam, respectivamente, 25,54%, 12,82% e 8,76% da variância total. Observou-se, também, que haviam correlações entre os três fatores, originando um fator de segunda ordem, denominado de Nível de Idiocentrismo ($\alpha = 0,81$), o qual explicava 32,84% da variância total.

Para a escala de Alocentrismo observou-se os seguintes resultados: a) *Kaiser-Meyer-Olkin* (KMO) = 0,75; b) *Bartlett's Test of Sphericity* (55) = 553,29; p = 0,001; c) número de componentes (*eigenvalues* > 1,5) = 1 e d) variância total explicada pelos componentes: 30,41%. Através do método *Principal Axis Factoring* (PFA) foi extraído um único fator,

denominado Nível de Alocentrismo ($\alpha = 0,76$). As tabelas 4.3 e 4.4 apresentam os itens e as cargas fatoriais que compõem cada fator.

Tabela 4.3 – Itens e Cargas fatoriais que compõem os fatores da Escala de Idiocentrismo do Perfil I-A.

Fator 1- Auto-Realização & Competitividade ($\alpha = 0,79$)	
Descrição	Carga Fatorial
Minha meta é ser o melhor da equipe.	0,71
Encaro cada treinamento como uma competição, procurando sempre me destacar da equipe.	0,61
Sinto-me mais poderoso a cada competição que venço.	0,60
Minha meta enquanto atleta é ser reconhecido pelos meios de comunicação.	0,58
Gosto de ter atenção exclusiva do técnico a respeito da minha performance após as competições.	0,49
Gosto de treinamentos duros em que me destaco diante dos meus colegas de equipe.	0,49
Quero obter lucros financeiros com minha carreira atlética.	0,43
Para mim, o importante é vencer.	0,38
Fator 2 - Hedonismo ($\alpha = 0,74$)	
Sinto prazer em competir	0,66
Considero os meus treinamentos um ritual diário através do qual alcanço o sucesso desportivo.	0,66
Sinto cada treino como um novo desafio.	0,64
Sou competitivo por natureza	0,55
Gosto de me superar a cada competição	0,50
Sou assíduo aos treinamentos porque eles me propiciarão atingir meus objetivos de sucesso na carreira atlética.	0,43
Fator 3- Distância Emocional da Equipe ($\alpha = 0,76$)	
Deixo a minha equipe se for convidado para participar de uma equipe mais forte.	0,86
Deixo meu técnico se for convidado para participar da equipe de um outro técnico que apresente melhores resultados.	0,70
Fator de Segunda Ordem - Nível de Idiocentrismo ($\alpha = 0,81$)	
Descrição	Carga Fatorial
Encaro cada treinamento como uma competição, procurando sempre me destacar da equipe.	0,67
Minha meta é ser o melhor da equipe.	0,62
Gosto de treinamentos duros em que me destaco diante dos meus colegas de equipe.	0,61
Sou competitivo por natureza	0,52
Quero obter lucros financeiros com minha carreira atlética.	0,51
Minha meta enquanto atleta é ser reconhecido pelos meios de comunicação.	0,51
Sinto cada treino como um novo desafio.	0,50
Gosto de ter atenção exclusiva do técnico a respeito da minha performance após as competições.	0,46
Sinto-me mais poderoso a cada competição que venço.	0,46
Considero os meus treinamentos um ritual diário através do qual alcanço o sucesso desportivo.	0,45
Sinto prazer em competir	0,37
Para mim, o importante é vencer.	0,36

Tabela 4.4 - Itens e Cargas fatoriais que compõem os fatores da Escala de Alocentrismo do Perfil I-A

Fator 1- Nível de Alocentrismo ($\alpha = 0,76$)	
Descrição	Carga Fatorial
Se preciso for, sacrifico meus objetivos pessoais em favor da equipe.	0,60
Preocupo-me com o bem-estar dos colegas de minha equipe	0,57
Assumo os erros da equipe se for preciso	0,56
Sofro quando vejo algum colega de equipe triste porque não obteve bons resultados	0,55
Procuo manter a união e a coesão da equipe	0,53
Sirvo de amparo emocional e dou apoio psicológico aos meus colegas de equipe	0,49
Realizo-me através do sucesso de minha equipe	0,43
Sou fiel ao meu técnico	0,42
Além de minha vida esportiva, o meu técnico participa de minha vida social	0,39
Confio plenamente na capacidade profissional do meu técnico	0,37
Meus colegas de equipe são, também, colegas para outros eventos sociais	0,37

Ao final, o Perfil I-A ficou composto por 27 itens, sendo 16 para a escala de Idiocentrismo e 11 para a escala de Alocentrismo. A versão final da escala encontra-se no apêndice 02.

Segundo o modelo teórico elaborado previamente, pode-se definir que os fatores avaliam os seguintes perfis na escala de Idiocentrismo:

Fator 1 - **Auto-Realização & Competitividade**: como característica geral este fator focaliza aspectos individualistas do *self* no contexto esportivo, o qual busca se diferenciar e se destacar dos demais, valorizando a hierarquia, a busca do sucesso pessoal, fama, poder, auto-realização, status social e riqueza.

Fator 2 - **Hedonismo**: tem como tema central a busca do prazer, gratificação pessoal e o desfrute da vida. Valorização da estimulação, da autodeterminação, superação, criatividade, ousadia, independência, liberdade, curiosidade, auto-respeito e escolha das próprias metas são alguns exemplos.

Fator 3 – **Distância Emocional da Equipe**: este fator, como o próprio nome indica, avalia a distância emocional do atleta em relação à sua equipe. Está composto por dois itens que avaliam como o interesse individual do atleta se sobrepõe às questões emocionais relacionadas com a afiliação social, no caso, desportiva.

Fator de segunda ordem – **Nível de Idiocentrismo**: sendo resultante da correlação existente entre os três fatores anteriormente apresentados, este fator agrupa vários aspectos individualistas do *self* no contexto esportivo.

Para a escala de Alocentrismo, o fator Nível de Alocentrismo avalia tanto a preocupação com a integridade da equipe, na qual o *self* assume uma atitude submissa, valorizando a hierarquia, tradição (respeito, compromisso), conformidade e segurança, restringindo ações e impulsos que possam incomodar ou ferir os outros, obediência, honra ao grupo e autodisciplina, como atitudes na qual o *self* assume atitudes igualitárias, englobando aspectos relativos à benevolência (preservação ou intensificação do bem-estar das pessoas com as quais se está em contato).

Observa-se, também, que as etapas de pré-validação e validação apresentaram convergência estrutural, detectando-se alterações apenas em relação à escala de Alocentrismo, na etapa de validação, na qual os fatores apresentaram-se correlacionados resultando em um único fator.

Devido à inexistência de escalas desta natureza no contexto esportivo, não foi possível compará-la com outras estruturas fatoriais similares. Entretanto, pode-se respaldar os resultados obtidos com a afirmação de Triandis et al. (1988), onde de uma forma geral, o

Individualismo enfatiza a auto-realização, hedonismo e distância emocional dos grupos, enquanto o Coletivismo enfatiza a integridade familiar, sociabilidade e interdependência. Como fator de segunda ordem e tema central do Coletivismo surge a subordinação das metas pessoais às metas grupais.

Além disso, uma revisão mais pormenorizada das escalas psicométricas apresentadas na revisão de Individualismo-Coletivismo permite destacar os seguintes aspectos: a) nas primeiras proposições de escalas, os itens foram elaborados buscando abranger os conceitos de Individualismo-Coletivismo de uma forma geral; b) após a elaboração do modelo de Individualismo-Coletivismo: Horizontal e Vertical, os itens passaram a ser elaborados em função do perfil de cada grupo (IV, IH, CV, CH); c) na escala de cenários, as respostas procuraram capturar o perfil psicológico de cada grupo tipológico, resultando, portanto, em quatro respostas para cada cenário e d) apesar do avanço do modelo de Individualismo-Coletivismo: Horizontal e Vertical, por permitir a categorização dos indivíduos em grupos tipológicos, as propostas das escalas dos itens b e c, ao final, categorizam os indivíduos em Individualistas ou Coletivistas (horizontal ou vertical), permanecendo, ainda assim, a dicotomia entre estes constructos. Ou seja, um mesmo indivíduo não pode ser avaliado concomitantemente tanto no individualismo quanto no coletivismo, através destas escalas.

Observa-se, portanto, que a forma de elaboração e normatização de uma escala influencia na sua dimensionalidade final. Conceber o Individualismo e o Coletivismo como constructos bidimensionais em nada resulta se, ao final, os dois escores não são utilizados para a avaliação do perfil individual. Sendo assim, como a afirmação de Triandis (1999, p. 130) de que “todo indivíduo possui uma combinação dos domínios vertical e horizontal, utilizando-se, para tanto, de elementos cognitivos individualistas ou coletivistas”, pode ser avaliada e considerada, se no momento de classificação dos sujeitos, as escalas utilizam normatizações unidimensionais?

O presente inventário, entretanto, buscou sanar estas questões ao propor um modelo teórico baseado em estudos anteriores, no qual foram consideradas tanto as dimensões que compõem os conceitos de Individualismo e Coletivismo, quanto os perfis dos grupos tipológicos do modelo de Individualismo-Coletivismo: Horizontal e Vertical e os valores que estes diferentes grupos designam para si, como definidores de sua conduta individual e social. Segundo Gouveia et al. (2002, p. 207) “embora possam ser identificados diversos instrumentos para medir o individualismo e o coletivismo, a maioria tem sido elaborada sem um marco teórico sólido de referência”.

Proposto, portanto, a partir de um modelo teórico, pode-se afirmar que o Perfil I-A encontra-se devidamente validado, com índices psicométricos condizentes com os padrões estabelecidos, podendo ser utilizado para aplicação no contexto esportivo.

4.3 - PERFIL PSICOLÓGICO DOS GRUPOS TIPOLÓGICOS

4.3.1- Classificação dos atletas nos grupos tipológicos

A distribuição da amostra total nos campos finais do Modelo Interativo encontra-se na figura 4.1.

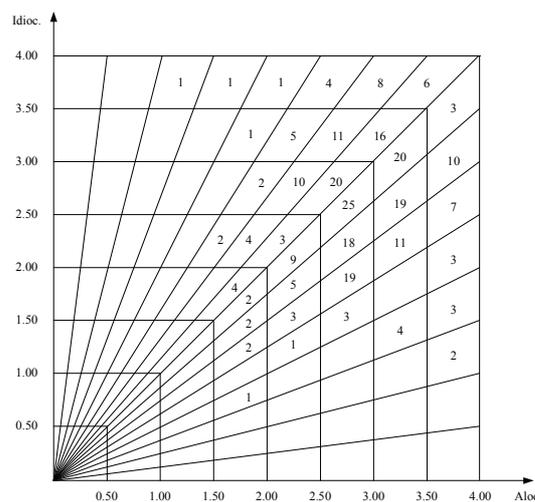


Figura 4.1 – Distribuição da amostra total nos campos finais do Modelo Interativo

Para a classificação de cada atleta nos campos do Modelo Interativo foram utilizados os escores dos fatores Nível de Idiocentrismo (NI) e Nível de Alocentrismo (NA). A partir do posicionamento dos atletas nos campos do modelo, pôde-se, através da expressão matemática $\hat{\alpha} = 45^\circ - \arctg \hat{e}$, onde $\text{tag } \hat{e} = \text{NI/NA}$ avaliar o desvio de cada atleta em relação à bissetriz. Após a obtenção dos desvios, foram classificados de Isocêntricos (ISO), os atletas que se desviavam entre $-3,83^\circ \leq \hat{\alpha} \leq +3,83^\circ$ da bissetriz. Isto porque, neste intervalo os níveis de Idiocentrismo e de Alocentrismo não diferiam entre si, demonstrando simetria ou proporcionalidade entre os constructos. A figura 4.2 apresenta os oito campos formados pela variável ângulo tanto na área do Idiocentrismo quanto na área do Alocentrismo, bem como, o número de sujeitos por campo.

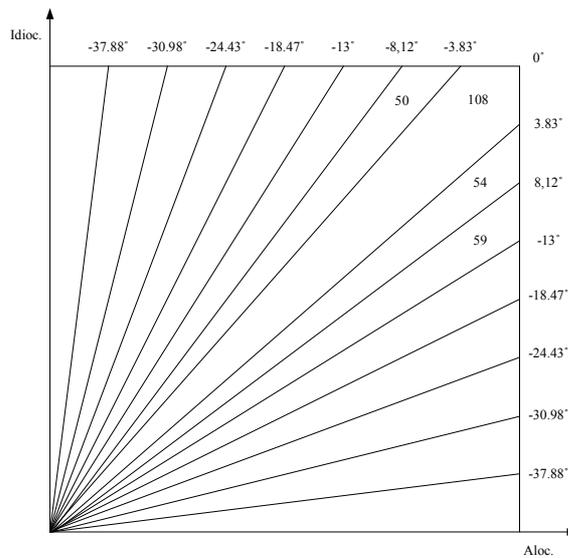


Figura 4.2 - Distribuição dos grupos tipológicos nos campos do Modelo Interativo

Foram classificados como Heteroidiocêntricos (HI), atletas que se desviavam mais do que $-3,83^\circ$ ($\hat{\alpha} < -3,83^\circ$) da bissetriz; de Heteroalocêntricos 1 (HA_1), aos atletas que se desviavam entre $+3,83^\circ < \hat{\alpha} \leq 8,12^\circ$ e de Heteroalocêntricos 2 (HA_2), os atletas que se desviavam entre $8,12^\circ < \hat{\alpha} \leq 13,0^\circ$ da bissetriz.

A tabela 4.5 apresenta a distribuição obtida para os atletas após classificação em grupos tipológicos. Observa-se na tabela que os Heteroalocêntricos foram subdivididos em dois grupos, devido ao número de sujeitos ($n=113$) encontrados nesta área do modelo. Porém, o mesmo não pôde ser realizado com os Heteroidiocêntricos, pois no campo $-8,12^\circ < \hat{\alpha} \leq -13,0^\circ$ foram encontrados apenas 17 sujeitos, apresentando grande desproporção com os demais grupos.

Tabela 4.5- Classificação dos sujeitos amostrais em grupos tipológicos

Grupos Tipológicos	Total
Isocêntricos	108
Heteroidiocêntricos	50
Heteroalocêntrico 1	54
Heteroalocêntrico 2	59
Total	271

Após a classificação em grupos tipológicos foram realizadas análises exploratórias dos dados para assegurar os pressupostos da Múltipla Análise de Variância (MANOVA). Nestas análises não foram encontrados casos faltosos, desvios de normalidade e outliers univariados por grupo avaliado. Entretanto, utilizando-se a Distância *Mahalanobis* para avaliar a presença de outliers multivariados, pôde-se detectar dois casos [$\chi^2(10) = 29,588$; $p = 0,001$] no grupo Isocêntrico, os quais foram retirados da amostra.

4.3.2 - Avaliação geral dos atletas em relação ao tipo de modalidade e o sexo

As primeiras análises visaram avaliar possíveis diferenças entre os tipos de modalidade (individual x coletiva) e os sexos (homens x mulheres) com relação às variáveis dependentes avaliadas: fatores do Perfil I-A e os fatores do Big Five. Isto porque os estudos até então realizados em Psicologia do Esporte avaliaram diferenças no perfil psicológico de atletas de modalidades individual x coletiva, ou entre os sexos, sem que estes estivessem categorizados em grupos tipológicos. Foram, portanto, realizadas Múltiplas Análises de Variância do tipo *Two-Way*.

Com relação aos fatores do Perfil I-A, os resultados revelaram que havia efeito de interação entre tipos de modalidade x sexo para a variável dependente Nível de Idiocentrismo [$F(1,265) = 3,89$; $p = 0,05$], onde homens de modalidades coletivas ($2,68 \pm 0,14$) apresentaram média menor do que homens de modalidades individuais ($3,07 \pm 0,14$). Não foram encontradas diferenças significativas entre as mulheres para as modalidades individual e coletiva.

Estes resultados são similares as propostas anteriores apresentadas em Psicologia do Esporte e corroboram os estudos de O'Sullivan, Zuckerman e Kraft (1998) apontando que atletas de esportes individuais são mais independentes que atletas de esportes coletivos.

Com relação aos fatores do Big Five, os resultados demonstraram efeito de interação entre sexo x tipo de modalidade [$F(5,261) = 3,31$; $p = 0,007$], encontrando-se diferenças significativas apenas no fator Abertura [$F(1,265) = 9,15$; $p = 0,003$], demonstrando que homens ($4,70 \pm 0,07$) e mulheres ($5,12 \pm 0,18$) de desportos coletivos apresentaram médias superiores para a Abertura quando comparados com homens ($4,62 \pm 0,08$) e mulheres ($4,26 \pm 0,16$) de desportos individuais, respectivamente.

Quando os escores no fator Abertura se apresentam altos, a tendência à imaginação aguçada, criatividade, curiosidade, onde estes indivíduos não buscam valores convencionais e buscam novas idéias. Baixos escores tendem a ser convencionais e rígidos nas suas crenças e atitudes, a serem mais conservadores nas suas preferências, mais dogmáticos e menos responsivos emocionalmente. Estes resultados não corroboram os estudos de Shurr, Ashley e Joy (1977), os quais afirmam que atletas de modalidades coletivas são menos imaginativos e mais dependentes do que atletas de modalidades individuais. Cabe ressaltar, que os autores acima mencionados não utilizaram o Big Five para a avaliação da amostra.

Observa-se, também, que os resultados corroboram a afirmação de Casal (1998) de que os instrumentos psicológicos utilizados para outros âmbitos da Psicologia não apresentam boa aplicabilidade na área desportiva, necessitando-se, portanto, de instrumentos específicos para este contexto.

4.3.3 - Avaliação do perfil psicológico dos grupos tipológicos

Para avaliar o perfil psicológico dos grupos tipológicos foram realizadas Múltiplas Análises de Variância (MANOVAS), nas quais os fatores do Perfil I-A foram utilizados como variáveis dependentes e os grupos tipológicos como variável independente.

Os resultados revelaram que haviam diferenças significativas entre os grupos em relação à combinação linear das variáveis dependentes [$F(15, 720,91) = 41,60$; $p = 0,001$], assim como, em relação aos fatores Auto-Realização & Competitividade [$F(3, 265) = 105,35$; $p = 0,001$], Hedonismo [$F(3, 265) = 5,13$; $p = 0,002$], Distância Emocional da Equipe [$F(3, 265) = 10,28$; $p = 0,001$], Nível de Idiocentrismo [$F(3, 265) = 80,75$; $p = 0,001$] e Nível de Alocentrismo [$F(3, 265) = 22,22$; $p = 0,001$]. A tabela 4.6 apresenta as médias e os desvios-padrões obtidos para os grupos em relação às variáveis dependentes avaliadas.

Tabela 4.6 - Médias e desvios-padrões dos grupos tipológicos em relação aos fatores do Perfil I-A

Fatores	Grupos Tipológicos			
	ISO	HI	HA1	HA2
Auto-Realização & Competitividade	2,56±0,55*	3,06±0,54*	2,04±0,49*	1,41±0,49*
Hedonismo	3,44±0,46	3,53±0,41	3,44±0,46	3,20±0,57*
Distância Emocional da Equipe	1,48±1,05*	2,04±1,18	1,19±1,08	0,96±0,96
Nível de Idiocentrismo	2,83±0,47*	3,19±0,48	2,47±0,42	1,96±0,41
Nível de Alocentrismo	2,85±0,43	2,41±0,45	3,04±0,49	3,10±0,56*

Os testes post hoc revelaram que com relação ao fator Auto-Realização & Competitividade todos os grupos diferiam entre si, sendo que os Heteroidiocêntricos (HIs) apresentaram médias mais elevadas quando comparados aos demais grupos. Observa-se, também, que à medida que os campos caminham da heterometria idiocêntrica para a heterometria alocêntrica, os grupos passaram a apresentar médias mais baixas neste fator, revelando que à medida que aumenta o predomínio do constructo Alocentrismo sobre o Idiocentrismo, diminui a necessidade de auto-realização e competitividade. Como

característica geral, este fator focaliza aspectos individualistas do self no contexto esportivo, o qual busca se diferenciar e se destacar dos demais, valorizando a hierarquia, buscando do sucesso pessoal, fama, poder, status social e riqueza.

Estes resultados confirmam os estudos de Triandis (1994, 1995, 2002), Triandis e Such (2002) onde os individualistas apresentaram maior necessidade de se sobressair sobre os demais, buscando a auto-realização, poder, fama e baixa afiliação social.

Para o fator Hedonismo, os Heteroalocêntricos 2 (HA₂) apresentaram diferenças significativas em relação aos demais grupos, muito embora estes não tenham apresentado diferenças significativas entre si. Observa-se que este grupo apresentou média menor quando comparado aos demais, demonstrando que a busca do prazer, da gratificação pessoal e o desfrute da vida são menos valorizados por este grupo. Este fator avalia a necessidade de estimulação, autodeterminação, superação, criatividade, ousadia, independência, liberdade, curiosidade e escolha das próprias metas demonstrando que os Heteroalocêntricos valorizam menos estas características.

Pode-se perceber, entretanto, que o hedonismo diminui a partir de um determinado nível de desenvolvimento do Alocentrismo. Campos adjacentes à bissetriz, como o da Heterometria Alocêntrica 1 ainda valorizam o hedonismo, muito embora estejam na área do Alocentrismo. Assim, quanto maior for o predomínio do constructo Alocentrismo, menor será a necessidade de buscar metas, prazeres e gratificações pessoais havendo a valorização, muito provavelmente, das metas grupais em detrimento das individuais. Esta afirmação poderá ser confirmada ao se avaliar o fator Nível de Alocentrismo.

Com relação ao fator Distância Emocional da Equipe, os resultados revelaram que os Heteroidiocêntricos diferiram dos demais grupos, apresentando médias superiores. Os Isocêntricos apresentaram diferenças significativas em relação aos Heteroidiocêntricos e em relação aos Heteroalocêntricos 2, mas não apresentaram diferenças em relação aos Heteroalocêntricos 1. Já os Heteroalocêntricos 1 e 2 diferiram entre si.

Percebe-se, que à medida que os campos caminham da heterometria idiocêntrica para o isocentrismo e para a heterometria alocêntrica, diminui a necessidade de se distanciar emocionalmente da equipe. Este fator, como o próprio nome indica, avalia a distância emocional do atleta em relação à sua equipe. Está composto por dois itens que avaliam como o interesse individual do atleta se sobrepõe às questões emocionais relacionadas com a afiliação social, no caso, a desportiva. Estes resultados em relação aos Heteroidiocêntricos confirmam os resultados obtidos por Triandis et al. (1985), Triandis e Chan (1995), Lee e Ward (1998), Triandis (2002), Alavi e McCormick (2004, 2007), os quais revelam que

indivíduos individualistas (idiocêntricos) tendem a apresentar maior distância emocional dos grupos que indivíduos coletivistas (alocêntricos).

Para o fator de segunda ordem – Nível de Idiocentrismo, os resultados demonstraram que todos os grupos diferem entre si, sendo que os Heteroidiocêntricos apresentaram médias maiores do que os demais grupos. Como era de se esperar, à medida que os campos caminham do Idiocentrismo para o Alocentrismo, diminuem as tendências individualistas do *self*.

Para a escala de Alocentrismo, o fator Nível de Alocentrismo também apresentou diferenças significativas entre os grupos, sendo que os Heteroidiocêntricos diferiam de todos os grupos apresentando médias menores quando comparados aos demais. Apenas entre os grupos Isocêntrico e Heteroalocêntrico 1 não foram encontradas diferenças significativas. Observa-se, portanto, que o nível de Alocentrismo aumenta à medida que os campos caminham da heterometria idiocêntrica para a heterometria alocêntrica.

Este fator avalia tanto a preocupação com a integridade da equipe, na qual o *self* assume uma atitude submissa, valorizando a hierarquia, tradição (respeito, compromisso), conformidade e segurança, restringindo ações e impulsos que possam incomodar ou ferir os outros, obediência, honra ao grupo e autodisciplina, assim como, atitudes na qual o *self* assume atitudes igualitárias, englobando aspectos relativos à benevolência (preservação ou intensificação do bem-estar das pessoas com as quais se está em contato).

Os resultados obtidos para este fator confirmam que quanto maior for o predomínio do constructo Alocentrismo, menor será a busca dos prazeres e metas pessoais (Hedonismo) e maior será a gratificação individual na medida em que as metas grupais passam a ser satisfeitas e cumpridas. Estes resultados são corroborados pelos estudos de Triandis (1995, 1999, 2002), Kashima et al. (1995) e Kitayama et al. (1997).

Em resumo, os resultados permitem inferir que a busca da auto-realização, poder, fama, sucesso pessoal e riqueza, além da necessidade de se distanciar afetivamente de grupos aumenta à medida que os campos do Idiocentrismo se distanciam da bissetriz. Isto significa que quanto maior for a polarização dos constructos, havendo a supremacia do Idiocentrismo, maior será a necessidade de se diferenciar dos demais, tornando-se um ser orientado para o êxito. Traçando um paralelo com o modelo de Triandis e Gelfand (1998), pode-se afirmar que os indivíduos pertencentes aos campos do Idiocentrismo mais distantes da bissetriz apresentarão perfil semelhante aos dos Individualistas Verticais.

À medida que os campos se aproximam da bissetriz, diminui a predominância de um constructo sobre o outro, ou seja, ambos os constructos exercem efeito sobre a percepção e,

conseqüentemente, sobre as cognições, afetos, comportamentos e atitudes individuais. Indivíduos posicionados nestes campos tenderão a apresentar atitudes mais igualitárias, ou seja, buscam suas metas pessoais assim como valorizam as buscas e metas dos demais. É o ser único, segundo Triandis e Gelfand (1998), assemelhando-se ao perfil dos Individualistas Horizontais.

Nos campos do Alocentrismo observa-se que este aumenta à medida que os campos se distanciam da bissetriz, ao mesmo tempo em que os campos mais periféricos caracterizam-se por incluir indivíduos com baixa necessidade de auto-realização, fama, sucesso pessoal, gratificação individual e hedonismo, assim como, apresentam alta necessidade de afiliação social.

Pode-se afirmar que à medida que os campos se distanciam da bissetriz, aumenta a necessidade de subjugar as necessidades individuais em benefício das grupais, tal como prescrito para os Coletivistas Verticais. Esta tendência é resultante da supremacia do constructo Alocêntrico sobre o Idiocêntrico, o qual rege as percepções individuais em favor dos aspectos coletivistas de uma forma geral.

À medida que os campos se aproximam da bissetriz, diminui o predomínio de um constructo sobre o outro, favorecendo, novamente, percepções mais igualitárias. Neste sentido, os indivíduos valorizam as metas comuns, a interdependência e a sociabilidade, mas não se submetem à autoridade. É o ser cooperativo e assemelham-se, portanto, aos Coletivistas Horizontais.

Assim, traçando um paralelo com o modelo de Triandis et al. (1985) e Triandis e Chan (1995) pode-se inferir que à medida que os campos do Idiocentrismo e do Alocentrismo se distanciam da bissetriz, aumenta o domínio vertical, enquanto a proximidade da bissetriz privilegia o domínio horizontal. Estes domínios nada mais são do que o reflexo do predomínio ou não de um constructo sobre o outro. Desta forma, os campos mais distantes valorizam a hierarquia, sendo esta tendência resultante do predomínio expressivo de um dos constructos sobre o outro, enquanto os campos mais próximos valorizam a igualdade, exatamente porque os constructos passam a apresentar equilíbrio ou proporcionalidade.

Um segundo aspecto importante a ser considerado reside no fato de verificar se homens e mulheres posicionados em um mesmo campo diferenciavam-se quanto ao perfil psicológico de Idiocentrismo e Alocentrismo. Estes resultados serão apresentados a seguir.

4.3.4 - Avaliação do perfil psicológico dos grupos tipológicos em função do sexo

Múltiplas Análises de Variância (MANOVA) do tipo Two-Way foram realizadas para avaliar diferenças entre os grupos tipológicos e os sexos em relação aos fatores do Perfil I-A. Foram encontrados efeitos de interação entre as variáveis grupos tipológicos x sexo [$F(2,46, 15) = 709,87$; $p = 0,002$]. A tabela 4.7 apresenta os resultados obtidos para a interação em cada fator.

Tabela 4.7 – Efeito da interação entre os grupos tipológicos e sexo para os fatores do Perfil I-A

Fatores	Escore F	p
Auto-Realização & Competitividade	5,98	0,001
Hedonismo	2,18	0,09
Distância Emocional da Equipe	2,76	0,04
Nível de Idiocentrismo	4,63	0,004
Nível de Alocentrismo	3,76	0,01

$p \geq 0,05$

Não foram encontrados efeitos de interação para o fator Hedonismo. O gráfico 4.1 apresenta as médias obtidas para o fator Auto-Realização & Competitividade. Análises post hoc revelaram que homens e mulheres diferem nos grupos ISO, HI e HA₁, mas não diferem no grupo HA₂. Entretanto, observa-se que as atletas HI apresentaram médias mais altas para Auto-Realização & Competitividade do que os homens. Nos demais grupos, os homens apresentaram tendência maior a Auto-Realização & Competitividade do que as mulheres.

Com relação aos grupos observa-se que os HIs apresentaram médias mais elevadas do que os demais grupos, demonstrando que valorizam mais os atributos referentes a este fator, tais como, sucesso pessoal, poder, fama e realização.

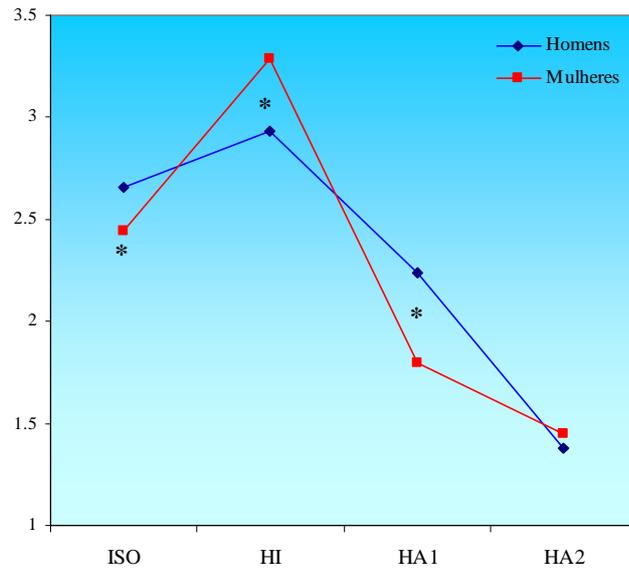


Gráfico 4.1 – Interação entre os grupos tipológicos e sexo para o fator Auto-Realização & Competitividade.

Com relação ao fator Distância Emocional da Equipe observa-se (gráfico 4.2) que apenas o grupo HI diferiu em relação ao sexo, sendo que as mulheres HIs apresentaram maior necessidade de distanciar-se emocionalmente da equipe do que os homens deste grupo. Com relação aos grupos, observa-se que o HIs apresentaram médias superiores quando comparados aos demais grupos.

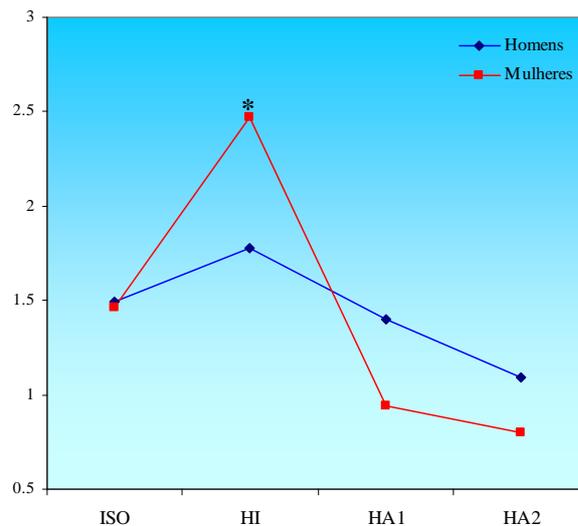


Gráfico 4.2 – Interação entre os grupos tipológicos e sexo para o fator Distância Emocional da Equipe.

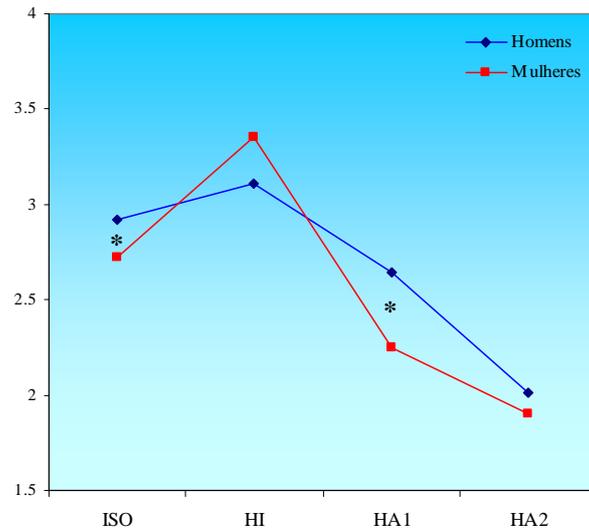


Gráfico 4.3 – Interação entre os grupos tipológicos e sexo para o fator Nível de Idiocentrismo

Para o fator Nível de Idiocentrismo (gráfico 4.3) foram encontradas diferenças entre os sexos para os grupos ISO e HA₁, sendo que em ambos os grupos, os homens apresentaram médias maiores do que as mulheres. Observa-se, também, que os HIs apresentam médias superiores aos demais grupos neste fator.

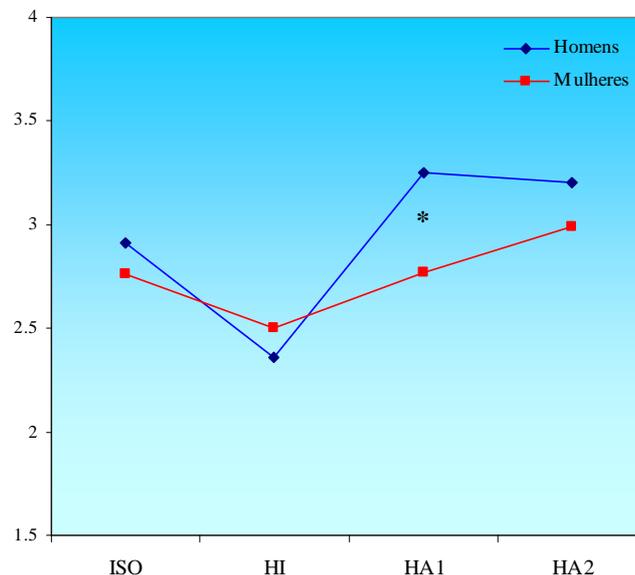


Gráfico 4.4 – Interação entre os grupos tipológicos e sexo para o fator Nível de Allocentrismo

Para o fator Nível de Allocentrismo (gráfico 4.4) foram encontradas diferenças entre os sexos apenas para o grupo HA₁, onde o sexo masculino apresentou médias maiores do que o feminino. Com relação aos grupos, observa-se que os Heteroalocêntricos 1 e 2 tendem a apresentar médias maiores do que os demais grupos.

Estes dados corroboram estudos que revelam ser o *self* masculino mais individualista do que o feminino, o qual comporta em si aspectos coletivistas (JOSEPHS, MARKUS, TAFARODI, 1992; KASHIMA et al., 1995).

Entretanto, como o modelo interativo avalia grupos formados pelos dois pares de opostos, observa-se que características de Idiocentrismo tendem a se acentuar tanto em homens quanto em mulheres pertencentes a estes campos. O inverso ocorrendo para os homens e mulheres pertencentes aos campos do Alocentrismo.

Estes dados permitem romper com a noção de que determinados traços são condizentes para homens e mulheres e ampliam as questões relacionadas aos sexos, ao descreverem que homens e mulheres pertencentes a um mesmo campo apresentam traços psicológicos semelhantes, que quando muito, tendem a diferir apenas em intensidade.

Assim, observa-se que homens e mulheres Idiocêntricas tendem a valorizar a busca das metas pessoais, nas quais almejam a auto-realização, poder e fama. Para tanto, são competitivos, hedonistas, ousados, criativos e independentes, apresentando baixa necessidade de afiliação social, no caso ao técnico e a equipe.

Estas características tendem a se equilibrar nos Isocêntricos, pois estes sofrem, também, a influência do Alocentrismo. Neste sentido, as características acima mencionadas tendem a se suavizar a medida que o outro passa a fazer parte da constituição do próprio *self*. Então, aspectos como a preocupação com o outro, com o seu bem estar, solidariedade e respeito passam a prevalecer nos contatos coletivos.

Em contrapartida, os Heteroalocêntricos tendem a valorizar as metas grupais, subordinando os seus interesses pessoais ao do grupo. Assim, quanto mais Alocêntricos, maior será a submissão, a resignação, a valorização da hierarquia na qual o indivíduo sente-se responsável pela “saúde” física e mental deste “corpo social” (equipe), no qual se encontra inserido.

Buscando complementar os perfis psicológicos dos grupos tipológicos, foram realizadas análises avaliando os esquemas de gênero do autoconceito. Como os inventários utilizados diferenciavam-se por sexo, as próximas análises serão apresentadas considerando-se o sexo dos atletas.

4.3.5 – Grupos tipológicos e os esquemas de gênero do autoconceito de mulheres atletas

A amostra feminina foi constituída por 115 atletas, com faixa etária média de 20,50 ($\pm 3,17$) anos e nível de escolaridade entre o segundo grau incompleto e o terceiro grau completo. Destas, 79% praticavam esportes coletivos. Em média, as atletas treinavam 5,40 ($\pm 2,21$) vezes por semana, com duração de treino igual a 125,38 ($\pm 43,5$) minutos diários. Dentre todas as atletas, 63,3% já haviam participado de competições internacionais. A média de tempo de prática no esporte foi de 9,22 ($\pm 3,41$) anos.

Para a avaliação do Perfil I-A com o IFEGA, as atletas foram classificadas em três grupos, diferindo da amostra total, a qual foi subdividida em quatro grupos como já demonstraram os resultados anteriores.

Para a classificação tipológica das atletas nos campos do Modelo Interativo, foi utilizado Nível de Idiocentrismo e o fator Nível de Allocentrismo. Porém, os pontos de corte dos desvios foram diferentes. Atletas que se desviaram entre $-3,83^\circ \leq \hat{\alpha} \leq +3,83^\circ$ da bissetriz foram denominadas **Isocêntricas** (n=45). Atletas com desvios superiores a $\hat{\alpha} < -3,83^\circ$ foram classificadas como **Heteroidiocêntricas** (n=18) e atletas com desvios superiores a $\hat{\alpha} > +3,83^\circ$ foram classificadas com **Heteroalocêntricas** (n=52).

Para avaliar se os grupos tipológicos diferiam entre si, foram realizadas Múltiplas Análises de Variância (MANOVAS) do tipo One-Way, utilizando os grupos (Isocêntrico, Heteroidiocêntrico e Heteroalocêntrico) com variáveis independente e os fatores do IFEGA com variáveis dependente. Os fatores do IFEGA são: a) para a Escala Masculina: Arrojamento, Egocentrismo, Negligência e b) para a Escala Feminina: Sensualidade, Inferioridade e Ajustamento Social.

A análise revelou que haviam diferenças significativas [$F(12,192) = 4,53$; $p = 0,001$] entre os grupos tipológicos (I, HI e HA) conforme dados apresentados na tabela 4.8.

Tabela 4.8 – Escores F e níveis de significância encontrados para os fatores do IFEGA

Fator	Valor de F	Valor de p
Arrojamento	3,73	0,03
Egocentrismo	2,93	0,05
Negligência	4,38	0,02
Sensualidade	16,31	0,001
Inferioridade	3,61	0,03
Ajustamento Social	0,51	0,60

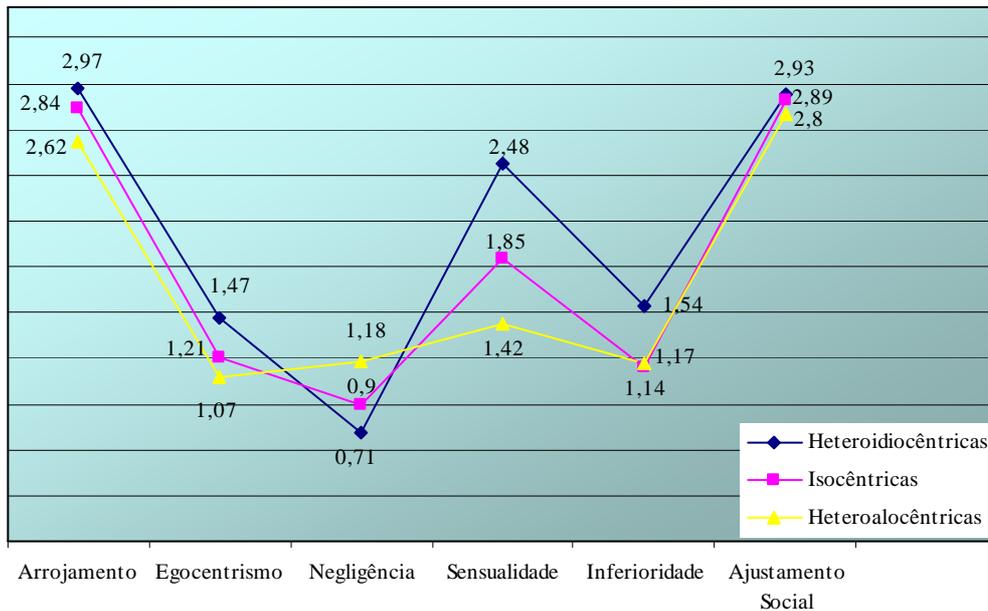


Gráfico 4.5 - Médias dos fatores do IFEGA por grupo tipológico.

Observa-se no gráfico 4.5 que em relação aos fatores Arrojamento e Egocentrismo as médias das atletas Heteroidiocêntricas (HI) foram significativamente mais elevadas do que as das atletas Heteroalocêntricas (HA), não havendo diferenças entre as Heteroidiocêntricas e as Isocêntricas (ISO). Entretanto, para o fator Negligência observa-se que o grupo HI apresentou média inferior ao grupo HA, mas não apresentou diferenças em relação às Isocêntricas (ISO).

Estes resultados são condizentes com o fato do Idiocentrismo apresentar-se positivamente correlacionado com a masculinidade (FAN, ZIGANG, 2004; THANZAMI, ARCHER, 2005). No caso, atletas que apresentam alto desenvolvimento do constructo Idiocentrismo, tendem a se sobressair em relação aos fatores Arrojamento e Egocentrismo, presentes no esquema masculino do autoconceito. Assim, estas atletas tenderão a valorizar a auto-realização, o sucesso pessoal, fama, poder e competitividade, tendendo a atingir suas metas através de traços como a racionalidade, objetividade, praticidade, ousadia, determinação, agressividade, autoritarismo e insensibilidade, características presentes nestes fatores. Como característica geral, o fator Arrojamento avalia a tendência individual a buscar o novo e o inusitado, a satisfação dos objetivos, metas e prazeres pessoais. Já o fator Egocentrismo avalia a focalização do eu como centro de todo o interesse, um amor tão exclusivo a si que acaba por implicar na subordinação dos interesses dos outros ao do próprio indivíduo (GIAVONI, TAMAYO, 2005).

Assim, estes indivíduos caracterizam-se por não aceitarem condições, atitudes e opiniões divergentes das suas, buscam originalidade, liderança e suas metas pessoais.

Observa-se, entretanto, que as HIs e ISO apresentaram menores níveis de Negligência do que as HAs. Como característica geral, este fator focaliza aspectos negligentes do *self*, tanto em relação a si como em relação às coisas em geral. Este fator avalia o nível de desorganização, descuido de si e da imagem, desleixo e preguiça demonstrando que grupos com Idiocentrismo desenvolvido tendem a se preocupar mais consigo, com sua imagem e com aspectos do dia-a-dia quando comparadas às HAs.

Este fato se confirma ao se avaliar os resultados obtidos para a Escala Feminina, onde as HIs apresentaram médias superiores para o fator Sensualidade quando comparadas aos demais grupos. Como característica geral este fator avalia a auto-imagem e sua influência na interação com os outros. Assim, este grupo tenderá a apresentar avaliações mais positivas de si, tanto em relação aos aspectos sensoriais do *self* (sensualidade, charme, sedução) quanto em relação aos aspectos somáticos (beleza física, atratividade, estética). Estes dados demonstram que o predomínio do Idiocentrismo parece favorecer uma melhor auto-estima por parte destas atletas.

Estes resultados induzem ao Modelo de Masculinidade proposto por Marsh e Byrne (1991), os quais afirmam que a sociedade moderna está determinada pela presença da masculinidade. Jones, Chernovetz e Hansson. (1978) confirmam esta afirmação ao declararem que nas sociedades que valorizam características instrumentais, indivíduos que endossam altos níveis destas características tenderão a apresentar maior ajustamento, quando comparados aos demais indivíduos.

Entretanto, este fato não se confirma ao se observar os resultados obtidos para os grupos em relação ao fator Inferioridade. Inversamente do que preconiza Jones, Chernovetz e Hansson (1978), para o fator Inferioridade, observa-se que as HIs apresentaram médias superiores quando comparadas aos demais grupos. Ao contrário do que se esperava, este resultado parece revelar que as condutas das HIs, nesta busca por se sobressair, auto-realizar-se e destacar-se seja decorrente e motivada por um forte sentimento de inferioridade.

Outra questão interessante reside no fato dos grupos não apresentarem diferenças em relação ao fator Ajustamento Social contrariando, portanto, Jones, Chernovetz e Hansson (1978) de que indivíduos instrumentais tendem a apresentar maior ajustamento social.

Quanto às HAs observa-se que estas apresentam baixos escores em Arrojamento e Egocentrismo, o que descreve sua baixa valorização na busca dos prazeres e metas pessoais em favor das grupais. Seus baixos escores em Sensualidade e Negligência parecem indicar que este grupo não necessita de recorrer aos atributos sensoriais (sensualidade, charme e

sedução) e somáticos (beleza física, atratividade) para atingir seus objetivos pessoais, uma vez que a percepção de si é reflexo da percepção e projeção do seu próprio grupo.

Estes dados parecem se confirmar no fato dos grupos não apresentarem diferenças quanto ao fator Ajustamento Social, refletindo que por possuírem percepções e, portanto, cognições, afetos e comportamentos diferenciados em função do predomínio dos constructos, todos os grupos apresentam ajustamento social, cada qual relativo à sua forma de perceber o mundo.

4.3.6 - Grupos tipológicos e os esquemas de gênero do autoconceito de homens atletas

A amostra masculina foi constituída por 159 atletas, com faixa etária média de 21,63 ($\pm 4,01$) anos e nível de escolaridade entre o segundo grau incompleto e o terceiro grau completo. Destes, 19% praticavam esportes individuais e 81% esportes coletivos. Em média, os atletas treinavam 5,23 ($\pm 2,25$) vezes por semana, com duração de treino igual a 124,24 ($\pm 43,85$) minutos diários. Dentre todos os atletas, 60,1% já haviam participado de competições internacionais. A média de tempo de prática no esporte foi de 10,07 ($\pm 4,54$) anos.

Para a classificação dos atletas nos grupos tipológicos foram utilizados os mesmos parâmetros descritos anteriormente para as mulheres. Os grupos assumiram as seguintes composições: ISO (63), HI (34), HA (62).

Avaliando os fatores: **Egocentrismo, Ousadia, Racionalidade, Integridade, Sensualidade, Insegurança, Emotividade, Sensibilidade** encontrando-se um $[F(16,294) = 3,00; p = 0,001]$ indicando haver diferenças significativas entre dos grupos tipológicos. Para avaliar onde se encontravam estas diferenças foi utilizado o teste do Tukey. Os resultados são apresentados a tabela a seguir.

Tabela 4.9 - Escores F e níveis de significância encontrados para os fatores do IMEGA

Fator	Escores F	Valor de p
Egocentrismo	14,39	0,001
Ousadia	2,05	0,13
Racionalidade	0,99	0,38
Integridade	10,49	0,001
Sensualidade	0,99	0,37
Insegurança	3,10	0,05
Emotividade	3,95	0,02
Sensibilidade	8,72	0,001

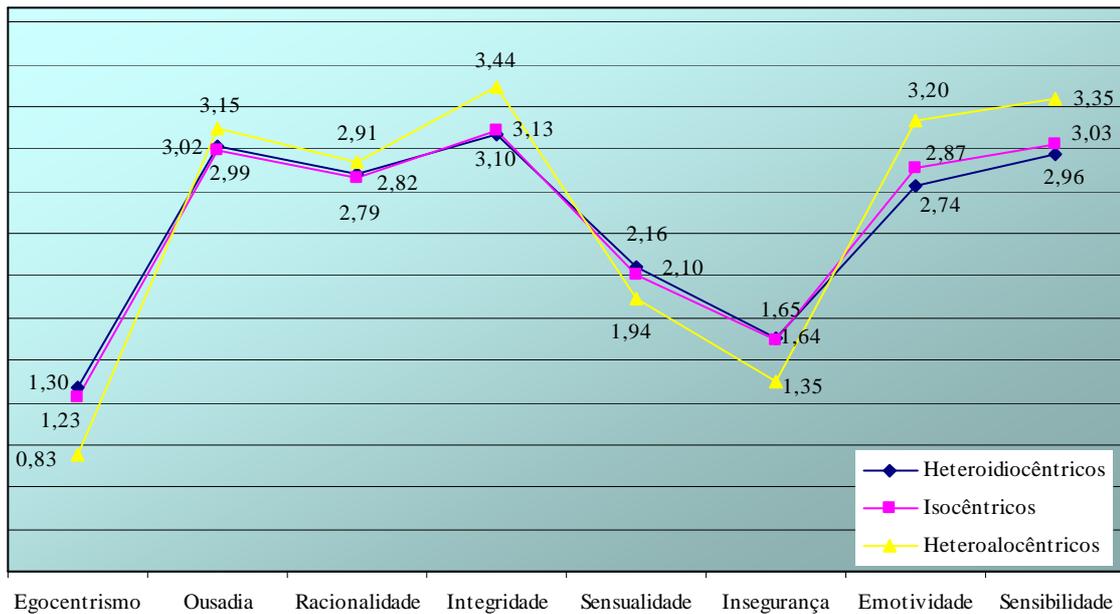


Gráfico 4.6 – Médias dos fatores do IMEGA por grupo tipológico

Observa-se, no gráfico 4.6, que em relação aos fatores Ousadia, Racionalidade e Sensualidade não houveram diferenças entre os grupos.

Em relação ao fator Egocentrismo da escala masculina foram encontradas diferenças entre os grupos, sendo que os HIs apresentaram médias superiores em relação aos ISOs e HAs. Os ISOs, por sua vez, também diferem dos HAs. Como característica geral este fator avalia o eu como centro de todo interesse, no qual tende a subordinar o interesse dos demais ao seu próprio. Observa-se, portanto, que os grupos que possuem o construto Idiocentrismo desenvolvido tendem a apresentar um foco maior em si e em suas necessidades individuais. Estes dados são corroborados pelos estudos de Klein e Willerman (1979), Alagna (1982) e Nix, Lohr e Stauffacher (1980) que afirmam que a masculinidade encontra-se relacionada com a dominância, competitividade e assertividade, traços avaliados por este fator.

Em relação ao fator da escala feminina Insegurança nota-se que os HAs apresentaram médias inferiores, revelando que conforme dito anteriormente para a amostra feminina, o fato destes atletas se sentirem integrantes de um grupo, aumenta o seu sentimento de segurança por pertencer e ser aceito por um grupo. Particularmente, este fator avalia o medo à rejeição, a subordinação às opiniões dos outros, a timidez e a introversão.

Estes resultados parecem revelar que para os HIs, principalmente, o fato de não apresentarem afiliação social faz com que se sintam vulneráveis às situações, exigindo que os mesmos sempre busquem a superioridade como forma de se precaver de um sentimento de rejeição e inferioridade.

Com relação aos fatores Integridade, Emotividade e Sensibilidade, os resultados demonstraram que os heteroalocêntricos apresentaram médias superiores em relação aos demais grupos, sendo que os Isocêntricos também diferem dos Heteroidiocêntricos. Estes fatores caracterizam-se por avaliar a lealdade, honestidade, respeito, gratidão, bondade, compartilhamento de emoções, preocupações com o bem-estar dos demais, dentre outros, características que prevalecem nos Heteroalocêntricos e que corroboram os estudos de Triandis et al. (1985), Triandis e Chan (1995), Triandis (2001, 2002).

CAPÍTULO 5

CONCLUSÕES

O presente estudo teve como objetivo avaliar o perfil psicológico de atletas brasileiros classificados em grupos tipológicos, baseados na teoria do Individualismo-Coletivismo. Para classificação dos indivíduos em grupos tipológicos foi utilizada a metodologia do Modelo Interativo e para a inserção dos mesmos nos campos do modelo foi elaborado e validado o Inventário de Perfil Idiocêntrico- Alocêntrico de atletas (Perfil I-A).

O Modelo Interativo foi elaborado para avaliar a relação existente entre constructos com naturezas dualistas ou opostas e permite avaliar a síntese psicológica. Este estudo utilizou apenas uma das variáveis do modelo – a variável ângulo, que ao final permite categorizar os indivíduos em: a) Heteroidiocêntricos: sujeitos que apresentam o predomínio do Idiocentrismo sobre o Alocentrismo; b) Isocêntricos: sujeitos que apresentam equilíbrio entre o Idiocentrismo e o Alocentrismo e c) Heteroalocêntricos: sujeitos com predomínio do Alocentrismo sobre o Idiocentrismo.

O perfil psicológico dos grupos tipológicos foi avaliado através dos fatores que compõem o Inventário de Personalidade dos Cinco Grandes Fatores (Big Five), o Inventário Masculino dos Esquemas de Gênero do Autoconceito (IMEGA), o Inventário Feminino dos Esquemas de Gênero do Autoconceito (IFEAGA) e o próprio Perfil I-A.

Os resultados permitem concluir que quando separados por grupos, os atletas tenderam a apresentar características de personalidade semelhantes, ou quando muito, diferiam quanto à intensidade. Assim, atletas, de ambos os sexos, com perfil Heteroidiocêntricos valorizam a busca do poder, fama, competitividade e apresentam baixa necessidade a afiliação social (equipe).

Estes atletas atingem suas metas utilizando-se de traços como racionalidade, objetividade, egocentrismo, praticidade e determinação, além de procurar se destacar através da sensualidade, beleza e atratividade física. Estes últimos aspectos são utilizados como instrumento de poder, através do qual estabelecem suas relações interpessoais com os grupos. Entretanto, as mulheres idiocêntricas apresentam altos índices de inferioridade, assim como, os homens idiocêntricos possuem altos índices de insegurança, revelando que esta tendência a buscar se sobressair, ser independente, autônomo e famoso seja, muito possivelmente, motivado pelo complexo de inferioridade.

Este resultado complementou os estudos de Triandis (2002), no qual o autor cita a forte relação existente entre o Individualismo e a auto-estima, onde indivíduos de culturas individualistas tendem a apresentar maior auto-estima do que os de culturas coletivistas. Isto se confirma neste estudo, muito embora não se soubesse que a motivação do comportamento destes atletas fosse resultado do seu complexo de inferioridade.

Já atletas Heteroalocêntricos apresentaram um *self* interdependente, com grande preocupação pela coesão e bem-estar da equipe. Lealdade, fidelidade, submissão, responsabilidade e resignação são alguns traços valorizados por estes atletas. Da mesma forma que os primeiros, estes atletas sentem-se ajustados socialmente e apresentam níveis mais altos de negligência, revelando que o fato de se sentirem integrantes de um grupo, acaba por reduzir a necessidade de utilizar artifícios físicos e psíquicos para impressionar e se destacar diante dos demais. É a glória refletida, na qual o fato de ser membro de uma equipe já resulta em aumento da auto-estima e do autoconceito.

Enquanto o poder do Idiocêntrico se encontra na auto-imagem e realizações pessoais resultantes de sua conduta individualista, o do Alocêntrico encontra-se na realização do próprio grupo, tornando-se mais submissos à medida que aumenta o Nível de Alocentrismo. Cabe ressaltar que com o aumento da submissão, estes indivíduos podem passar a servir de amparo emocional dos membros da equipe. É o doar-se sem se mostrar! Indiretamente, o fato de conhecer aspectos afetivos privados e íntimos de cada membro do grupo resulta em poder. Assim, pode-se inferir que indivíduos com muito predomínio de Alocentrismo sobre o Idiocentrismo, exerçam um poder indireto sobre os membros de seu grupo de pertença.

Com relação aos Isocêntricos observa-se que estes apresentaram uma conduta intermediária em relação aos outros dois grupos. Por apresentarem equilíbrio entre os constructos, este grupo possui traços tanto dos Heteroidiocêntricos quanto do Heteroalocêntricos. Muito possivelmente, estes indivíduos apresentem atitudes mais igualitárias em relação às suas metas e àquelas pertinentes aos membros da equipe.

Os resultados demonstram que o sentido de pertencer ou não a um grupo exerce grande efeito na conduta destes indivíduos. Assim, a não afiliação social apresentada pelos HIs reforça comportamentos e atitudes para que estes venham a se sobressair, de tal forma que possam ser aceitos nas diferentes situações sociais, evitando, com isso, o fracasso nas suas relações interpessoais e reduzindo o risco à rejeição.

Já para o grupo HA, traços como submissão, dependência, conformidade, lhes assegura relações sociais positivas em relação ao seu grupo de pertença, refletindo uma menor insegurança, pois se sentem acolhidos e protegidos por seus grupos. Isto significa dizer que

enquanto os primeiros apresentam uma atitude confiante e determinada em relação aos segundos, estando esta motivada por sentimentos de inferioridade e vulnerabilidade diante dos contextos sociais; os últimos sentem-se confiantes e determinados quando os seus sentimentos de pertença encontram-se satisfeitos, mesmo que *a priori* apresentem traços como submissão, dependência, resignação e obediência.

Neste sentido, pode-se concluir que não existe um perfil psicológico ideal para atletas. Os diferentes perfis podem se adequar melhor a um ou outro desporto, dependendo do perfil de cada desporto. Além disso, os perfis adequam-se diferentemente ao posicionamento em quadra/campo (esportes coletivos), ao tipo de prova (no caso dos esportes individuais) e à situação de jogo. Pode-se afirmar, portanto, que não existe um único perfil psicológico, mas diversos que necessitam ser discriminados.

Como originalidade deste estudo pode-se ressaltar a proposta de utilizar um modelo matemático, que aplicado à teoria do Individualismo-Coletivismo, permitiu diferenciar os perfis psicológicos dos atletas. Nesta diferenciação pôde-se caracterizar os traços de personalidade de cada grupo. Estes traços, resultantes do predomínio de um constructo sobre o outro, revelam diferentes percepções e, conseqüentemente, cognições, afetos e comportamentos dos grupos em relação à si e ao contexto esportivo.

Como contribuição pode-se ressaltar: a) a elaboração do Inventário de Perfil Idiocêntrico-Alocêntrico de Atletas (Perfil I-A), o qual se encontra devidamente validado para a cultura brasileira e pode ser utilizado no contexto esportivo; b) a ampliação e aplicação da teoria do Individualismo-Coletivismo no contexto esportivo; c) a utilização e validação da metodologia do Modelo Interativo em um novo par de constructos duais. Isto permitiu avançar nas explicações a respeito dos grupos propostos pelo modelo Individualismo-Coletivismo: Horizontal e Vertical, proposto por Triandis e Gelfand (1998), pois o Modelo Interativo explica os domínios horizontal e vertical através da variável ângulo. Esta aplicação do modelo no contexto esportivo abre a possibilidade para que o mesmo venha a ser utilizado nos estudos transculturais.

Apesar da originalidade e de suas contribuições, este trabalho também apresenta algumas limitações. São elas: a) o número de itens finais que compõem o fator Distância Emocional da Equipe, necessitando que a escala seja revalidada em função deste fator; b) o tamanho amostral, o que impediu a avaliação dos campos mais extremos do Modelo Interativo e c) o número de sujeitos amostrais nas modalidades individuais, as quais impediram a avaliação da interação tipo de modalidade versus grupos tipológicos.

As lacunas deste trabalho, entretanto, abrem caminho para uma série de estudos futuros. Dentre eles, pode-se sugerir a continuidade das avaliações dos perfis dos grupos em relação às orientações as metas, liderança, locus de controle e atribuição de causalidade, motivação para realização, ansiedade, estresse, dentre outros.

Além disso, pode-se efetuar estudos similares aos já efetuados anteriormente, comparando perfis de atletas e não atletas, mas considerando os grupos tipológicos.

Resta, também, a avaliação das demais variáveis do Modelo Interativo (Distância e Síntese). Por exemplo, quais critérios são utilizados pelos diferentes grupos ao julgar uma determinada situação de jogo? Ou seja, as diferenças comportamentais estão embasadas nos diferentes critérios de avaliação dos grupos?

E, para complementar, avaliar qual o nível de satisfação dos grupos em relação à prática de modalidades individuais ou coletivas. Por exemplo, os Heteroalocêntricos se sentem insatisfeitos ao praticarem modalidades individuais? Ou ainda, a posição em quadra teria relação com os grupos tipológicos, ou seja, será que o perfil para o líbero no voleibol seria Heteroalocêntrico e o atacante Heteroidiocêntrico?

Estes estudos, portanto, permitirão validar a correspondência matemática e psicológica das variáveis que compõem o Modelo Interativo e assegurar a composição dos grupos tipológicos.

REFERÊNCIAS

ABBAGNANO, Nicola. **Dicionário de filosofia**. São Paulo: Mestre Jou, 1982.

ALAGNA, S. W. Sex role identity, peer evaluation of competition, and the responses of women and men in a competitive situation. **Journal of Personality and Social Psychology**, v. 43, p. 546-554, 1982.

ALAVI, S.B.; McCORMICK, J. Theoretical and measurement issue for studies of collective orientation in team contexts. **Small Group Research**, v. 35, p. 111-127, 2004.

_____. Measurement of vertical and horizontal idiocentrism and allocentrism in small groups. **Small Group Research**, v. 38, p. 556-564, 2007.

ANDRADE, R. S.; BONFIM, M. C.; CHAVES, A. M. Estudos transculturais abrangendo a psicologia organizacional: identificando a predominância de uma ética imposta. **Tecitura**, v. 1, n. 1, 2006.

ANDERSEN, S. M. Self-knowledge and social inference: the diagnostic of cognitive/affective and behavior data. **Journal of Personality and Social Psychology**, v. 46, p. 294-307, 1984.

ANDERSEN, S. M.; ROSS, L. Self-knowledge and social inference: I. The impact of cognitive/affective and behavioral data. **Journal of Personality and Social Psychology**, v. 46, p. 280-293, 1984.

ANDERSEN, S. M.; GLASSMAN, N. S.; GOLD, D. A. Mental representations of the self, significant others, and nonsignificant others: structure and processing of private and public aspects. **Journal of Personality and Social Psychology**, v. 75, p. 845-861, 1998.

ARCHER, J. The relationship between gender-role measures: a review. **British Journal of Social Psychology**, v. 28, p. 173-184, 1989.

ARON, A.; et al. Close relationships as including other in the self. **Journal of Personality and Social Psychology**, v. 60, p. 241-253, 1991.

AUBÉ, J.; KOESTNER, R. Gender characteristics and relationship adjustment: another look at similarity-complementarily hypotheses. **Journal of Personality**, v. 63, n. 4, p. 879-904, 1995.

BANAJI, M. R.; PRENTICE, D. A. The self in social contexts. **Annual Review of Psychology**, v. 45, p. 297-332, 1994.

BARA FILHO, M.G.; RIBEIRO, L. C. S; GARCÍA, F. G. Comparação de características da personalidade entre atletas brasileiros de alto-rendimento e indivíduos não-atletas. **Revista Brasileira de Medicina do Esporte**, v. 11, n. 2, p. 115-120, mar./abr., 2005a.

_____. Personalidade de atletas brasileiros de alto-rendimento: comparações entre os sexos masculino e feminino e correlação com nível de performance e tempo de treinamento. **Revista Portuguesa de Ciências do Desporto**, v. 5, n. 1, p. 31-39, jan., 2005b.

BARA FILHO, M. G.; RIBEIRO, L. C. S. Personalidade e esporte: uma revisão. **Revista Brasileira de Ciência e Movimento**, v. 13, n. 2, p. 101-110, 2005.

BARBERÁ, E. **Psicología del género**. Barcelona: Ariel, 1998.

BEM, S. L. The measurement of psychological androgyny. **Journal of Consulting and Clinical Psychology**, v. 42, p. 155-162, 1974.

_____. Sex role adaptability: one consequence of psychological androgyny. **Journal of Personality and Social Psychology**, v. 31, p. 634-643, 1975.

_____. On the utility of alternative procedures for assessing psychological androgyny. **Journal of Consulting and Clinical Psychology**, v. 45, p. 196-208, 1977.

_____. Gender schema theory: a cognitive account of sex typing. **Psychological Review**, v. 88, p. 354-364, 1981.

BEM, S. L.; MARTYNA, W.; WATSON, C. Sex typing and androgyny: further explorations of the expressive domain. **Journal of Personality and Social Psychology**, v. 34, p. 1016-1023, 1976.

BOCHNER, S. Cross-cultural differences in the self concept. **Journal of Cross-Cultural Psychology**, v. 25 (2), p. 273-283, 1994.

BLOCK, J. H. Conceptions of sex role: some cross-cultural and longitudinal perspectives. **American Psychologist**, v. 28, p. 512-526, 1973.

BONTEMPO, R.; LOBEL, S.; TRIANDIS, H. C. Compliance and value internalization in Brazil and the US. **Journal of Cross-Cultural Psychology**, v. 21, n. 2, p. 200-213, 1990.

BRACKEN, B. **A handbook of Self-concept: Developmental, social and clinical considerations**. New York: John Wiley & Sons, Inc, 1996.

BRADLEY, G. W. Self-serving biases in the attribution process: a reexamination of the fact or fiction question. **Journal of Personality and Social Psychology**, v. 36, p. 56-71, 1978.

BRECKLER, S. J.; GRENWALD, A. G.; WIGGINS, E. C. **Public, private, and collective self-evaluation: Measurement of individual differences**. Paper presented at the International Research and Exchange Board Conference on Self and Social Involvement, Princeton, NJ. 1986.

BUENO, J. L. O.; DI BONIFACIO, M. A. Alteraciones de estados de ánimo presentes en atletas de voleibol, evaluados en fases de campeonato. **Psicologia em Estudo**, v. 12, n. 1, p. 179-184, 2007.

BURKE, P. A.; KRAUT, R. E.; DWORKIN, R. H. Traits, consistency, and self-schemata: what do our methods measure? **Journal of Personality and Social Psychology**, v. 47, p. 568-579, 1984.

BYBEE, J. A.; ZIGLER, E. Self-image and guilt: a further test of the cognitive developmental formulation. **Journal of Personality**, v. 59, p. 733-745, 1991.

CARPENTER, S.; RADHAKRISHNAN, P. Allocentrism and idiocentrism as predictors of ingroup perceptions: an individual difference extension of cultural patterns. **Journal of Research in Personality**, v. 34, p. 262-268, 2000.

CARTER, K.; DINNEL, D. L. **Self-esteem conceptualization: a comparison of American and Japanese values**. Paper presented at the annual meeting of the Western Psychology Association, Seattle, WA. 1997.

CASAL, H. V. **Personalidad y Deporte**. Barcelona: INPE Publicaciones, 1998.

CHEN, X. P.; WASTI, S. A.; TRIANDIS, H.C. When does group norm or group identity predict cooperation in a public goods dilemma? The moderating effects of idiocentrism and allocentrism. **International Journal of Intercultural Relations**, v. 31, p. 259-276, 2007.

CLARK, M. S.; MILLS, J. Interpersonal attraction in exchange and communal relationships. **Journal of Personality and Social Psychology**, v. 37, p. 12-24, 1979.

CONSTANTINOPOLE, A. Masculinity-femininity: an exception to a famous dictum. **Psychological Bulletin**, v 80, p 389-407, 1973.

COSTA, F. R. **CPS – Escala de personalidade de Comrey** (manual). São Paulo: Vetor, 2003.

DAVIDOFF, L. L. **Introdução à psicologia**. São Paulo: McGraw-Hill do Brasil, 1983.

DESCHAMPS, S. R.; ROSE JUNIOR, D. Os aspectos psicológicos da personalidade e da motivação no voleibol masculino de alto-rendimento. **Revista Digital** – Buenos Aires, ano 10, n. 92, enero de 2006. Disponível em: <<http://www.efdeportes.com/efd92/motiv.htm>>. Acesso em: 07/08/2008.

DINNEL, D. L.; KLEINKNECHT, R. A. **A cross-cultural comparison of social anxiety symptoms**. Paper presented at the annual meeting of the Western Psychology Association, Irvine, CA, 1999.

DONAHUE, E. M.; et al. The divided self: concurrent and longitudinal effects of psychological adjustment and social roles on the self-concept differentiation. **Journal of Personality and Social Psychology**, v. 64, p. 834-846, 1993.

EARLEY, P.C. Social loafing and collectivism: a comparison of the U.S. and the People's Republic of China. **Administration Science Quarterly**, v. 34, p. 565-581, 1989.

_____. East meets west meets middle east: further explorations of collectivist and individualist work groups. **Academy of Management Journal**, v. 36, p. 319-348, 1993.

FEATHER, N. T. Masculinity, femininity, psychological androgyny and the structure of values. **Journal of Personality and Social Psychology**, v. 47, p. 604-620, 1984.

FERREIRA, M. C.; ASSMAR, E. M. L.; SOUTO, S. O. O individualismo e o coletivismo como culturas nacionais: convergências e divergências teórico-metodológicas. **Psicologia em Estudo**, v. 7, n. 1, p. 81-89, 2002.

FRABLE, D. E. S. Sex typing and gender ideology: two facets of the individual's gender psychology that go together. **Journal of Personality and Social Psychology**, v. 56, p. 95-108, 1989.

GAINES, S. O.; et al. Links between race/ethnicity and cultural values as mediated by racial/ethnic identity and moderation by gender. **Journal of Personality and Social Psychology**, v. 72, p. 1460-1476, 1997.

GAT, I.; McWHIRTER, B.T. Personality characteristics of competitive and recreational cyclists. **Journal of Sport Behavior**, v. 21, n. 3, p. 408-420, 1998.

GIAVONI, A. **A interação entre os esquemas masculino e feminino do autoconceito: modelo interativo**, 2000. 259f. Tese de Doutorado. Psicologia. Universidade de Brasília, 2000.

_____. Estereótipos sexuais aplicados a nadadoras. **Revista Brasileira Ciência e Movimento**, v. 10, n. 2, p. 27-32, 2002.

GIAVONI, A.; TAMAYO, A. Inventário masculino dos esquemas de gênero do autoconceito. **Psicologia: Teoria e Pesquisa**, v. 19, n. 3, p. 249-259, 2003.

_____. Inventário feminino dos esquemas de gênero do autoconceito. **Estudos de Psicologia**, v. 10, p. 25-34, 2005.

_____. **O modelo interativo e a síntese dialética dos opostos**. (no prelo).

GOMES, R. A.; CRUZ, J. F. A preparação mental e psicológica dos atletas e os factores psicológicos associados ao rendimento desportivo. **Treino Desportivo**, v. 3, n. 16, p. 35-40, dez., 2001.

GOUVEIA, M. J. Tendências da investigação na psicologia do desporto, exercício e atividade física. **Análise Psicológica**, v. 1, n. 11, p. 5-14, 2001.

GOUVEIA, V. O individualismo e o coletivismo normativo: comparação de dois modelos. In: Gouveia, Valdiney; Ros, Maria (Org). **Psicologia Social dos Valores Humanos**. São Paulo: Senac, p. 115–147, 2006.

GOUVEIA, V.; CLEMENTE, M.; ESPINOSA, P. The horizontal e vertical attributes of Individualism and Collectivism in Spanish population. **Journal of Social Psychology**, v. 143, p. 43-64, 2003.

GOUVEIA, V.; et al. Escala multi-fatorial de individualismo e coletivismo: elaboração e validação de constructo. **Psicologia: Teoria e Pesquisa**, v. 18, n. 2, p. 203-212, 2002.

GOUVEIA, V.; et al. Dimensões normativas do individualismo e coletivismo: é suficiente a dicotomia pessoal vs. social? **Revista Reflexão e Crítica**, v. 16, n. 2, p. 223-234, 2003.

GREENWALD, A. G. The totalitarian ego: fabrication and revision of personal history. **American Psychologist**, v. 35, p. 603-618, 1980.

GREENWALD, A G.; ALBERT, R. D. Acceptance and recall of improvised arguments. **Journal of Personality and Social Psychology**, v. 8, p. 31-34, 1968.

GUDYKUNST, W.B.; et al. The influence of cultural individualism-collectivism, self construals, and individual values on communication styles across cultures. **Human Communication Research**, v. 22, n. 4, p. 451-616, 1996.

HALL, G. C. N. The self in context: implications for psychopathology and psychotherapy. **Journal of Psychotherapy Integration**, v. 13, n. 1, p. 66-82, 2003.

HARTER, S. Historical roots of contemporary issues involving self-concept. In: Bracken, B. A. **Handbook of Self-concept: Developmental, social, and clinical considerations**. New York: John Wiley & Sons, Inc., 1996.

HAMAGUCHI, E. **Nihonrashisa no saihakken [a rediscovery of Japaneseness]**. Tokyo: Nihon Keizai Shinbunsha, 1977.

HARRIS, D. V. **Involvement in sport: a somatopsychic ratio nale for physical activity**. Philadelphia, Lea & Febiger, 1973.

HEILBRUN, A. B. Measurement of masculine and feminine sex role identities as independent dimensions. **Journal of Consulting and Clinical Psychology**, v. 44, p. 183-190, 1976.

HEWITT, P. L.; GENEST, M. The ideal self: schematic processing of perfectionist content in dysphonic university students. **Journal of Personality and Social Psychology**, v. 59, p. 802-808, 1990.

HIGGINS, E. T.; et al. Self-discrepancies and emotional vulnerability: how magnitude accessibility, and type of discrepancy influence affect. **Journal of Personality and Social Psychology**, v. 51, p. 05-15, 1986.

HOFSTEDE, G. **Culture's consequence**. International differences in work-related values. Sange, 1980.

_____. The culture relativity of quality of life concept. **Academy of Management Review**, v. 9, n. 3, p. 389-398, 1984.

HUI, C. H. Measurement of individualism-collectivism. **Journal of research in Personality**, v. 22, p. 17-36, 1988.

HUI, C. H.; VILLAREAL. M. J. Individualism-collectivism and psychological needs. **Journal of Cross-Cultural Psychological**, v. 20, n. 3, p. 310-323, 1989.

HUTZ, C. S.; et al. O desenvolvimento de marcadores para a avaliação da personalidade no modelo dos cinco grandes fatores. **Psicologia: Reflexão e Crítica**, v. 2, n. 11, p. 395-410, 1998.

JACKSON, J.W.; SMITH, E. R. Conceptualizing social identity: a new framework and evidence for the impact of different dimensions. **Personality and Social Bulletin**, v. 25, p. 120-135, 1999.

JONES, W. H.; CHERNOVERTZ, M. E.; HANSSON, R. O. The enigma of androgyny: Differential implications of males and females? **Journal of Consulting and Clinical Psychology**, v. 46, p. 298-313, 1978.

JOSEPHS, R. A.; MARKUS, H. R.; TAFARODI, R. W. Gender and self-esteem. **Journal of Personality and Social Psychology**, v. 63, p. 391-402, 1992.

KAGITÇIBASI, Ç. A critical appraisal of individualism and collectivism: Toward a new formulation. In Kim,U.; et al. (Orgs.). **Individualism and collectivism: Theory, method, and applications**. Thousand Oaks: Sage, p. 52-65, 1994.

KASHIMA, Y.; et al. Culture, gender, and self: a perspective from individualism-collectivism research. **Journal of Personality and Social Psychology**, v. 69, p. 925-937, 1995.

KATO, K.; MARKUS, H. R. The role of possible selves in memory. **Psychologia: An International Journal of Psychology in the Orient**, v. 36, n. 2, p. 73-83, 1993.

KITAYAMA, S.; et al. **Self-other similarity judgments depend on culture**. Paper no publisher. University of Michigan, Ann Arbor, 1991.

KITAYAMA S.; et al. Individual and collective process in the construction of the self: self enhancement in the United States and self-criticism in Japan. **Journal of Personality and Social Psychology**, v. 71, p. 1245-1267, 1997.

KITSANTAS, A.; ZIMMERMAN, B. J. Comparing self-regulatory processes among novice, non-expert, and expert volleyball players: A microanalytic study. **Journal Applied Sport Psychology**, v. 14, n. 2, p. 91-105, 2002.

KLEIN, H. M.; WILLERMAN, L. Psychological masculinity and femininity and typical and maximal dominance expression in women. **Journal of Personality and Social Psychology**, v. 37, p. 2059-2070, 1979.

KRING, A. M.; GORDON, A. H. Sex differences in emotion: expression, experience, and physiology. **Journal of Personality and Social Psychology**, v. 74, p. 686-703, 1998.

KRULL, et al. The fundamental attribution error: correspondence bias in individualist and collectivist cultures. **Personality and Social Psychology Bulletin**, v. 25, p. 1208-1219, 1999.

KUIPER, N. A.; ROGERS, T. B. Encoding of personal information: self-other differences. **Journal of Personality and Social Psychology**, v. 37, p. 499-514, 1979.

LEE, L.; WARD, C. Ethnicity, idiocentrism-allocentrism, and intergroup attitudes. **Journal of Applied Social Psychology**, v. 28, n. 2, p. 109-123, 1998.

LEVENSON, H. Activism and powerful others: Distinctions within the concept of internal-external control. **Journal of Personality Assessment**, n. 38, p. 377-383, 1974.

LEWICKI, P. Self-image bias in person perception. **Journal of Personality and Social Psychology**, v. 45, p. 384-393, 1983.

_____. Self-schema and social information processing. **Journal of Personality and Social Psychology**, v. 47, p. 1177-1190, 1984.

LINVILLE, P. W. Self-complexity as a cognitive buffer against stress-related illness and depression. **Journal of Personality and Social Psychology**, v. 52, p. 663-676, 1987.

LIPPA, R. Sex typing and the perception of body outlines. **Journal of Personality**, v. 51, p. 667-682, 1983.

_____. The display of masculinity, femininity, and gender diagnosticity in self-descriptive photo essays. **Journal of Personality**, v. 65, p. 137-169, 1997.

LOBEL, T. E.; MENASHRI, J. Relations of conceptions of gender-role transgressions and gender constancy to gender-typed toy preferences. **Developmental Psychology**, v. 29, p. 150-155, 1993.

LORR, M.; MANNING, T. T. Personality correlates of the sex role types. **Journal of Clinical Psychology**, v. 34, p. 884-888, 1978.

MA, V.; SCHOENNEMAN, T. J. Individualism versus collectivism: a comparison of Kenyan and American self-concepts. **Basic and Applied Social Psychology**, v. 19, p. 261-273, 1997.

MAJOR, B.; CARNEVALE, P. J. D.; DEAUX, K. A different perspective on androgyny: evaluations of masculine and feminine personality characteristics. **Journal of Personality and Social Psychology**, v. 41, p. 988-1001, 1981.

MARKUS, H. Self-information and processing information about the self. **Journal of Personality and Social Psychology**, v. 35, p. 63-78, 1977.

MARKUS, H.; et al. Self-schemas and gender. **Journal of Personality and Social Psychology**, v. 42, p. 38-50, 1982.

MARKUS H.; MORELAND, R. L.; SMITH, J. Role of the self-concept in the perception of others. **Journal of Personality and Social Psychology**, v. 49, p. 1494-1512, 1985.

MARKUS, H.; NURIUS, P. Possible selves. **American Psychologist**, v. 41, p. 954-969, 1986.

MARKUS, H.; KITAYAMA, S. Culture and the self: implications for cognition, emotion, and motivation. **Psychological Review**, v. 98, p. 224-253, 1991.

MARKUS, H.; KUNDA, Z. Stability and malleability of the self-concept. **Journal of Personality and Social Psychology**, v. 51, p. 858-866, 1986.

MARKUS, H.; WURF, E. The dynamic self-concept: a social psychological perspective. **Annual Review of Psychology**, v. 38, p. 299-337, 1987.

MARSH, H. W. Age and sex effects in multiple dimensions of self-concepts: preadolescents to early adulthood. **Journal of Educational Psychology**, v. 81, p. 417-430, 1989.

_____. The multidimensional structure of physical fitness: invariance over gender and age. **Research Quarterly for Exercise and Sport**, v. 64, p. 256-273, 1993.

MARSH, H. W.; RELICH, J. D.; SMITH, I. D. Self-concept: the construct validity of interpretations based upon the SDQ. **Journal of Personality and Social Psychology**, v. 45, p. 173-187, 1983.

MARSH, H. W.; BARNES, J.; HOCEVAR, D. Self-other agreement on multidimensional self-concept ratings: factor analysis and multitrait-multimethod analysis. **Journal of Personality and Social Psychology**, v. 49, p. 1360-1377, 1985.

MARSH, H. W.; BARNES, J.; RICHARDS, G. E. Multidimensional self-concepts: the effect of participation in outward bound program. **Journal of Personality and Social Psychology**, v. 50, p. 195-204, 1986.

MARSH, H. W.; BYRNE, B. M.; SHAVELSON, R. J. A multifaceted academic Self-concept: Its hierarchical structure and its relation to academic achievement. **Journal of Educational Psychology**, v. 80, p. 366-380, 1988.

MARSH, H. W.; CRAVEN, R. G.; DEBUS, R. Self-concepts of young children 5 to 8 years of age: measurement and multidimensional structure. **Journal of Educational Psychology**, v. 83, p. 377-392, 1991.

MARSH, H. W.; BYRNE, B. M. Differentiated additive androgyny model: Relations between masculinity, femininity, and multiple dimensions of self-concepts. **Journal of Personality and Social Psychology**, v. 61, p. 811-828, 1991.

MARSH, H. W.; HATTIE, J. Theoretical perspectives on the structure of self-concept. In: Bracken, B. A. (Org.), **Handbook of Self-concept: Developmental, social and clinical considerations**. New York: John Wiley & Sons, Inc., 1996.

MARSH, H. W.; et al. Physical self-description questionnaire: psychometric properties and a multitrait-multimethod analysis of relations to existing instruments. **Journal of Sport & Exercise Psychology**, v. 16, p. 270-305, 1994.

MARSHALL, R. Variances in levels of individualism across two cultures and three social class. **Journal of Cross-Cultural Psychology**, v. 28, p. 490-495, 1997.

MATSUMOTO, David. The contribution of individualism vs. collectivism to cross-national differences in display rules. **Asian Journal of Social Psychology**, v. 1, p. 147-165, 1998.

McCUTCHEON, L. E.; DAVID, D. Can individualists find satisfaction participating in interactive team sports? **The of Sports Behavior**, v. 22, n. 4, p. 570-577, 1999.

MILLS, C. J. Sex-typing and self-schema effects on memory and response latency. **Journal of Personality and Social Psychology**, v. 45, p. 163-172, 1983.

MORGAN, W. Sport Psychology. IN: SINGER. **The psychomotor domain: movement behavior**. Philadelphia, Lea & Febiger, 1972.

_____. Test of Champions: The iceberg profile. **Psychology Today**, v.14, p. 92-108, 1980.

MORLING, B.; LAMOREAUX, M. Measuring culture outside the head: a meta-analysis of individualism-collectivism in cultural products. **Personality and Social Psychology Review**, v. 12, n. 3, p. 199-221, 2008.

MORRIS, T. Psychological characteristics and talent identification in soccer. **Journal of Sports Science**, v. 18, p. 715-726, 2000.

NASBY, W. Private and public self-consciousness and articulation of the self-schema. **Journal of Personality and Social Psychology**, v. 56, p. 117-123, 1989.

NIX, J.; LOHR, J. M.; STAUFFACHER, R. Relationship of sex, sex-role orientation and a self-report measure of assertiveness in college students. **Psychological Reports**, v. 47, p. 1239-1244, 1980.

OISHI, S.; et al. The measurement of values and individualism-collectivism. **Personality and Social Psychology Bulletin**, v. 24, n. 11, p. 1177-1189, 1998.

OLIVEIRA, S. R. S.; SERASSUELO JUNIOR, H.; SIMÕES, A. C. **Caracterização e identificação dos estados de humor de atletas de judô**. In: IV CONGRESSO CIENTÍFICO LATINO-AMERICANO DE EDUCAÇÃO FÍSICA DA FACIS/UNIMEP, 2006, Piracicaba. **Anais**. Piracicaba: UNIMEP, 2006. p. 30.

OYSERMAN, D.; COON, H. M.; KEMMELMEIER, M. Rethinking individualism and collectivism: evaluation of theoretical assumptions and meta-analyses. **Psychological Bulletin**, v. 128, p. 3-72, 2002.

O'SULLIVAN, D. M.; ZUCKERMAN, M.; KRAFT, M. Personality characteristics of male and female participants in team sports. **Personality and Individual Differences**, v. 25, n. 1, p.119-128, 1998.

PAIN, M. C. C.; PEREIRA, E. F.; VILLIS, J. M. C. Temperamento e traços de personalidade de atletas de orientação. **Revista Digital – Buenos Aires**, ano 10, n. 92, enero de 2006. Disponível em: <<http://www.efdeportes.com/efd68/orient.htm>>. Acesso em: 10/08/2008.

PALMIERI, M. W. A.; BRANCO, A. U. Cooperação, competição e individualismo em uma perceptiva sócio-cultural construtivista. **Psicologia: Reflexão e Crítica**, v. 17, n. 2, p. 189-198, 2004.

PARKES, L. P; BOCHNER, S; SCHNEIDER, S. K. Individualism-collectivism and self-concept: social or contextual? **Asian Journal of Social Psychology**, v. 2, p. 367-383, 1999.

PEDERSEN, D.M. Perceived traits of male and female athletes. **Perceptual and Motor Skills**, v. 85, p. 547-550, 1997.

PELUSO, M. A. M. **Alterações de humor associadas à atividade física intensa**. 2003. 231f. Faculdade de Medicina, São Paulo, 2003, Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo. Tese de doutorado. Medicina.

REBRESTINI, F.; et al. Efeitos imediatos de duas intensidades de treinamento sobre os estados de humor em jovens voleibolistas do sexo feminino. **Revista Digital - Buenos Aires**, ano 10, enero de 2005. Disponível em: <<http://www.efdeportes.com/efd80/humor.htm>>. Acesso em: 18/10/2008.

ROGERS, T. B.; KUITER, N. A.; KIRKER, W. S. Self-reference and the encoding of personal information. **Journal of Personality and Social Psychology**, v. 35, p. 677-688, 1977.

ROSSUM, J. H. A. Psychological characteristics of elite athletes according to top level coaches. **High Ability Studies**, v. 7, n. 1, p. 15-23, 1996.

ROTTA T. M; ORTIZ S.; PACHECO C. V. **Perfil de estados de humor de atletas de diferentes modalidades esportivas de Florianópolis**. Anais da Amostra em Práticas de Psicologia de Santa Catarina. Florianópolis, 2003.

RUSHTON, J. P.; JACKSON, D. N.; PAUNONEN, S. V. Personality: nomothetic or idiographic? A response to Kenrick and Stringfield. **Psychological Review**, v. 88, p. 582-589, 1981.

SAMPSON, E. E. The decentralization of identity: Toward a revised concept of personal and social order. **American Psychologist**, v. 40, p. 1203-12011, 1985.

_____. The debate on individualism: indigenous psychologies of the individual and their role in personal and societal functioning. **American Psychologist**, v. 43, p. 15-22, 1988.

_____. The challenge of social change for psychology: globalization and psychology's theory of the person. **American Psychologist**, v. 44, p. 914-921, 1989.

SAMULSKI, D. **Psicologia do esporte: teoria e aplicação prática**. Barueri: Manole, 2002.

SANTOS, S. G.; PEREIRA, S. A. Perfil do nível de ansiedade-traço pré-competitiva de atletas de esportes coletivos e individuais do Estado do Paraná. **Revista Movimento**, v.4, n. 6, p. 3-13, 1997.

SATO, T.; CAMERON, J. E. The relationship between collective self-esteem and self-construal in Japan and Canada. **Journal of Social Psychology**, v. 139, p. 426-443, 1999.

SCHIMMACK, U.; OISHI, S.; DIENER E. Individualism: a valid and importance dimension of cultural difference between nations. **Personality and Social Psychology Review**, v. 9, n. 1, p. 17-31, 2005.

SCHLENKER, B. R.; MILLER, R. S. Egocentrism in groups: self-serving biases or logical information processing? **Journal of Personality and Social Psychology**, v. 35, p. 755-764, 1977.

SCOPEL, E.; ANDRADE, A.; LEVANDOWSKI, D. C. Avaliação das características de personalidade de goleiros profissionais e amadores. **Psicologia: Ciência e Profissão**, v. 26, n. 2, p. 270-279, 2006.

SCHNEIDER, A. T.; et al. Saúde psíquica e saúde social das atletas da seleção olímpica feminina de handebol do Brasil. **Fitness, Performance Journal**, v. 6, n. 5, p. 325-330, 2007.

SCHAWARTZ, S. H. Individualism-collectivism: critique and proposed refinements. **Journal of Cross-Cultural Psychology**, v. 21, n. 2, p. 139-157, 1990a.

_____. Toward a theory of the universal content and structure of values: extensions and cross-cultural replication. **Journal of Personality and Social Psychology**, v. 58, n. 5, p. 878-891, 1990b.

SHAVELSON, R. J.; HUBNER, J. J.; STANTON, G. C. Validation of construct interpretations. **Review of Educational Research**, v. 46, p. 407-441, 1976.

SHOWERS, C. Compartmentalization of positive and negative self-knowledge: keeping bad apples out of the bunch. **Journal of Personality and Social Psychology**, v. 62, p. 1036-1049, 1992.

SHOWERS, C. J.; ABRAMSON, L. Y.; HOGAN, M. E. The dynamic self: how the content and structure of the self-concept change with mood. **Journal of Personality and Social Psychology**, v. 75, p. 478-493, 1998.

SHOWERS, C. J.; LARSON, B. E. Looking at body image: the organization of self-knowledge about physical appearance and its relation to disordered eating. **Journal of Personality**, v. 67, p. 659-700, 1999.

SHRAUGER, J. S.; PATTERSON, M. B. Self-evaluation and the selection of dimensions for evaluating others. **Journal of Personality**, v. 42, p. 569-585, 1974.

SHURR, T. K.; ASHLEY, M. A.; JOY, K. L. A multivariate analysis of athletics characteristics: sport type and success. **Clinical Research**, v. 3, 1977.

SILVA, J.; WEIMBERG, R. **Psychological Foundations of sports**. Illinois: Human Kinetics, 1984.

SILVERN, L. E.; RYAN, V. L. Self-rated adjustment and sex-typing on the Bem Sex-Role inventory: is masculinity the primary predictor of adjustment? **Sex Roles**, v. 5, p. 739-763, 1979.

SINGELIS, T. M. The measurement of independent and interdependent self-construals. **Personality and Social Psychology Bulletin**, v. 20, p. 580-591, 1994.

SINGELIS, T. M.; et al. Horizontal and vertical dimensions of individualism and collectivism: a theoretical and measurement refinement. **Cross-Cultural Research**, v. 29, n. 3, p. 240-275, 1995.

SINHA, J. B. P.; et al. Collectivism coexisting with individualism: in Indian scenario. **Asian Journal of Social Psychology**, v. 4, p. 133-145, 2001.

SPENCE, J. T.; HELMREICH, R.; STAPP, J. Ratings of self and peers on sex role attributes and their relation to self-esteem and conceptions of masculinity and femininity. **Journal of Personality and Social Psychology**, v. 32, p. 29-39, 1975.

STRAUMAN, T. J.; HIGGINS, E. T. Self-discrepancies as predictors of vulnerability to distinct syndromes of chronic emotional distress. **Journal of Personality**, v. 56, p. 685-707, 1988.

SCHURR, T. K.; ASHLEY, M. A.; JOY K.L. A multivariate analysis of characteristics: sports type and success. **Clinical Research**, v.3, 1977.

SWANN JR, W. B., READ, S. J. Acquiring self-knowledge: the search for feedback that fits. **Journal of Personality and Social Psychology**, v. 41, p. 1119-1128, 1981.

SWANN JR, W. B.; HILL, C. A. When our identities are mistaken: Reaffirming Self-conceptions through social interaction. **Journal of Personality and Social Psychology**, v. 43, p. 59-66, 1982.

TAKANO, Y.; OSAKA, E. An unsupported common view: comparing Japan in the USA on individualism/collectivism. **Asian Journal of Social Psychology**, v. 2, p. 311-341, 1999.

TAMAYO, A. EFA: escala fatorial de autoconceito. **Arquivo Brasileiro de Psicologia**, v. 33, p. 87-102, 1981.

THANZAMI, V.L.; ARCHER, J. Beliefs about aggression in British students from individualist and collectivist cultures. **Aggressive Behavior**, v. 31, n. 4, p. 350 – 358, 2005.

TOBACYK, J.; THOMAS, C. Correlations of masculinity and femininity to sensation seeking. **Psychological Reports**, v. 47, p. 1339-1343, 1980.

TRIANDIS, H. The self and social behavior and differing cultural contexts. **Psychological Review**, v. 96, n. 3, p. 506-520, 1989.

_____. Collectivism and individualism as cultural syndromes. **Cross-Cultural Research**, v. 27, p. 155-180, 1993.

_____. **Culture and social behavior**. New York: McGraw-Hill, 1994.

_____. **Individualism and collectivism**. Boulder, CO: West View Press, 1995.

_____. Cross-cultural psychology. **Asian Journal of Social Psychology**, v. 2, p. 127 -143, 1999.

_____. Individualism and collectivism: past, present, and future. In: MATSUMOTO, David. **The Handbook of Culture and Psychology**. New York: Oxford University Press, p. 35-50, 2001.

_____. Individualism-collectivism and personality. **Journal of Personality**, v. 69, n. 6, p. 907-924, 2002.

TRIANDIS, H. C.; et al. Allocentric versus idiocentric tendencies: convergent and discriminant validation. **Journal of Research in Personality**, v. 19, n. 4, p. 395-415, 1985.

TRIANDIS, H. C.; et al. Individualism and collectivism: cross-cultural perspectives on self in group relationships. **Journal of Personality and Social Psychology**, v. 54, n. 2, p. 323-338, 1988.

TRIANDIS, H. C.; et al. A method for determining cultural, demographic, and personal constructs. **Journal of Cross-Cultural Psychology**, v. 21, p. 302-318, 1990.

TRIANDIS, H. C.; CHAN, D. K. S. Multimethod probes of allocentrism and idiocentrism. **International Journal of Psychology**, v. 30, n. 4, p. 461-480, 1995.

TRIANDIS, H.; CHEN, X. P.; CHAN, D. K. S. Scenarios for the measurement of collectivism and individualism. **Journal of Cross-Cultural Psychology**, v. 29, n. 2, p. 275-289, 1998.

TRIANDIS, H.; GELFAND, M. J. Converging measurement of horizontal and vertical individualism and collectivism. **Journal of Personality and Social Psychology**, v. 74, n. 1, p. 118-128, 1998.

VANEK, M.; et al. **Psicologia del deporte**. Praga: Pedagogica, 1975.

VAZ, G. **Estudo comparativo dos hábitos de vida e traços de personalidade de atletas de basquetebol juvenil nos estados de Santa Catarina (Brasil) e Oklahoma (EUA)**. 2006. 230f. Dissertação de Mestrado – UDESC – Florianópolis, 2006.

VIEIRA, L. F.; et al. Estado de humor e desempenho motor: um estudo com atletas de voleibol de alto rendimento. **Revista Brasileira de Cineantropometria e Desempenho Humano**, v. 10, n. 1, p. 62-68, 2008.

VIJVER, F.J.R.V.; WATKINS, D. Assessing similarity of meaning at the individual and country level. **European Journal of Psychological Assessment**, v. 22, n. 2, p. 69-77, 2006.

WEBB, W. M.; et al. Interaction between self-monitoring and manipulated states of self-awareness. **Journal of Personality and Social Psychology**, v. 56, p. 70-80, 1989.

WEINBERG, R. S.; GOULD, D. **Fundamentos da psicologia do esporte e do exercício**. 2. ed. Porto Alegre: Artmed, 2001.

YAMAGUCHI, S. Empirical evidence on collectivism among the Japanese. IN: KIM, U., et al. **Individualism and Collectivism: Theory, methods , and applications**. New Burg Park, CA: Sage, p. 175-188, 1994.

YAMAGUCHI, S.; KUHLMAN, D. M.; SUGIMORI, S. Personality correlates of allocentrism tendencies in individualist and collectivists cultures. **Journal of Cross-Cultural Psychology**, v. 26, p. 658-672, 1995.

YANG, K. S. Indigenous Personality Research: The Chinese Case. IN: KIM, U.; YANG, K.S.; HWANG, K.K. **Indigenous and Cultural Psychology**. USA: Springer. 285-314, 2004.

YONGE, G. D. The Bem sex-role inventory: use with caution if at all. **Psychological Reports**, v. 43, p. 1245-1246, 1978.

ZHANG, J.; NORVILITIS, J. M.; INGERSOLL, T. S. Idiocentrism, Allocentrism, Psychological Well Being and Suicidal Ideation: A Cross Cultural Study. **Journal of Death and Dying**, v. 55, n. 2, p. 131-144, 2007.

APÊNDICES

Apêndice 01 Formação do Caderno

TERMO DE CONSENTIMENTO

Caro Atleta.

Este instrumento que você acaba de receber tem por fim a coleta de dados sobre o perfil do atleta de alto nível no Brasil. Os mesmos serão utilizados para a Validação do Inventário de Perfil Idiocêntrico- Allocêntrico de Atletas (Perfil I-A). Solicitamos a sua elaboração no fornecimento de respostas para os dados, sendo assegurando a todos os participantes o sigilo e o anonimato das informações prestadas.

Quaisquer informações estarão à disposição nos telefones (61) 3356-9041 ou 9280-0222 com Gislane Ferreira de Melo ou no Comitê de Ética da Universidade Católica de Brasília.

Concordo com os termos propostos acima.

Assinatura do Colaborador

IMEGA (homens)



Neste questionário estão listadas algumas frases relacionadas ao **autoconceito**.
O **autoconceito** pode ser definido como a percepção que você possui de si mesmo.

Por favor, leia as frases abaixo e utilize a escala de 0 a 4 para avaliá-las.
A escala avalia o quanto cada frase se aplica a você.

0 = Não se aplica;
1 = Aplica-se pouco;
2 = Aplica-se moderadamente;
3 = Aplica-se muito;
4 = Aplica-se totalmente.

Não é necessário que você se identifique e não há respostas certas ou erradas.
Evite deixar respostas em branco.

N.	ITENS	ESCALA				
		0	1	2	3	4
01	Respeito os espaços e limites dos outros	0	1	2	3	4
02	Quero que os meus desejos prevaleçam sobre os dos demais	0	1	2	3	4
03	Minha beleza física atrai as pessoas	0	1	2	3	4
04	Transfiro para os outros aquelas tarefas que deixei de cumprir	0	1	2	3	4
05	Critico as pessoas quando estas cometem erros	0	1	2	3	4
06	Gosto de desbravar ambientes desconhecidos	0	1	2	3	4
07	Fico violento ao ser contrariado	0	1	2	3	4
08	Luto por aquilo que desejo	0	1	2	3	4
09	Dependo do apoio dos demais para me decidir	0	1	2	3	4
10	Sou sensual	0	1	2	3	4
11	Encaro os fatos com objetividade, sem me emocionar	0	1	2	3	4
12	Sou indiferente ao sofrimento dos outros	0	1	2	3	4
13	Compartilho as minhas emoções com a pessoa amada	0	1	2	3	4
14	Busco prazer em tudo o que faço	0	1	2	3	4
15	Gosto de exercer o controle sobre os outros	0	1	2	3	4
16	Visto-me com elegância	0	1	2	3	4
17	Busco minhas metas com determinação	0	1	2	3	4
18	Cumpro as minhas tarefas diárias para que estas não recaiam sobre os outros	0	1	2	3	4

19	Trato os assuntos com objetividade	0	1	2	3	4
20	Seduzo as pessoas com meu charme e sensualidade	0	1	2	3	4
21	Sinto-me deslocado em eventos sociais	0	1	2	3	4
22	Tomo minhas decisões visando o bem, tanto para mim quanto para os demais	0	1	2	3	4
23	Agrido as pessoas, fisicamente e/ou verbalmente, quando me sinto frustrado	0	1	2	3	4
24	Estou presente quando minha companheira necessita de algum apoio	0	1	2	3	4
25	Luto pelos meus ideais	0	1	2	3	4
26	Sou ingrato com aqueles que me ajudam	0	1	2	3	4
27	Sinto prazer em cutucas os pontos fracos das pessoas	0	1	2	3	4
28	Procuro ser o melhor naquilo que faço	0	1	2	3	4
29	Fico mal-humorado quando contrariam os meus desejos	0	1	2	3	4
30	Sou tímido	0	1	2	3	4
31	Compartilho os meus sentimentos com a minha companheira	0	1	2	3	4
32	Preocupo-me com a minha aparência	0	1	2	3	4
33	Vivo dividido entre aquilo que quero e aquilo que esperam de mim	0	1	2	3	4
34	Por preguiça, deixo para amanhã o que posso fazer hoje	0	1	2	3	4
35	Apono os erros cometidos pelos outros	0	1	2	3	4
36	Gosto de assumir a liderança nas atividades	0	1	2	3	4
37	Procuro manter uma conversa agradável ao estar com outras pessoas	0	1	2	3	4
38	Tomo cuidado para que minhas atitudes não venham a prejudicar terceiros	0	1	2	3	4
39	Sou do tipo racional	0	1	2	3	4
40	Digo coisas insensatas ao sentir-me pressionado emocionalmente	0	1	2	3	4
41	Sou charmoso	0	1	2	3	4
42	Mal terminei uma atividade e já estou pensando na próxima	0	1	2	3	4
43	Gosto de enfrentar novos desafios	0	1	2	3	4
44	Compartilho as alegrias e tristezas vividas pela minha companheira	0	1	2	3	4
45	Tenho medo de me expressar e ser criticado pelos demais	0	1	2	3	4
46	Conforto as pessoas que dividem comigo os seus problemas	0	1	2	3	4
47	Sou negligente com coisas importantes	0	1	2	3	4
48	Quero que as minhas opiniões prevaleçam sobre as dos demais	0	1	2	3	4
49	Minha conversa somada ao meu aspecto físico torna-me atraente	0	1	2	3	4

50	Sou grato àqueles que me ajudam	0	1	2	3	4
51	Fico irritado quando as pessoas não compreendem os meus pontos-de-vista	0	1	2	3	4
52	Gosto de compartilhar os fatos diários vividos pela minha companheira	0	1	2	3	4
53	Sou grosseiro com aqueles que discordam de minhas opiniões	0	1	2	3	4
54	Sou honesto	0	1	2	3	4
55	Gosto de dar a última palavra	0	1	2	3	4
56	Sou crítico	0	1	2	3	4
57	Exponho os meus pensamentos de forma lógica	0	1	2	3	4
58	A moral rege a minha conduta diária	0	1	2	3	4
59	Sou realista	0	1	2	3	4
60	Resolvo os problemas de forma prática	0	1	2	3	4
61	A lealdade faz parte dos princípios que regem a minha vida	0	1	2	3	4
62	Vivo de acordo com as expectativas dos outros	0	1	2	3	4
63	Sou íntegro	0	1	2	3	4
64	Faço comentários depreciativos daquilo e/ou daqueles que me incomodam	0	1	2	3	4
65	Sou injusto com as pessoas quando tenho os meus desejos contrariados	0	1	2	3	4
66	Trato rudemente as pessoas	0	1	2	3	4
67	Deixo de ousar porque tenho medo de errar e ser criticado pelos demais	0	1	2	3	4
68	Minhas atitudes impulsivas acabam atingindo terceiros	0	1	2	3	4
69	Vivo a procura de novos desafios	0	1	2	3	4
70	Torno-me desagradável quando sou obrigado a fazer aquilo que não quero	0	1	2	3	4
71	Sou inflexível quanto aos meus pontos-de-vista e opiniões.	0	1	2	3	4

IFEGA (mulheres)



Neste questionário estão listadas algumas frases relacionadas ao **autoconceito**.
O **autoconceito** pode ser definido como a percepção que você possui de si mesmo.

Por favor, leia as frases abaixo e utilize a escala de 0 a 4 para avaliá-las.
A escala avalia o quanto cada frase se aplica a você.

0 = Não se aplica;
1 = Aplica-se pouco;
2 = Aplica-se moderadamente;
3 = Aplica-se muito;
4 = Aplica-se totalmente.

Não é necessário que você se identifique e não há respostas certas ou erradas.
Evite deixar respostas em branco.

N.	ITENS	ESCALA				
		0	1	2	3	4
01	Preocupo-me com a minha aparência	0	1	2	3	4
02	Procuro me destacar naquilo que faço	0	1	2	3	4
03	Trago comigo a lembrança de cada ofensa e de seu ofensor	0	1	2	3	4
04	Trato os assuntos com objetividade	0	1	2	3	4
05	Gosto de exercer o controle sobre os outros	0	1	2	3	4
06	Sou descuidada com a minha saúde	0	1	2	3	4
07	Sou tímida	0	1	2	3	4
08	Gosto de cutucar os pontos fracos das pessoas	0	1	2	3	4
09	Luto pelos meus ideais	0	1	2	3	4
10	Gosto de falar da vida dos outros	0	1	2	3	4
11	Exponho os meus pensamentos de forma lógica	0	1	2	3	4
12	O meu jeito de ser agrada as pessoas	0	1	2	3	4
13	Quero que os meus desejos prevaleçam sobre os dos demais	0	1	2	3	4
14	A forma como me movimento exprime sensualidade	0	1	2	3	4
15	Invejo aqueles que alcançam aquilo que eu gostaria de alcançar	0	1	2	3	4
16	Busco minhas metas com determinação	0	1	2	3	4
17	Sinto-me deslocada em eventos sociais	0	1	2	3	4
18	Vejo segundas intenções nas atitudes dos outros	0	1	2	3	4
19	A fidelidade faz parte dos princípios que regem a minha vida	0	1	2	3	4

20	Planejo o troco de cada ofensa recebida	0	1	2	3	4
21	Minha beleza física atrai as pessoas	0	1	2	3	4
22	A moral rege a minha conduta diária	0	1	2	3	4
23	Sou desorganizada	0	1	2	3	4
24	Luto por aquilo que desejo	0	1	2	3	4
25	Seduzo as pessoas com o meu charme e sensualidade	0	1	2	3	4
26	A forma como me visto é peça fundamental na arte da sedução	0	1	2	3	4
27	A lealdade faz parte dos princípios que regem a minha vida	0	1	2	3	4
28	Transfiro para os outros aquelas tarefas que deixei de cumprir	0	1	2	3	4
29	Busco prazer em tudo o que faço	0	1	2	3	4
30	Irrito-me quando os meus planos não se realizam conforme o planejado	0	1	2	3	4
31	Desconfio das intenções dos outros	0	1	2	3	4
32	Resolvo os problemas de forma prática	0	1	2	3	4
33	Procuro ser original naquilo que faço	0	1	2	3	4
34	A harmonia de minhas formas corporais atrai as pessoas	0	1	2	3	4
35	Tomo cuidado para que minhas atitudes não venham prejudicar terceiros	0	1	2	3	4
36	Fico violenta ao ser contrariada	0	1	2	3	4
37	Quero que aquele(s) que amo só tenham olhos para mim	0	1	2	3	4
38	Sou charmosa	0	1	2	3	4
39	Presto favores quando sei que poderei retirar alguma vantagem	0	1	2	3	4
40	Expresso as minhas opiniões, sem medo de ser criticada	0	1	2	3	4
41	Sou desleixada com a minha aparência física	0	1	2	3	4
42	Vou direto aos assuntos, sem fazer rodeios	0	1	2	3	4
43	Gosto de saber tudo o que está se passando na vida dos outros	0	1	2	3	4
44	Sinto ciúme quando os outros se aproximam de pessoas que eu gosto	0	1	2	3	4
45	Sou atraente	0	1	2	3	4
46	Quando convém, transpareço ser aquilo que não sou	0	1	2	3	4
47	Sou caprichosa ao realizar as minhas tarefas	0	1	2	3	4
48	Por preguiça, deixo para amanhã o que posso fazer hoje	0	1	2	3	4
49	Vivo calada e recolhida em meus pensamentos	0	1	2	3	4
50	Sou criativa	0	1	2	3	4

51	Procuro viver uma vida sem rotinas	0	1	2	3	4
52	Busco as novas tendências no campo em que trabalho	0	1	2	3	4
53	Minha forma de vestir é deselegante	0	1	2	3	4
54	Gosto de enfrentar novos desafios	0	1	2	3	4
55	Minha conduta segue as normas ditadas pela moral e os bons costumes	0	1	2	3	4
56	Fico mal-humorada ao ter os meus desejos contrariados	0	1	2	3	4
57	Sou íntegra	0	1	2	3	4
58	Sou desleixada com as minhas coisas (roupas, objetos, etc)	0	1	2	3	4
59	Sou sensível à dor e ao sofrimento dos outros	0	1	2	3	4
60	Sou negligente com assuntos importantes	0	1	2	3	4
61	Sou delicada	0	1	2	3	4
62	Faço comentários depreciativos daquele e/ou daquilo que me incomodam	0	1	2	3	4
63	Sou grosseira com aqueles que me contrariam	0	1	2	3	4
64	Dependo do apoio dos demais para tomar minhas decisões	0	1	2	3	4
65	Agrido verbalmente as pessoas quando me sinto frustrada	0	1	2	3	4
66	Sou injusta com as pessoas quando tenho os meus desejos contrariados	0	1	2	3	4
67	Gosto de assumir a liderança	0	1	2	3	4
68	Visto-me com elegância	0	1	2	3	4
69	Sou romântica	0	1	2	3	4
70	Acredito em amores eternos	0	1	2	3	4
71	Tenho idéias inovadoras naquilo que faço	0	1	2	3	4
72	Vivo dividida entre aquilo que quero e aquilo que esperam de mim	0	1	2	3	4
73	Tomo as minhas decisões, baseando-me nas opiniões dos outros	0	1	2	3	4
74	Sou jeito de ser é sensual	0	1	2	3	4
75	Sou honesta	0	1	2	3	4

PERFIL I-A

Este questionário visa avaliar **como você se sente em relação a diversos aspectos de sua vida atlética**. Sua função será ler os itens abaixo e julgar o **quanto cada item se aplica** a você. Para isto, utilize a escala:

0 = Não se aplica;
1 = Aplica-se pouco;
2 = Aplica-se moderadamente;
3 = Aplica-se muito;
4 = Aplica-se totalmente.

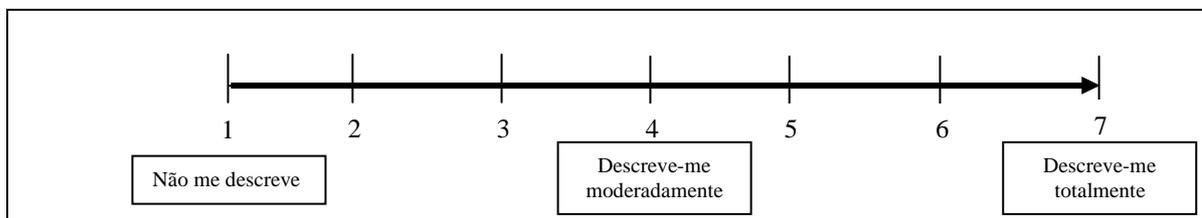
N	Itens	Escala				
		0	1	2	3	4
1	Sinto prazer em competir.	0	1	2	3	4
2	Sinto cada treino como um novo desafio.	0	1	2	3	4
3	Considero os meus treinamentos um ritual diário através do qual alcanço o sucesso desportivo.	0	1	2	3	4
4	Confio plenamente na capacidade profissional do meu técnico.	0	1	2	3	4
5	Assumo os erros da equipe se for preciso.	0	1	2	3	4
6	Meus colegas de equipe são, também, colegas para outros eventos sociais.	0	1	2	3	4
7	Gosto de ter a atenção exclusiva do técnico a respeito da minha performance após as competições.	0	1	2	3	4
8	Gosto de escutar a torcida me incentivando.	0	1	2	3	4
9	Procuro manter a união e a coesão da equipe.	0	1	2	3	4
10	Gosto de me superar a cada competição.	0	1	2	3	4
11	Sou assíduo aos treinamentos porque eles me propiciarão atingir meus objetivos de sucesso na carreira atlética.	0	1	2	3	4
12	Fico entusiasmado ao ser classificado para participar de competições nacionais e internacionais.	0	1	2	3	4
13	Minha meta é ser o melhor atleta da equipe.	0	1	2	3	4
14	Encaro cada treinamento como uma competição, procurando sempre me destacar da equipe.	0	1	2	3	4
15	Deixo a minha equipe, se for convidado para participar de uma equipe mais forte.	0	1	2	3	4
16	Gosto da sensação de vencer.	0	1	2	3	4
17	Deixo o meu técnico se for convidado para participar da equipe de um outro técnico que apresente melhores resultados.	0	1	2	3	4
18	Realizo-me através do sucesso de minha equipe.	0	1	2	3	4
19	Sou fiel ao meu técnico.	0	1	2	3	4
20	Sirvo de amparo emocional e dou apoio psicológico aos meus colegas de equipe.	0	1	2	3	4
21	Sou competitivo por natureza.	0	1	2	3	4

22	Se for preciso, sacrifico meus objetivos pessoais em favor da equipe.	0	1	2	3	4
23	Gosto de treinamentos duros em que me destaco diante dos meus colegas de equipe.	0	1	2	3	4
24	Sofro quando vejo algum colega de equipe triste porque não obteve bons resultados.	0	1	2	3	4
25	Além de minha vida esportiva, o meu técnico participa de minha vida social.	0	1	2	3	4
26	Interesso-me apenas pelo meu treino, sem me preocupar com o desempenho do restante da equipe.	0	1	2	3	4
27	Fico irritado quando o meu desempenho não é bom.	0	1	2	3	4
28	Sinto-me mais poderoso a cada competição que venço.	0	1	2	3	4
29	Irrito-me com membros da equipe que prejudicam o desempenho do grupo e a classificação final da equipe.	0	1	2	3	4
30	Para mim, o importante é vencer.	0	1	2	3	4
31	Quero obter lucros financeiros com minha carreira atlética.	0	1	2	3	4
32	Preocupo-me com o bem-estar dos colegas de minha equipe.	0	1	2	3	4
33	Minha meta enquanto atleta é ser reconhecido pelos meios de comunicação.	0	1	2	3	4
34	Sou leal ao meu clube.	0	1	2	3	4

BIG FIVE

Instruções

Este questionário visa avaliar a sua personalidade. Sua função será analisar os itens abaixo e indicar o quanto cada item o descreve, através de uma escala que caminha de 1 a 7. Quanto maior o número da escala, mais o item o descreve apropriadamente. Não há respostas certas ou erradas. Evite deixar respostas em branco.



Itens	Escala						
	1	2	3	4	5	6	7
1. Aborrecido (a)	1	2	3	4	5	6	7
2. Acanhado (a)	1	2	3	4	5	6	7
3. Afável	1	2	3	4	5	6	7
4. Agradável	1	2	3	4	5	6	7
5. Amável	1	2	3	4	5	6	7
6. Amigável	1	2	3	4	5	6	7
7. Ansioso (a)	1	2	3	4	5	6	7
8. Antipático (a)	1	2	3	4	5	6	7
9. Apaixonado (a)	1	2	3	4	5	6	7
10. Artístico (a)	1	2	3	4	5	6	7
11. Assertivo (a)	1	2	3	4	5	6	7
12. Assíduo (a)	1	2	3	4	5	6	7
13. Audacioso (a)	1	2	3	4	5	6	7
14. Aventureiro (a)	1	2	3	4	5	6	7
15. Bondoso (a)	1	2	3	4	5	6	7
16. Calado (a)	1	2	3	4	5	6	7
17. Compenetrado (a)	1	2	3	4	5	6	7
18. Compreensível	1	2	3	4	5	6	7
19. Comunicativo (a)	1	2	3	4	5	6	7
20. Corajoso (a)	1	2	3	4	5	6	7
21. Criativo (a)	1	2	3	4	5	6	7
22. Cuidadoso (a)	1	2	3	4	5	6	7
23. Curioso (a)	1	2	3	4	5	6	7
24. Dedicado (a)	1	2	3	4	5	6	7
25. Delicado (a)	1	2	3	4	5	6	7
26. Deprimido (a)	1	2	3	4	5	6	7
27. Desembaraçado (a)	1	2	3	4	5	6	7
28. Desorganizado (a)	1	2	3	4	5	6	7
29. Dócil	1	2	3	4	5	6	7
30. Eficiente	1	2	3	4	5	6	7
31. Egoísta	1	2	3	4	5	6	7
32. Enérgico (a)	1	2	3	4	5	6	7
33. Engraçado (a)	1	2	3	4	5	6	7
34. Envergonhado (a)	1	2	3	4	5	6	7
35. Esforçado (a)	1	2	3	4	5	6	7
36. Estudioso (a)	1	2	3	4	5	6	7
37. Extrovertido (a)	1	2	3	4	5	6	7
38. Feliz (a)	1	2	3	4	5	6	7
39. Filosófico (a)	1	2	3	4	5	6	7
40. Frio (a)	1	2	3	4	5	6	7
41. Generoso (a)	1	2	3	4	5	6	7

42. Gentil	1	2	3	4	5	6	7
43. Honesto (a)	1	2	3	4	5	6	7
44. Honrado (a)	1	2	3	4	5	6	7
45. Imaginativo (a)	1	2	3	4	5	6	7
46. Impulsivo (a)	1	2	3	4	5	6	7
47. Infeliz	1	2	3	4	5	6	7
48. Inibido (a)	1	2	3	4	5	6	7
49. Inseguro (a)	1	2	3	4	5	6	7
50. Intelectual	1	2	3	4	5	6	7
51. Introverso (a)	1	2	3	4	5	6	7
52. Meticuloso (a)	1	2	3	4	5	6	7
53. Metódico (a)	1	2	3	4	5	6	7
54. Organizado (a)	1	2	3	4	5	6	7
55. Pessimista (a)	1	2	3	4	5	6	7
56. Quietos (a)	1	2	3	4	5	6	7
57. Responsável	1	2	3	4	5	6	7
58. Romântico (a)	1	2	3	4	5	6	7
59. Sentimental	1	2	3	4	5	6	7
60. Simpático (a)	1	2	3	4	5	6	7
61. Sociável	1	2	3	4	5	6	7
62. Solitário (a)	1	2	3	4	5	6	7
63. Tímido (a)	1	2	3	4	5	6	7
64. Triste	1	2	3	4	5	6	7

Dados Pessoais

- 1) Sexo: () Masculino () Feminino
- 2) Idade: _____ anos.
- 3) Escolaridade:
() Primeiro grau incompleto () Segundo grau incompleto () Terceiro grau incompleto
() Primeiro grau completo () Segundo grau completo () Terceiro grau completo
- 4) Modalidade Esportiva que pratica: _____
- 5) Frequência semanal de treinos: _____ treinos
- 6) Duração dos treinos: _____ minutos
- 7) Tempo de prática da modalidade: _____ anos
- 8) Você participou de competições **regionais** nos últimos dois anos?
() Sim () Não
- 9) Nestas competições, você ficou classificado entre os seis melhores resultados?
() Sim () Não
- 10) Você participou de competições **nacionais** nos últimos dois anos?
() Sim () Não
- 11) Nestas competições, você ficou classificado entre os seis melhores resultados?
() Sim () Não
- 12) Você participou de competições **internacionais** nos últimos dois anos?
() Sim () Não
- 13) Nestas competições, você ficou classificado entre os seis melhores resultados?
() Sim () Não

Apêndice 02

PERFIL I-A - VALIDADO

Este questionário visa avaliar **como você se sente em relação a diversos aspectos de sua vida atlética**. Sua função será ler os itens abaixo e julgar o **quanto cada item se aplica** a você. Para isto, utilize a escala:

0 = Não se aplica;
1 = Aplica-se pouco;
2 = Aplica-se moderadamente;
3 = Aplica-se muito;
4 = Aplica-se totalmente.

N	Itens	Escala				
		0	1	2	3	4
01	Sinto prazer em competir.	0	1	2	3	4
02	Confio plenamente na capacidade profissional do meu técnico.	0	1	2	3	4
03	Considero os meus treinamentos um ritual diário através do qual alcanço o sucesso desportivo.	0	1	2	3	4
04	Assumo os erros da equipe se for preciso.	0	1	2	3	4
05	Meus colegas de equipe são, também, colegas para outros eventos sociais.	0	1	2	3	4
06	Gosto de ter a atenção exclusiva do técnico a respeito da minha performance após as competições.	0	1	2	3	4
07	Procuro manter a união e a coesão da equipe.	0	1	2	3	4
08	Gosto de me superar a cada competição.	0	1	2	3	4
09	Minha meta é ser o melhor atleta da equipe.	0	1	2	3	4
10	Encaro cada treinamento como uma competição, procurando sempre me destacar da equipe.	0	1	2	3	4
11	Deixo a minha equipe, se for convidado para participar de uma equipe mais forte.	0	1	2	3	4
12	Realizo-me através do sucesso de minha equipe.	0	1	2	3	4
13	Sou assíduo aos treinamentos porque eles me propiciarão atingir meus objetivos de sucesso na carreira atlética.	0	1	2	3	4
14	Sou fiel ao meu técnico.	0	1	2	3	4
15	Deixo o meu técnico se for convidado para participar da equipe de um outro técnico que apresente melhores resultados.	0	1	2	3	4
16	Sirvo de amparo emocional e dou apoio psicológico aos meus colegas de equipe.	0	1	2	3	4
17	Sou competitivo por natureza.	0	1	2	3	4

18	Se for preciso, sacrifico meus objetivos pessoais em favor da equipe.	0	1	2	3	4
19	Gosto de treinamentos duros em que me destaco diante dos meus colegas de equipe.	0	1	2	3	4
20	Sofro quando vejo algum colega de equipe triste porque não obteve bons resultados.	0	1	2	3	4
21	Sinto cada treino como um novo desafio.	0	1	2	3	4
22	Para mim, o importante é vencer.	0	1	2	3	4
23	Além de minha vida esportiva, o meu técnico participa de minha vida social.	0	1	2	3	4
24	Sinto-me mais poderoso a cada competição que venço.	0	1	2	3	4
25	Quero obter lucros financeiros com minha carreira atlética.	0	1	2	3	4
26	Preocupo-me com o bem-estar dos colegas de minha equipe.	0	1	2	3	4
27	Minha meta enquanto atleta é ser reconhecido pelos meios de comunicação.	0	1	2	3	4

Livros Grátis

(<http://www.livrosgratis.com.br>)

Milhares de Livros para Download:

[Baixar livros de Administração](#)

[Baixar livros de Agronomia](#)

[Baixar livros de Arquitetura](#)

[Baixar livros de Artes](#)

[Baixar livros de Astronomia](#)

[Baixar livros de Biologia Geral](#)

[Baixar livros de Ciência da Computação](#)

[Baixar livros de Ciência da Informação](#)

[Baixar livros de Ciência Política](#)

[Baixar livros de Ciências da Saúde](#)

[Baixar livros de Comunicação](#)

[Baixar livros do Conselho Nacional de Educação - CNE](#)

[Baixar livros de Defesa civil](#)

[Baixar livros de Direito](#)

[Baixar livros de Direitos humanos](#)

[Baixar livros de Economia](#)

[Baixar livros de Economia Doméstica](#)

[Baixar livros de Educação](#)

[Baixar livros de Educação - Trânsito](#)

[Baixar livros de Educação Física](#)

[Baixar livros de Engenharia Aeroespacial](#)

[Baixar livros de Farmácia](#)

[Baixar livros de Filosofia](#)

[Baixar livros de Física](#)

[Baixar livros de Geociências](#)

[Baixar livros de Geografia](#)

[Baixar livros de História](#)

[Baixar livros de Línguas](#)

[Baixar livros de Literatura](#)
[Baixar livros de Literatura de Cordel](#)
[Baixar livros de Literatura Infantil](#)
[Baixar livros de Matemática](#)
[Baixar livros de Medicina](#)
[Baixar livros de Medicina Veterinária](#)
[Baixar livros de Meio Ambiente](#)
[Baixar livros de Meteorologia](#)
[Baixar Monografias e TCC](#)
[Baixar livros Multidisciplinar](#)
[Baixar livros de Música](#)
[Baixar livros de Psicologia](#)
[Baixar livros de Química](#)
[Baixar livros de Saúde Coletiva](#)
[Baixar livros de Serviço Social](#)
[Baixar livros de Sociologia](#)
[Baixar livros de Teologia](#)
[Baixar livros de Trabalho](#)
[Baixar livros de Turismo](#)